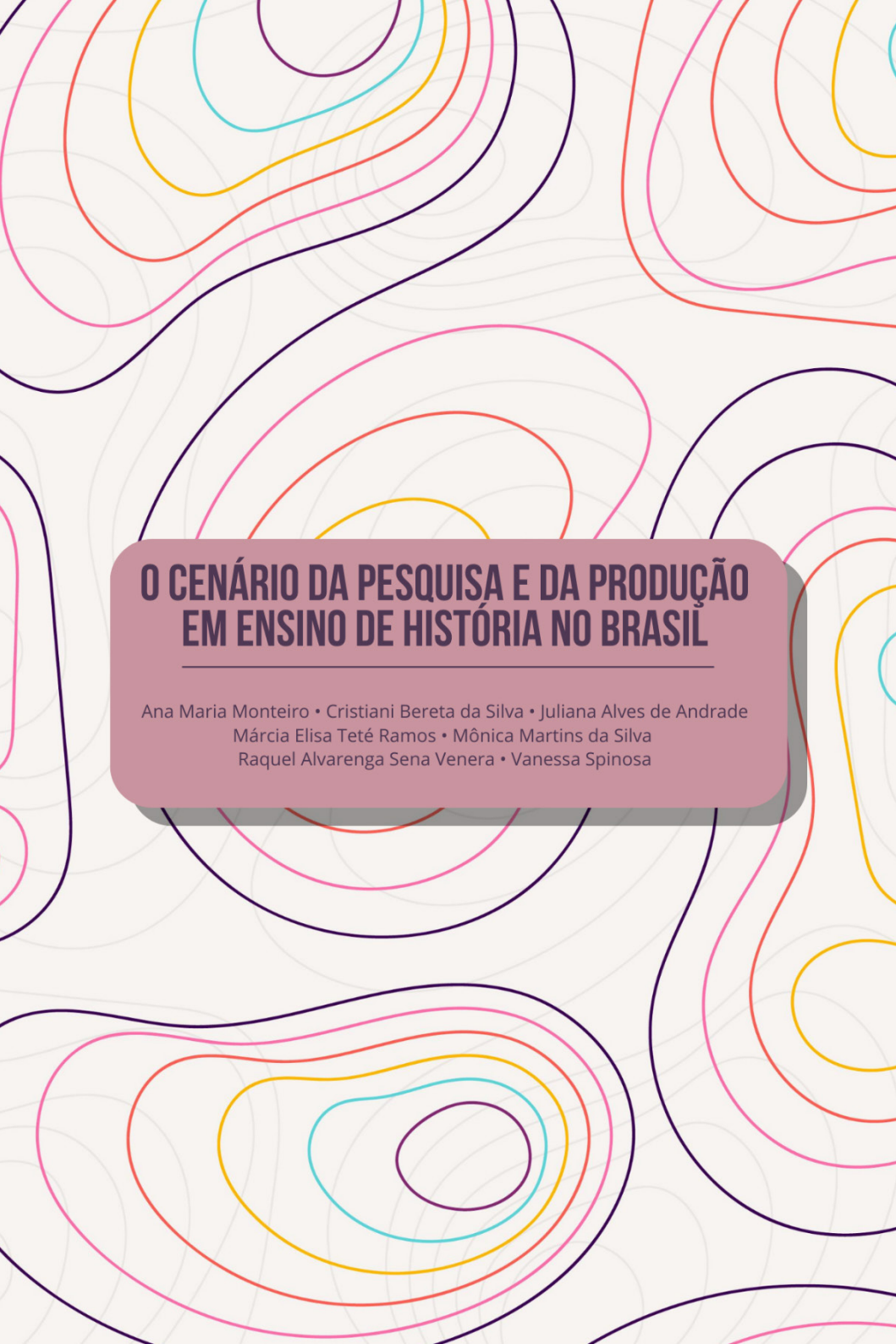




O CENÁRIO DA PESQUISA E DA PRODUÇÃO EM ENSINO DE HISTÓRIA NO BRASIL

Ana Maria Monteiro • Cristiani Bereta da Silva • Juliana Alves de Andrade
Márcia Elisa Teté Ramos • Mônica Martins da Silva
Raquel Alvarenga Sena Venera • Vanessa Spinosa

O CENÁRIO DA PESQUISA E DA PRODUÇÃO EM ENSINO DE HISTÓRIA NO BRASIL



A B E H ANPU**H**

Associação Brasileira de Ensino de História

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE HISTÓRIA

O CENÁRIO DA PESQUISA E DA PRODUÇÃO EM ENSINO DE HISTÓRIA NO BRASIL

Ana Maria Monteiro

Cristiani Bereta da Silva

Juliana Alves de Andrade

Márcia Elisa Teté Ramos

Mônica Martins da Silva

Raquel Alvarenga Sena Venera

Vanessa Spinosa



O CENÁRIO DA PESQUISA E DA PRODUÇÃO EM ENSINO DE HISTÓRIA NO BRASIL

Autoras:

Ana Maria Monteiro

Juliana Alves de Andrade

Mônica Martins da Silva

Vanessa Spinosa

Cristiani Bereta da Silva

Márcia Elisa Teté Ramos

Raquel Alvarenga Sena Venera

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

O Cenário da pesquisa e da produção em ensino de história no Brasil [livro eletrônico] / Ana Maria Monteiro ... [et al.]. -- 1. ed. -- João Pessoa, PB : Editora Oitica, 2025.

PDF

Outras autoras: Cristiani Bereta da Silva, Juliana Alves de Andrade, Márcia Elisa Teté Ramos, Mônica Martins da Silva, Raquel Alvarenga Sena Venera, Vanessa Spinosa

Bibliografia

ISBN **978-85-85264-54-3**

1. Brasil - História 2. Estatística – Métodos 3. História - Estudo e ensino 4. Pesquisa 5. Relatórios educacionais I. Monteiro, Ana Maria.

II. Silva, Cristiani Bereta da. III. Andrade, Juliana Alves de. IV. Ramos, Márcia Elisa Teté. V. Silva, Mônica Martins da. VI. Venera, Raquel Alvarenga Sena. VII. Spinosa, Vanessa

25-305118.0

CDD-907

Índices para catálogo sistemático:

1. História : Estudo e ensino 907

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964



Esta obra é licenciada por uma Licença Creative Commons: Atribuição-NãoComercialSemDerivações 4.0 Internacional - CC BY-NC (CC BY-NC-ND). Os termos desta licença estão disponíveis em: <<https://creativecommons.org/licenses/>>. Direitos para esta edição cedidos à Editora Oitica pelos autores e organizadores desta obra. O conteúdo publicado é de inteira responsabilidade dos seus autores, não representando a posição oficial da Editora Oitica.

contato@editoraoitica.com.br | www.editoraoitica.com.br

João Pessoa, PB

FICHA TÉCNICA

Coordenação Geral

Associação Nacional de História - ANPUH

Diretoria Biênio 2025-2027

Presidente: Francivaldo Alves Nunes (UFPA)

Vice-Presidente: Paulo Eduardo Dias de Mello (UEPG)

Diretoria Biênio 2023-2025

Presidenta: Ana Maria Veiga (UFPB)

Vice-Presidenta: Rita de Cássia Marques (UFMG)

Associação Brasileira de Ensino de História - ABEH

Diretoria 2024 - 2025

Presidenta: Maria Aparecida Lima dos Santos (UFMS)

Vice-presidenta: Raquel Alvarenga Sena Venera (UNIVILLE)

Grupo de Trabalho Ensino de História e Educação -
GTEHE/ANPUH

COORDENAÇÃO 2025-2027

Felipe Dias de Oliveira Silva (SEMED Juiz de Fora)

Veronica Aparecida Silveira Aguiar (UNIR)

Cyntia Simioni França (Unespar)

COORDENAÇÃO 2023-2025

Vanessa Spinosa (UFRN)

Marcela Albaine Farias da Costa (UFRR)

Arrovani Luiz Fonseca (SEDUC-SP/Anpuh-SP)

Conselho editorial

Adriana Ralejo, Gehprof/UFRJ

Ana Beatriz Bernardes, PPGH UFG

Arnaldo Pinto Junior, Unicamp

Cristiano Nicolini, UFG

Erinaldo Vicente Cavalcanti, UFPA

Felipe Dias de Oliveira Silva, Unicamp

Geane Bezerra Cavalcanti, UFRPE/Secretaria do Estado de Educação da Paraíba

Letícia Ribas Diefenthaler Bohn, UNIVILLE

Lucília Maria Santiso Dieguez, Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro

Luciana Borgerth Vial Corrêa, PUCRJ

Mariana de Oliveira Amorim, Unirio

Rafaela Albergaria Mello, SEEDUC-RJ

Raquel Alvarenga Sena Venera, Univille

Sonia Maria de Almeida Ignatiuk Wanderley, UERJ

Gestão administrativa e financeira do projeto

Associação Nacional de História - ANPUH

Revisão

Luiz Fernando Lunardello

Projeto editorial e design gráfico

Heitor Augusto de Farias Oliveira

AGRADECIMENTOS

Nossos agradecimentos a todas as pessoas que contribuíram para a confecção desta obra, oferecendo dados, informações, localizações de acervos, grupos de pesquisa e publicações para a construção de nossos argumentos. Sem cada um de vocês seria impossível conseguirmos chegar a este material.

LISTA DE FIGURAS

- 56** Figura 1 - Expansão dos Grupos de Pesquisa por Região
- 59** Figura 2 - Distribuição dos Grupos de Pesquisa pela Denominação
- 63** Figura 3 - Dados sobre crescimento dos Grupos de Pesquisa-Ensino de História
- 64** Figura 4 - Liderança dos Grupos de Pesquisa - Gênero
- 65** Figura 5 - Distribuição dos Grupos de Pesquisa em Ensino de História por região
- 67** Figura 6 - Pós-Graduação em História com linhas ou áreas Ensino de História no Brasil
- 69** Figura 7 - Programas de Pós-Graduação Profissionais em Ensino de História por região
- 72** Figura 8 - Laboratórios de Ensino de História no Brasil
- 73** Figura 9 - Nuvem de Palavras - Ações Desenvolvidas por Laboratórios de Ensino de História
- 74** Figura 10 - Palavras-chave das ações desenvolvidas nos Laboratórios de Ensino de História
- 89** Figura 11 - Produções de Artigos
- 100** Figura 12 - Frequência de palavras-chave nos títulos dos livros
- 100** Figura 13 - Palavras em resumos dos livros

LISTA DE TABELAS

- 54** Tabela 1 – Desenvolvimento dos Grupos de Pesquisa no Brasil
- 55** Tabela 2 – Quantitativo de Grupos de Pesquisa por Área
- 60** Tabela 3 – Área de Predominância dos Grupos de Pesquisa de Ensino de História
- 82** Tabela 4 – Revista História & Ensino - Quantidade de Artigos por Ano
- 83** Tabela 5 – Revista História Hoje - Quantidade de Artigos por Ano
- 85** Tabela 6 – Artigos sobre Ensino de História (1992-1996)
- 86** Tabela 7 – Artigos sobre Ensino de História (1997-2001)
- 86** Tabela 8 – Artigos sobre Ensino de História (2002-2006)
- 87** Tabela 9 – Artigos sobre Ensino de História (2007-2011)
- 88** Tabela 10 – Artigos sobre Ensino de História (2012-2016)
- 90** Tabela 11 – Palavras-chave por ano (1992-2024)
- 99** Tabela 12 – Palavras-chave dos títulos dos livros e e-books

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABEH – Associação Brasileira de Ensino de História

ANPUH – Associação Nacional de História

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CHIELA – Congresso Ibero-americano de História da Educação Latino-americana

CIREL – Centro Interuniversitário de Pesquisa em Educação (Universidade de Lille)

CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

CONICET – Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas (Argentina)

CONIF – Conselho Nacional das Instituições da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica

CRES – Conferência Regional de Educação Superior para América Latina e Caribe

DGP – Diretório dos Grupos de Pesquisa

ENPEH – Encontro Nacional Perspectivas do Ensino de História

FEUSP – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo

FLUP – Faculdade de Letras da Universidade do Porto

GEI – George Eckert Institut

GECCEH – Grupo de Estudos Conhecimento, Currículo e Ensino de História

GTEHE – Grupo de Trabalho Ensino de História e Educação

GTPEH – Grupo de Trabalho Pesquisa e Ensino de História

IAGen – Inteligência Artificial Generativa

LAEH – Laboratório de Aprendizagem e Ensino da História

LAPEDUH – Laboratório de Pesquisa em Educação Histórica

LEH – Laboratório de Ensino de História

NEPHECs – Núcleo de Estudos e Pesquisas em História, Educação e Culturas

PCNEM – Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio

PCNs – Parâmetros Curriculares Nacionais

PNLD – Programa Nacional do Livro Didático

PPGE – Programa de Pós-Graduação em Educação

ProEB – Programa de Mestrado Profissional para Qualificação de Professores da Rede Pública de Educação Básica

ProfHistória – Programa de Pós-Graduação em Ensino de História

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

REDDIEH – Red de Especialistas en Docencia, Difusión e Investigación en Enseñanza de la Historia (México)

REDUH – Revista de Educação Histórica

REPAMEFH – Rede Panamazônica para a Formação e o Ensino de História

REUNI – Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades

RIDCS – Red Iberoamericana de Didáctica de las Ciencias Sociales

TDICs – Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação

UCAB – Universidad Católica Andrés Bello (Venezuela)

UEMG – Universidade do Estado de Minas Gerais

UFAM – Universidade Federal do Amazonas

UFBA – Universidade Federal da Bahia

UFC – Universidade Federal do Ceará

UFES – Universidade Federal do Espírito Santo

UFG – Universidade Federal de Goiás

UFGD – Universidade Federal da Grande Dourados

UFJF – Universidade Federal de Juiz de Fora

UFMA – Universidade Federal do Maranhão

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais

UFMT – Universidade Federal de Mato Grosso

UFPB – Universidade Federal da Paraíba

UFPE – Universidade Federal de Pernambuco

UFPEL – Universidade Federal de Pelotas

UFPR – Universidade Federal do Paraná

UFRB – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro

UFRN – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

UFRPE – Universidade Federal Rural de Pernambuco

UFRR – Universidade Federal de Roraima

UFS – Universidade Federal de Sergipe

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

UFSM – Universidade Federal de Santa Maria

UFU – Universidade Federal de Uberlândia

UFF – Universidade Federal Fluminense

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

UNB – Universidade de Brasília

UNEB – Universidade do Estado da Bahia

UNESPAR – Universidade Estadual do Paraná

UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas

UNIFESSPA – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará

UNIR – Universidade Federal de Rondônia

UNIRIO – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

UPF – Universidade de Passo Fundo

UPN – Universidad Pedagógica Nacional (Colômbia)

USP – Universidade de São Paulo

SOBRE AS AUTORAS

Ana Maria Monteiro é doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUCRIO) e bolsista de produtividade de pesquisa do CNPQ desde 2013. Professora titular emérita da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), atua no Programa de Pós-graduação em Educação e no Programa de Pós-graduação em Ensino de História-ProfHistória da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Sua trajetória é marcada pela pesquisa em Ensino de História, com foco na investigação dos saberes docentes, docência e formação de professores, em diferentes contextos curriculares de atuação e formação, no contemporâneo e em perspectiva histórica. É uma das principais referências nacionais nos estudos sobre o “lugar de fronteira” entre o conhecimento acadêmico e o escolar, analisando criticamente como os currículos são construídos e praticados. Lidera pesquisas que pensam a escola como espaço de produção de conhecimentos, influenciando gerações de pesquisadores(as) na área. No período de 2008 a 2015 exerceu a função de Diretora da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ e, de 2017 a 2019, a Coordenação Adjunta Nacional do ProfHistória — Programa de Pós-graduação em Ensino de História.

Cristiani Bereta da Silva é doutora em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e é professora titular da área de Ensino de História na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), atuando no Departamento de História e nos programas de pós-graduação em História (acadêmico) e em Ensino de História (ProfHistória). Desenvolve pesquisas nas áreas de História e Ensino de História em interface com a Educação, privilegiando articulações entre culturas escolar, política e histórica; narrativas e memórias. Atuou

entre os anos de 2010 e 2022 no PNLD/MEC, exercendo diferentes funções, de avaliadora, coordenadora adjunta, coordenadora pedagógica e membro de comissões técnicas. Foi editora da Revista História Hoje - ANPUH-Brasil (Biênio 2015-2017). Coordenou o Programa de Pós-Graduação em História da UDESC (2015-2018). Foi Coordenadora Adjunta na CAPES dos Programas Profissionais de História (Quadriênio 2018-2022). Atualmente coordena o Instituto de Documentação e Investigação em Ciências Humanas (IDCH) órgão setorial do Centro de Ciências Humanas e da Educação da UDESC.

Juliana Alves de Andrade é doutora em História pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e atua como docente na Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), onde leciona disciplinas como: História na Prática Pedagógica, Estágio Supervisionado em História e Metodologia do Ensino de História. Além disso, atua junto aos Programas de Pós-graduação em História Social da Cultura Regional (PGH-UFRPE) e em Ensino de História (PROFHISTÓRIA-UFPE). Desenvolve trabalhos e pesquisas sobre Aprendizagem Histórica, Avaliação da Aprendizagem, História do Tempo presente no espaço escolar, História do campo do Ensino de História e Cultura Escolar. Sua produção acadêmica é orientada para a qualificação da ação docente e para a reflexão sobre os desafios concretos enfrentados pelos(as) professores(as).

Márcia Elisa Teté Ramos é doutora em Educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) e é professora no Departamento de História da Universidade Estadual de Maringá (UEM), onde também atua no Programa de Pós-graduação em Ensino de História (PROFHISTÓRIA). Sua investigação concentra-se nos processos de ensino e aprendizagem histórica, com ênfase na análise de materiais didáticos e livros paradidáticos. Tem se dedicado a compreender como os(as) alunos(as) constroem o conhecimento histórico e quais metodologias

são mais significativas para desenvolver o pensamento histórico e crítico em meio à cultura midiática e aos revisionismos históricos não-científicos.

Mônica Martins da Silva é doutora em História pela Universidade de Brasília (UnB), professora do Departamento de Metodologia de Ensino, do Centro de Ciências da Educação, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e no Programa de Pós-graduação em Ensino de História (ProfHistória). Atua na área de História, com ênfase no campo do ensino de história e suas relações com a educação patrimonial, a educação para as relações étnico-raciais e a formação de professores(as), assim como é membro do grupo de pesquisas Patrimônio, Memória e Educação do CNPq. Atualmente, exerce a função de Coordenadora Adjunta Nacional do ProfHistória (2023-2026).

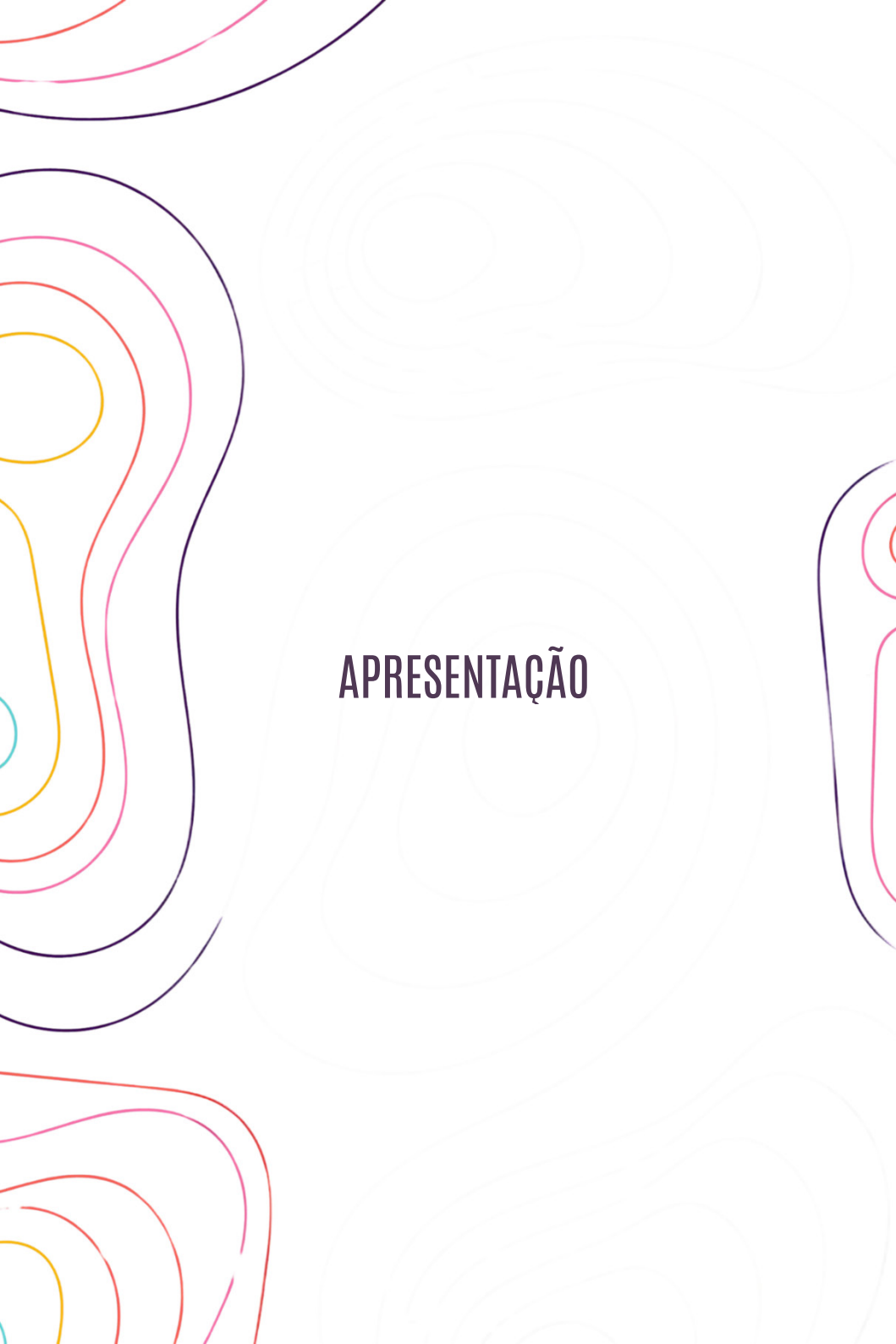
Raquel Alvarenga Sena Venera é doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Leciona disciplinas como Metodologia do Ensino de História e Saberes Históricos e Cultura Escolar, articuladas a projetos pedagógicos com as disciplinas Teoria da História e Estágio Curricular Supervisionado no Curso de História e atua como docente permanente no Programa de Pós-graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade, ambos na Universidade da Região de Joinville (Univille). É coordenadora da área de História no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). Sua atuação integra memória, identidade e educação patrimonial, destacando-se pela inovação na pesquisa biográfica e no debate sobre patrimônio cultural, patrimônio (em)comum, como prática social e democrática.

Vanessa Spinosa é doutora em História pela Universidade de Salamanca (ES). É docente e pesquisadora na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), atuando no *campus* Caicó na graduação e

Pós-Graduação em História do CERES. Na Pós-graduação em Ensino de História (ProfHistória), ela contribui a partir do *campus* Natal. Suas investigações concentram-se em práticas inovadoras no ensino de História; integração de tecnologias digitais e mídias no ensino de História, História pública e divulgação científica; além de métodos ativos de ensino e aprendizagem histórica em contextos formais e informais. Seus trabalhos destacam-se pelo diálogo constante entre a reflexão teórica e a aplicação prática, explorando como as mídias digitais e os recursos tecnológicos podem transformar o ensino e a aprendizagem da História.

SUMÁRIO

19	Apresentação
26	Justificativas para uma subárea
27	Tendências das pesquisas em Ensino de História
40	Inserção e diálogo internacional
53	Consolidação das pesquisas em Ensino de História no Brasil
53	Grupos de Pesquisa
66	O Ensino de História nos Programas de Pós-Graduação
69	Laboratórios de pesquisa em Ensino de História
76	Produções
77	Artigos Científicos
97	Livros impressos e e-books
102	Palavras finais
109	Referências
114	Apêndices
115	<i>Apêndice 01: Linhas de Ensino de História em Programas de Pós-Graduação Acadêmicos de História</i>
118	<i>Apêndice 02: Laboratórios, região, instituições e ações</i>
132	<i>Apêndice 03: Instituições associadas ao ProfHistória (Programa de Pós-Graduação em Ensino de História)</i>
135	<i>Apêndice 04: Grupos de Pesquisa</i>

The background of the page is white and features several sets of concentric, hand-drawn style lines in various colors including purple, pink, red, orange, yellow, and light blue. These lines form organic, swirling shapes that are distributed across the page, with some being more prominent than others. In the center of the page, the word "APRESENTAÇÃO" is written in a bold, dark purple, sans-serif font.

APRESENTAÇÃO

Esta obra resulta de um esforço coletivo e institucional articulado pela Associação Brasileira de Ensino de História (ABEH) e pela Associação Nacional de História (ANPUH), por meio do Grupo de Trabalho Ensino de História e Educação (GTEHE). O empenho para demonstrar que a pesquisa em Ensino de História, contribuiu para o desenvolvimento Científico, Tecnológico e de Inovação (CT&I), seja oferecendo instrumentais teórico-metodológicos para construções de projetos de futuros éticos, sustentáveis e socialmente justos ou compartilhando um conjunto de reflexões críticas sobre os efeitos da inovação, chamando atenção para o compromisso ético da ciência.

Nos últimos 30 anos, as pesquisadoras e pesquisadores transformaram as salas de aulas, os museus e as cidades em laboratórios para investigar a Cultura Escolar, Cultura Histórica, Temporalidades, Cultura Política, História e Cultura dos Povos Africanos, Indígenas e Afrobrasileiros, Narrativas Históricas Didáticas, Saberes Docentes, Saberes Históricos Escolares, Currículo de História, bem como os livros didáticos, os objetos escolares, fotografias e as narrativas docentes/ discentes que se converteram em fontes sobre concepções, representações e consciência histórica de crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos. Todo esse investimento foi traduzido na criação de Grupos de Pesquisa, entidades científicas, linhas de pesquisa em programas de pós-graduação, artigos e livros. Esse patrimônio científico acumulado vem mostrar o compromisso do campo do Ensino de História com a análise das fontes, a interpretação de evidências e a formulação de argumentos críticos sobre a experiência dos sujeitos com tempo.

Apresentar o cenário das pesquisas e produções em Ensino de História no Brasil, é também reconhecer o trabalho intelectual

das pesquisadoras e dos pesquisadores em criar um espaço profissional de investigação, desde meados da década de 1990, para superar os desafios políticos, epistêmicos, metodológicos e pedagógicos do campo (Andrade, 2021). Os debates sobre o currículo de História na educação básica ou formação de professores(as) de História, que tantas vezes pautaram os primeiros encontros nacionais de História da ANPUH (Mesquita, 2017), se reconfiguraram a partir dos anos 90, para se alinhar às perspectivas contemporâneas das investigações em Ensino de História. Os(as) historiadores(as) passaram a centrar "sus esfuerzos en indagar, comprender y explicar los diversos procesos que se experimentan en la enseñanza de esta disciplina dentro y fuera de los sistemas escolares" (Plá, 2012, p. 163).

A ANPUH tem acompanhado este desenvolvimento do campo e demonstrado, nas práticas da Associação, a importância desse movimento, seja criando espaço em eventos estaduais e nacionais, por meio de mesas-redondas, conferências, oficinas, seminários, simpósios temáticos, redes sociais digitais, seja, mais recentemente, ampliando o espaço de reconhecimento através de dois prêmios voltados para o campo do Ensino de História. Os nomes dos prêmios são homenagens póstumas aos professores Marcos Antônio Silva e Déa Fenelon por terem sido figuras centrais na consolidação do campo do ensino de história no Brasil, com contribuições significativas que reverberam até os dias atuais e são reconhecidas. Marcos Antônio Silva, professor titular de Metodologia da História na USP, destacou-se não apenas por suas pesquisas, mas também por sua atuação direta na formulação de propostas curriculares para o ensino de história em diferentes instâncias. A criação do Banco de Projetos de Ensino de História Prof. Marcos Silva¹, originado da necessidade

de divulgar os projetos do Prêmio Déa Fenelon, é um testemunho de seu legado e da importância de fomentar a prática docente. Déa Fenelon, por sua vez, é amplamente reconhecida por suas reflexões sobre o currículo de história na educação básica, especialmente durante um período de efervescência e redefinição do ensino de história. A ANPUH, ao instituir desde 2020² o prêmio que leva seu nome para premiar projetos de educadores(as) de escolas públicas, presta uma justa homenagem à sua trajetória e ao seu papel fundamental na construção de um ensino de história mais crítico e contextualizado, fortalecendo a integração entre pesquisa e prática pedagógica no país.

O esforço de organização deste trabalho foi liderado pela ABEH e pela ANPUH, a partir do GTEHE³, que montou uma comissão constituída por pesquisadoras de diferentes perspectivas, abordagens, regiões e gerações no campo do Ensino de História⁴. O grupo de trabalho Diálogos ANPUH-ABEH representa a diversidade que há no campo do Ensino de História. O trabalho feito através da parceria das duas associações está em marcha desde 2023, quando a presidência da ABEH e o GTEHE, biênio 2023-2025, iniciaram as reuniões para gerar uma mobilização organizada e pautada numa representação que atendesse a todas as pessoas associadas, com suas demandas plurais e sempre focadas em uma posição clara do Ensino de História dentro das agências nacionais de fomento, como é o caso do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

Nos últimos 30 anos, a pesquisa em Ensino de História tem se mostrado vital para a compreensão do impacto da História como ciência de referência. As produções de alto nível nesse campo

têm, não apenas enriquecido o conhecimento sobre a formação dos docentes de História, mas apontando políticas públicas voltadas para a Educação Básica. Sua inclusão na área de especialidades do conhecimento do CNPq é um passo significativo para valorizar e sistematizar as pesquisas desenvolvidas no campo. O reconhecimento oficial da subárea de Ensino de História dentro da estrutura do CNPq é um marco que transcende a mera catalogação burocrática em uma agência de fomento. Ele significa a legitimação científica e institucional de um campo de pesquisa fundamental para a educação e para a própria sociedade.

Apresentamos, a seguir, uma síntese da consolidação das investigações em Ensino de História, evidenciando e validando sua base epistemológica de pesquisas na constituição de redes de pesquisadores e pesquisadoras em todas as regiões do país e seus diálogos internacionais, na estabilidade de seus eventos técnico-científicos, nas produções acadêmicas e nos impactos na formação duradoura de novos(as) pesquisadores(as). O campo, entendido aqui na perspectiva de Bourdieu (1980; 1989), é uma categoria teórica delimitada pelos valores que lhe dão sustentação — valores simbólicos construídos na dinâmica social de um grupo.

Portanto, esta obra oferece um panorama abrangente e sistemático da consolidação do Ensino de História como campo autônomo de pesquisa no Brasil, evidenciando sua maturidade epistemológica, produção científica consistente e relevância social e educacional. O trabalho está estruturado em três eixos centrais: as justificativas epistemológicas e tendências da pesquisa, que analisam a constituição do campo, entendendo a escola como lugar de produção de conhecimento histórico

específico, em diálogo crítico com a Teoria da História, a Historiografia, os Estudos Curriculares e as Humanidades Digitais; a inserção e o diálogo internacional, que demonstram a participação ativa de pesquisadores(as) brasileiros(as) em redes, projetos e publicações globais, destacando colaborações estratégicas e a circulação internacional do conhecimento produzido; e a consolidação institucional no Brasil, que apresenta dados quantitativos e qualitativos robustos sobre a infraestrutura de pesquisa, mapeando grupos de pesquisa, programas de pós-graduação – com ênfase no ProfHistória –, laboratórios especializados e vasta produção bibliográfica, que atestam a capilaridade e a vitalidade do campo em todas as regiões do país. O dossiê finaliza com a seção “Palavras finais”, seguida dos elementos pós-textuais do documento — dados de mapeamentos institucionais das pesquisas em Ensino de História.

A argumentação central desta obra sustenta que o Ensino de História transcende a dimensão meramente prescritiva e propedêutica. Configura-se como um espaço fértil de investigação científica com problemáticas próprias — como a cultura histórica, a consciência histórica, a aprendizagem histórica, a formação docente, as políticas curriculares e as relações entre história pública e escola —, dotado de referenciais teóricos específicos e metodologias de pesquisa consolidadas.

Entendemos que a inclusão do Ensino de História na árvore do CNPq constitui etapa fundamental para o reconhecimento de um campo de conhecimentos basilares para a área de História, visto que seus aportes teórico-metodológicos são indispensáveis para a formação de quadros profissionais em diferentes níveis de atuação. Tal ação pode, também, contribuir para a amplificação

do papel do Ensino de História, fortalecendo o seu lugar social e político na produção de conhecimento, seja em âmbito acadêmico, no contexto escolar e em diferentes contextos públicos, solidificando a sua atuação na construção de uma sociedade plural, democrática, diversa e comprometida com a cidadania.

A presente publicação destina-se a pesquisadores e pesquisadoras, docentes, gestores de agências de fomento e todas as pessoas interessadas no avanço do conhecimento sobre o ensino de História. A obra não apenas documenta um processo histórico de amadurecimento acadêmico, mas também se posiciona como um instrumento político crucial para o reconhecimento formal de uma área que é fundamental para a qualificação da educação histórica, para a formação de docentes críticos(as) e para a construção de uma sociedade democrática, plural e reflexiva sobre seu passado, presente e futuro.



JUSTIFICATIVAS PARA UMA SUBÁREA

1) Tendências das pesquisas em Ensino de História

As pesquisas no campo do Ensino de História reúnem um conjunto bastante diversificado de trabalhos que tanto se ocupam da história escolar quanto da circulação de ideias históricas para os grandes públicos. Para isso, os estudos realizados buscam mostrar a superação da *lógica binária* (Plá, 2012, p. 165) que hierarquiza a pesquisa historiográfica em detrimento da pesquisa pedagógica, reconhecendo a autonomia e a complexidade do que se convencionou chamar de Conhecimento Histórico Escolar. Logo, a construção de significados sobre o passado, presente e futuro que ocorre dentro da escola e em outros espaços de socialização pública, mobilizam perguntas que norteiam as investigações: Como tem se constituído essa produção? Que perspectivas teóricas e abordagens têm sido privilegiadas? Em que contextos o ensino de História emerge como problema em sua prática e como objeto de pesquisa?

Atualmente, o campo do Ensino tem História apresenta algumas tendências de pesquisa que refletem a intersecção entre as exigências acadêmicas, as demandas sociais e as transformações tecnológicas (Monteiro, 2019). O campo tem se voltado, nos últimos 10 anos, para a pesquisa sobre:

- Cultura Histórica e Cultura Escolar;
- Cultura Histórica e Cultura Política;
- Memória, Patrimônio e Aprendizagem Histórica;
- Historiografia escolar a partir dos livros didáticos;
- Epistemologia do conhecimento histórico escolar;
- Teoria e Metodologia da Pesquisa em Ensino de História

- Consciência Histórica de estudantes da Educação Básica;
- Ensino de História e a educação para as relações Étnico-raciais;
- Ensino de História e a educação para democracia e cidadania crítica;
- História do Tempo Presente e Questões Socialmente vivas;
- Negacionismos e Narrativas digitais;
- Vertentes teórico-metodológicas que definem o campo;
- Demandas sociais e as transformações curriculares que geram um intenso debate sobre temas que desafiam o cânone histórico tradicional, dominado por narrativas eurocêntricas e masculinas;
- Redes sociais digitais e a crise da autoridade histórica (investigações se expandiram para além dos muros da escola);
- História crítica e plural, utilizando teorias e narrativas para formar cidadãos capazes de lidar com a complexidade das diferentes camadas do tempo.

No entanto, outras questões influenciaram o campo. Entre o final da década de 1970 e o decorrer das décadas de 1980 e 1990, lutas e disputas em torno da História escolar envolveram diferentes sujeitos individuais e coletivos, bem como interesses políticos e financeiros. Importante lembrar que a Lei n. 5.692/71, que fixou diretrizes e bases para os então denominados ensinos de 1º e 2º Graus, descaracterizou o ensino de História e Geografia no 1º Grau, transformando-os em ensino de Estudos Sociais, diminuindo também a carga horária dessas disciplinas no 2º Grau. Em meio a transição política, no período marcado pela redemocratização, historiadores, docentes universitários e da Educação Básica, convergiram argumentos e posições em defesa do ensino de História. Entre as questões em pauta estavam o retorno da disciplina de História no ensino de 1º Grau; a

ampliação de sua carga horária no 2º Grau; a extinção das licenciaturas curtas, as reformas curriculares com outras propostas de seleção de conteúdos e de metodologias de ensino; a aproximação entre as universidades e as escolas; críticas aos livros didáticos etc. (Silva, 2016a).

Os processos de reformulação dos currículos na maioria dos Estados brasileiros e o retorno do ensino de História e Geografia como disciplinas autônomas a partir das quatro últimas séries do 1º Grau – ainda com a Lei 5.692/71 em vigor – foram resultantes de lutas e contestações de professores, pesquisadores e diferentes entidades (Fonseca, 1993). Convém destacar que nesse mesmo momento ocorriam, no âmbito da produção acadêmica, vários balanços que configuram um espaço de revisão historiográfica e, ao mesmo tempo, de expansão da área, sobretudo após a criação das pós-graduações em História na década de 1970, principalmente nos eixos Sudeste e Sul, com financiamento público. Essa redefinição passou pelo questionamento de versões hegemônicas que, até então, apresentavam uma história dependente dos padrões europeus, colonizada e que inviabilizava sujeitos afrodescendentes, indígenas, mulheres em sua participação como agentes históricos.

Reinventar a história a ser ensinada nas escolas implicou em um movimento em diferentes estados do país que reuniu pesquisadores(as) e professores(as) para discutir questões relacionadas ao currículo dessa disciplina e seu ensino. Formadores de professores de História situados em diferentes universidades do país passaram a investir em sua própria qualificação (mestrados e doutorados), focalizados em questões envolvendo estudos curriculares e identidades, livros didáticos,

epistemologia do conhecimento escolar, linguagens, memórias, identidades e saberes docentes.

Desse conjunto de questões, um dos eixos em comum é a preocupação em pensar a natureza da narrativa histórica e as formas e funções que ela é capaz de assumir em diferentes contextos. Demandas teóricas exigem o estabelecimento de interlocuções entre o Ensino de História e estudos do campo da Teoria e da História da Historiografia, História da Educação, Currículo e Políticas Educacionais. A interface, principalmente com esses campos, tem ampliado e consolidado os debates sobre a natureza do conhecimento histórico. A pesquisadora Carmen Teresa Gabriel (2012) assinala que os estudos na área estão voltados, de modo crescente, para as especificidades inerentes à “História ensinada”, investigando sua gênese e compreendendo-a enquanto um construto resultante das convenções e métodos que orientam a historiografia, os quais se articulam com as características e regulações próprias dos distintos contextos de enunciação. As pesquisas desenvolvidas nesse campo de conhecimento destacam as particularidades inerentes à produção e à circulação do saber histórico em suas diversas modalidades de ensino — nas instituições escolares, nos espaços públicos e nas plataformas digitais —, apontando, ainda, para os desafios epistemológicos e metodológicos que tal investigação pressupõe.

O diálogo entre Ensino de História e Teoria da História tem privilegiado a produção curricular, a prática docente, a aprendizagem histórica, a mobilização da história pública em sala de aula e o livro didático, como objetos de pesquisa. Nesses estudos, teorias de currículo, história da educação e a análise das políticas públicas disponibilizam ferramentas analíticas

potentes para a investigação desenvolvido no âmbito do Ensino de História. As reflexões produzidas têm contribuído para o debate sobre “o estatuto epistemológico da história, o que envolve discussões acerca da temporalidade, memória, justiça, narrativa, consciência histórica, cultura histórica, dentre outros, que podem ser pensados na interface com o conhecimento histórico produzido no âmbito escolar” (Silva; Rangel, 2023, p.9).

Silva e Rangel (2023), estudiosos na área da Teoria da História, destacam a crescente proeminência do debate em torno do Ensino da História nas discussões contemporâneas sobre Teoria histórica e Historiografia. Essa ascensão é atribuída à chamada virada epistemológica e ético-política, que questiona a estabilidade dos paradigmas dentro da concepção moderna da história. Essa reorientação da investigação tem promovido uma expansão e pluralização dos objetos analíticos e das metodologias de pesquisa, transcendendo as funções tradicionais associadas à tarefa do(a) historiador(a), às escolas históricas e aos métodos de pesquisa.

Em diálogo com o campo da Teoria da História, os professores Nilton Pereira e Juliana de Andrade (2021), colocaram em tela um conjunto de textos apontando as especificidades das estratégias metodológicas, das ferramentas de pesquisa e do aporte conceitual necessário aos pesquisadores para observar e analisar a operação historiográfica no espaço escolar ou aprendizagem histórica em diferentes espaços (museus, centros de memórias, cidade etc.). Essas reflexões, mostraram as particularidades da pesquisa em Ensino de História, apontando o desenvolvimento da metodologia da pesquisa em Ensino de História nos últimos 30 anos.

Luís Fernando Cerri (2013) avalia que o conceito de Cultura Histórica está intimamente relacionado às discussões do campo do Ensino de História, pois busca compreender a articulação entre o processo histórico e a produção, transmissão e recepção do conhecimento. Essa perspectiva tem incentivado grupos de pesquisa vinculados a importantes pesquisadoras a desenvolverem investigações nessa linha. Cerri colaborou, inclusive, com grupos de pesquisa ligados a renomadas pesquisadoras como Raquel Soihet (1991), Angela de Castro Gomes (2007) e o Grupo Oficinas da História (UERJ) para que pudessem constituir a cultura histórica como categoria, conceito e objeto de pesquisa, dando mais profundidade e complexidade aos trabalhos dentro do campo da História.

As produções no campo do Ensino de História indicam, em grande medida, a perspectiva de André Chervel (1990) que defende a escola como lugar de produção de conhecimento próprio, no interior da cultura escolar. A história das disciplinas escolares reposiciona a escola como entidade epistemológica relativamente autônoma, centro das relações de poder simbólico e cultural. A história do Ensino de História evidencia a superação do modelo de transposição didática — entre o conhecimento científico acadêmico e o escolar. Circe Bittencourt (2008) identifica, nos currículos escolares, a presença insistente da racionalidade do tempo histórico linear — estruturado pelas “Idades” (Antiga, Medieval, Moderna e Contemporânea) — como um marcador hierárquico das culturas acadêmica e escolar. Ana Maria Monteiro aponta essa mesma racionalidade sendo reproduzida na formação inicial de professores de História como um desafio a ser enfrentado (Monteiro, 2007).

Quanto à defesa de outro modelo, Monteiro (2007) dialoga com Allieu (1995, p.152) e propõe a “interpelação didática” — uma forma de tratar a História como ciência de referência para a disciplina escolar, reconhecendo seus objetivos distintos. Para ela, há um “código disciplinar” que deve ser revisitado sempre que a dinâmica da cultura escolar o exigir, sendo a sala de aula o espaço onde essa interpelação se efetiva e, nesse sentido, viabilizando a produção de conhecimentos escolares em articulação com referências historiográficas e culturais, mas com a especificidade própria de uma epistemologia social escolar (Gabriel, 2011). Nessa mesma direção, o historiador Renilson Rosa Ribeiro (2018) destaca as teorias e métodos acionados na produção do conhecimento historiográfico escolar.

A articulação entre Ensino de História e a cultura escolar é fundante na epistemologia do campo e se desdobra em métodos de pesquisa, saberes e práticas pedagógicas inventivas e participativas, em um “lugar de fronteira” (Monteiro, 2007; Monteiro; Penna 2011) que se constitui como um “entre lugar”, não apenas em sua função de estrutura simbólica e relacional de poder, mas também como espaço de produção discursiva compartilhada de valores e epistemologias. Trata-se de mundos sociais — setores de atividade compostos por todos os que deles participam, independentemente de sua posição hierárquica. É importante lembrar, como afirma Chartier (2005) ao analisar a cultura escolar, que ela está imbricada com outras culturas, ou, dizendo de uma outra forma, com os mundos sociais que se articulam entre si, como a cultura política, a cultura acadêmica, a cultura da gestão pública, a cultura profissional docente, entre outras. Considerar o ensino de História como “lugar de fronteira” (Monteiro e Penna, 2011) tem possibilitado a realização de

pesquisas que aprofundam e tornam mais complexos o olhar investigativo e as problematizações, portanto o potencial heurístico deste campo. O ensino de História também está articulado com a cultura histórica e a memória histórica multidimensionalmente. Para Rüsen (2001;2006) e Bergmann (1989;1990), processos e funções da consciência histórica são elaborados pelos sujeitos a partir de orientações formais e escolares, bem como informais e extraescolares. A História pode assumir diferentes formas e funções na vida cotidiana, como, por exemplo, na opinião pública e nos meios de comunicação de massa. Ideias históricas extraescolares e extra científicas atravessam o cotidiano e constituem o vivido dos indivíduos. Entre esses objetos, que possuem seus efeitos para a formação histórica, podem-se incluir a televisão, o cinema, a imprensa, as redes sociais, as conversas cotidianas, os museus, a literatura histórica, as propagandas históricas, as representações científicas e populares sobre o passado, os livros didáticos, os monumentos, os edifícios e nomes de ruas que lembram eventos históricos, dentre outros (Bergmann, 1989-1990, p. 32). Segundo Cristiani Bereta da Silva (2016, p.120-121) “elementos da cultura histórica circulam por meio de diferentes veículos e suportes e, assim, também ensinam história, produzem uma dada consciência histórica”. Contudo, a “história que circula na mídia quase sempre é marcada pela recusa da historicidade”. Fenômenos como hiper interatividade e conectividade, sobretudo por meio de redes sociais, ampliam exponencialmente a circulação de histórias que recrudesce revisões, disputas e abusos de passados, de versões e de memórias. Por essa razão, diferentes pesquisadores têm se debruçado sobre essas questões, buscando compreender que

ideias são essas que “ensinam história” no espaço público, seus impactos na formação histórica e como interagem com o ensino de História nas escolas.

O estudo das temporalidades no Ensino de História é fundamental para a compreensão de como o passado é interpretado, ensinado e vivenciado nas salas de aula com repercussões no espaço social mais amplo. Nesse aspecto, as ferramentas epistemológicas da História contribuem para a produção e problematização das narrativas históricas escolares (Silva, 2016b).

Outra demanda do tempo presente, as Humanidades Digitais, também estão integradas às discussões do campo. Consolidadas desde 2004, podem ser entendidas como uma comunidade de práticas com “o diálogo com outras áreas do saber, a interdisciplinaridade, o trabalho colaborativo, uma relação mais aberta entre a academia e a comunidade em geral, ou até uma maior predisposição para a inovação” (Alves, 2017)⁵. Nesse sentido, o Ensino de História tem trazido diversas interlocuções com as Humanidades Digitais, tanto no que toca às reflexões sobre a inserção de Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs) no cotidiano escolar, pedagógico e didático, como no que concerne às discussões sobre a cultura digital e suas relações históricas na sociedade, a partir do chamado letramento histórico-digital (Silva, 2020).

Para trazer alguns exemplos, em recente dossiê, a Revista Boletim do Tempo Presente, da Universidade Federal do Sergipe, sob a coordenação internacional da Dra. Martha Isabel Barrero Galindo, da *Universidad Surcolombiana*, publicou o *Ensino de História em Tempos Digitais*. Em seu 13º volume, do ano de 2024, pode-se constatar a diversidade de conexões que as pesquisas e

práticas relacionando Humanidades Digitais e o Ensino de História podem ser desenvolvidas. Fontes digitais, narrativas históricas com uso de Inteligência Artificial Generativa (IAGen), bem como formação de professores em tempos de cultura digital estão entre os temas abordados na revista. Outro exemplo dessa relação pode ser visto na obra *Ensino de história e culturas digitais*, organizado por Carmem Zeli de Vargas Gil e Marcus Vinícius de Freitas Rosa (2022), cujos textos versam sobre o uso do ciberespaço para o ensino de História, pensando aspectos como gamificação, patrimônio histórico e pesquisa histórica.

As Humanidades Digitais têm sido aliadas importantes para o Ensino de História ao democratizar o acesso a acervos, museus virtuais e plataformas colaborativas, rompendo os limites físicos da escola e da academia. Sendo assim, elas não se resumem ao uso instrumental de ferramentas, mas envolvem um letramento crítico sobre como o conhecimento histórico é produzido, como circula e como é consumido no ambiente digital. As pesquisas já sinalizam como essa interseção fomenta o pensamento crítico, o que capacita discentes a questionarem algoritmos, vieses, desinformação e a economia política das plataformas, como alerta Evgeny Morozov (2018). A interdisciplinaridade inerente às Humanidades Digitais, como a integração da História, Computação, Design, Comunicação e Artes, fomenta processos de ensino-aprendizagem, estimulando a produção de conhecimento histórico.

Outra atuação relevante, que justifica um espaço como subárea, é a da Associação Brasileira de Pesquisa em Ensino de História (ABEH). Ela constitui um pilar fundamental na consolidação do Ensino de História como campo autônomo de pesquisa e produção de conhecimento no Brasil. Sua gênese,

intimamente articulada aos Encontros Nacionais Perspectivas do Ensino de História e Pesquisadores do Ensino de História (ENPEH), sinaliza a construção de um processo histórico do amadurecimento da área. Estes eventos, gestados a partir de demandas acerca de espaços coletivos de debate e compartilhamento de resultados de pesquisas, desde 1993, foram contemporâneos a criação do antigo Grupo de Trabalho Pesquisa e Ensino de História (GTPEH)⁶ (Neves, 2025), hoje renomeado GT Ensino de História e Educação (GTEHE), da ANPUH. Naquele momento, o Grupo de Trabalho era liderado pelas professoras Dea Fenelon, Elza Nadai, Circe Bittencourt, Raquel Glezer, Joana Neves, Katia Abud e Ernesta Zamboni. Todos estes espaços funcionaram como celeiros cruciais para a aglutinação de pesquisadores(as), legitimação do objeto de estudo e construção de uma identidade coletiva. A ABEH, criada em 2006, emerge não apenas como promotora, mas como a personificação institucional dessas discussões, garantindo continuidade, periodicidade e solidez científica a esses fóruns, os quais sintetizam esforços históricos de valorização da área⁷. Desde então, os eventos Encontro Nacional Perspectivas do Ensino de História e Encontro Nacional de Pesquisadores do Ensino de História são fomentados pela ABEH.

A atuação da ABEH e a promoção sistemática de seus eventos são indissociáveis do processo de estruturação epistemológica e política do campo. Os encontros nacionais, realizados em sequência bienal, transcendem a função de reuniões científicas para se tornarem espaços dinâmicos de congregação, fomento de diálogos acadêmicos e estabelecimento de redes colaborativas entre historiadores(as), pesquisadores(as) e docentes da educação básica. Foi no âmbito desses eventos,

notadamente no ENPEH de 2006, com a ata de criação da ABEH, e no Perspectivas de 2007, com a elaboração colaborativa de seu estatuto, que a associação ganhou corpo, sendo posteriormente oficializada em Assembleia Geral e em cartório, no ano de 2009. Este processo de interação entre associação e eventos evidencia a importância destes últimos como laboratórios de debate para os embates da área, servindo de base para a definição dos objetivos da ABEH, que incluem desde o estímulo à pesquisa e à formação docente até a intervenção qualificada no debate sobre políticas públicas educacionais.

Dessa forma, a ABEH, por meio de sua articulação orgânica com os Encontros Nacionais, cumpre um papel estratégico no fortalecimento e na defesa do campo. Ao congrega profissionais de diversos níveis de atuação, a associação fortalece uma identidade coletiva e fornece representação institucional para enfrentar os desafios epistemológicos, educacionais e políticos inerentes ao ensino de História. Os eventos Perspectivas e Pesquisadores⁸ consolidam-se como os principais braços executivos dessa missão, funcionando como vitrines da produção científica nacional e como trincheiras de resistência e debate em um contexto de significativos embates ideológicos. Preservar a memória da área, representar seus interesses e estimular a pesquisa de excelência, conforme previsto no estatuto social, são funções que a ABEH exerce, garantindo que o campo do Ensino de História continue a sua expansão e contribuição para a melhoria da educação histórica no Brasil.

Portanto, observando as tendências de pesquisas no campo do Ensino de História, põe-se em evidência sua consolidação como um espaço epistemológico complexo e dinâmico, caracterizado por um diálogo profícuo com a Teoria da História,

a História da Historiografia e os Estudos Curriculares. Este desenvolvimento teórico permitiu superar o modelo de transposição didática, posicionando a escola como *lócus* de produção de um conhecimento específico — a "história ensinada" — com seus próprios protocolos e códigos disciplinares. O campo ampliou seu escopo para investigar a cultura histórica em sua multidimensionalidade, abarcando desde os livros didáticos até as narrativas veiculadas nas plataformas digitais. Neste contexto, as Humanidades Digitais emergem não apenas como ferramentas, mas como um domínio essencial para o letramento histórico-crítico, desafiando pesquisadores(as) a compreenderem e atuarem sobre os novos modos de produção, circulação e consumo do passado na era digital. Esta trajetória demonstra a maturidade acadêmica de um campo que, ao interrogar suas próprias bases narrativas e didáticas, contribui para o debate contemporâneo sobre o estatuto do conhecimento histórico e suas funções sociais, de forma decisiva.

2) Inserção e diálogo internacional

Segundo o governo federal, a internacionalização da ciência é crucial para a melhoria da qualidade e pertinência do ensino, da pesquisa e da extensão, o que fortalece o sistema de educação universitária, promove a formação de cidadãos(ãs) e profissionais capacitados(as) e alinha a ciência com os interesses e necessidades sociais. A participação em redes internacionais de pesquisa, a colaboração com instituições estrangeiras, a mobilidade de estudantes e pesquisadores e o intercâmbio de conhecimento são ferramentas importantes para impulsionar a produção científica brasileira, aumentar o impacto da pesquisa e atender a desafios globais.

O Conselho Nacional das Instituições da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica (CONIF), acompanha a declaração da III Conferência Regional de Educação Superior para América Latina e Caribe (CRES): a internacionalização se constitui em uma ferramenta chave para transformar a educação superior, fortalecer suas comunidades e promover a qualidade e pertinência do ensino, da pesquisa e da extensão. Favorece a formação de cidadãos e profissionais, respeitosos da diversidade cultural, comprometidos com o entendimento intercultural, a cultura da paz e com a capacidade para conviver e trabalhar em comunidade local e mundial⁹.

Portanto, a inserção e diálogo internacional, segundo estas bases, para o ensino de História sempre estiveram presentes a partir de três atuações: cooperação científica, através do estabelecimento de acordos e redes de cooperação com instituições estrangeiras para o desenvolvimento de pesquisas

em rede; incentivo à coautoria internacional, oportunizando a coautoria em artigos, livros e capítulos científicos, tendendo a aumentar o impacto da produção científica brasileira e inclusão da internacionalização em atividades extensionistas, como eventos científicos, no intuito de estimular o contato dos(as) estudantes com perspectivas internacionais, tanto na sala de aula quanto por meio de atividades extracurriculares; e de parcerias estratégicas com instituições de prestígio global, permitindo que pesquisadores(as) brasileiros(as) construam diálogos transnacionais que fortalecem a formação de novos quadros especializados.

Um exemplo paradigmático dessa dinâmica é o projeto “Educação Antirracista em Perspectiva Transnacional”, liderado pelo professor Amilcar Araujo Pereira (UFRJ), aprovado pelo edital Capes nº 16/2023 do Programa Abdias Nascimento¹⁰. Estabelecido em parceria com a Faculdade de Educação da Universidade de Cambridge, Reino Unido, o projeto articula os programas de pós-graduação em Educação e em Ensino de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro com o programa de pós-graduação em “Knowledge, Power and Politics in Education” de Cambridge¹¹. Como um dos resultados desta ação, mencionamos a oportunidade concedida a dez estudantes negros(as) e indígenas brasileiros(as) por ano, entre 2024 e 2027, para realizarem estágios de pesquisa de mestrado e doutorado sanduíche na renomada universidade britânica, privilegiando investigações na área do Ensino de História.¹²

Coordenados por Circe Bittencourt (Faculdade de Educação da USP), dois projetos destacam-se pela relevância e inserção internacional. O primeiro, “Arquivos digitais e bibliotecas”, integra um projeto temático maior e foca na digitalização de

mais de 25.000 obras didáticas, conectando-se a uma rede global do George Eckert Institut (GEI) para preservar e democratizar o acesso a este acervo¹³. As pesquisas sobre “História da Educação Indígena na América Latina”, também vinculada ao GEI e ao Congresso Ibero-americano de História da Educação Latino-americana-CIHELA, promove uma vital internacionalização das vozes indígenas. Ao organizar uma exposição de livros didáticos indígenas, primeiro na Itália e com itinerância prevista para instituições brasileiras de grande prestígio, o projeto cumpre um duplo objetivo: oferecer uma perspectiva decolonial e crítica aos públicos estrangeiro e nacional, e valorizar pedagogias e narrativas historicamente marginalizadas, reforçando o papel da história como ferramenta de reconhecimento e diversidade.¹⁴

A Revista de Educação Histórica (REDUH) e o Laboratório de Pesquisa em Educação Histórica da UFPR (LAPEDUH), fundado pelas docentes Maria Auxiliadora Schmidt e Marlene Cainelli, são expressões fortes da internacionalização do campo da Educação Histórica no Brasil¹⁵. Ambos atraem pesquisadores convidados de vários países e atuam como espaços de interlocução científica global. Um dos eventos que simboliza essa dimensão internacional é a Jornada Internacional de Educação Histórica, realizada desde 2000 — quando ocorreram pela primeira vez na Universidade do Minho, em Portugal.¹⁶ Além de Universidades brasileiras como a Universidade Federal do Paraná, a Universidade Federal de Goiás e a Universidade Estadual de Londrina, Universidade Federal de Integração da América-Latina, Universidade Federal do Mato Grosso, Universidade Tuiuti do Paraná, Universidade Federal Tecnológica do Paraná, Universidade do Estado do Paraná, Universidade Estadual do Centro Oeste, Universidade de São

Paulo e outras universidades estão envolvidas, tanto nesses eventos, quanto no Laboratório e na Revista como consultores, como a já mencionada Universidade do Minho, Universidade de Coimbra, Universidade de Évora, Universidade de Barcelona e o University College London.

Liderada pelo professor Erinaldo Cavalcanti da Universidade Federal do Pará/UFPA, a Rede Panamazônica para a Formação e o Ensino de História (REPAMEFH) é um projeto de internacionalização acadêmica que articula pesquisadores(as) de diversos países da bacia amazônica (Brasil, Colômbia, Venezuela, Peru, Equador e Bolívia) em torno de uma missão comum: construir uma narrativa histórica integrada e plural sobre a Pan-Amazônia¹⁷. Através de congressos, publicações bilíngues (português-espanhol) como o livro *Ensino de História e formação docente na região Panamazônica*, e a formalização de múltiplos acordos de cooperação internacional com instituições como a UCAB (Venezuela), UPN e Univalle (Colômbia), a rede promove, de forma concreta, a internacionalização do ensino de história¹⁸. Esta iniciativa valoriza a Amazônia não como um pano de fundo, mas como um sujeito histórico central, fomentando um diálogo acadêmico transnacional que redefine a compreensão da região a partir de suas próprias perspectivas e conexões em diálogo essencial sobre o ensino de História.

O Grupo de Estudos em Didática da História é integrante do Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq. Surgiu em 2003, tendo o prof. Luis Fernando Cerri, criador e líder do grupo e com a Universidade Nacional de Tres de Febrero (Argentina) como parceira. No entanto, as parcerias internacionais se deram muito mais pelos projetos desenvolvidos. De 2018 a 2023, Luis Fernando Cerri, da Universidade Estadual de Ponta Grossa, coordenou o

Projeto Residente “Observatório das relações entre jovens, história e política na América Latina”, que integra um ciclo interinstitucional e internacional de pesquisa sobre cultura histórica, aprendizagem, consciência histórica e cultura política, em desenvolvimento contínuo desde 2007. O projeto internacional contou com a participação de 75 pesquisadores(as) e coleta de dados em seis países da América Latina: Brasil, Argentina, Chile, México, Peru e Colômbia.¹⁹

O Núcleo de Estudos e Pesquisas em História, Educação e Culturas (NEPHECs) da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), coordenado pela professora Juliana Alves de Andrade²⁰, tem desenvolvido parcerias internacionais com o México e o Uruguai. Com a professora Ana Zavala (Facultad de la Cultura, Instituto Universitario-Centro Latinoamericano de Economía Humana, Montevideo), realizou-se uma série de seminários de teoria e metodologia da pesquisa em Ensino de História, para pensar teoricamente sobre a própria prática do professor de História em sala de aula e como escrever/registrar suas vivências na educação básica ou no magistério superior. Dessa parceria, além de visitas técnicas, seminários e artigos, foi traduzido um conjunto de textos da referida professora, que sistematizam a sua teoria, publicados em duas coletâneas intituladas *Escritas de Ensino de História em Primeira Pessoa* (Zavala, 2024) e *Aulas de História em foco: ensinar, pesquisar e analisar* (Zavala, 2024). Como fruto dessas parcerias no México, com Sebastian Plá, além da cotutela de estudantes brasileiros, criou-se uma disciplina internacional (*online*) para o mestrado e doutorado no Brasil e México intitulada “Teoria da História, Ensino de História e Teorias Pós-críticas”.

No mesmo caminho de internacionalização, a professora Ana Maria Monteiro (UFRJ), bolsista de produtividade de pesquisa do CNPq, firmou colaboração com a professora Alice Semedo, do Departamento de Técnicas do Patrimônio da Universidade do Porto (FLUP), em Portugal. Esta parceria viabilizou a orientação conjunta da doutoranda Thays Merolla Piubel (PPGE/UFRJ), contemplada com uma bolsa CAPES-PrInt de doutorado sanduíche no exterior. Sua pesquisa, intitulada “Cidade Invisível: docência, ensino de história e patrimônios sensíveis no Rio de Janeiro”, foi acolhida no prestigioso Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória» (CITCEM), no âmbito do Grupo de Investigação “Educação e Desafios Societais”.²¹

O grupo “Oficinas de História”²², através de sua líder, Helenice Rocha, estabeleceu uma parceria, a partir de 2018, com a professora Maria Paula Gonzalez, pesquisadora do Conselho Nacional de Pesquisas Científicas e Técnicas (CONICET)²³, da Universidade Nacional General Sarmiento, Argentina. Dessa parceria resultaram projetos de pesquisa, livros, artigos publicados em periódicos²⁴ e visitas técnicas, além de disciplinas ministradas em universidades da Argentina (2018) e do Brasil (2019), na graduação e pós-graduação. Essa parceria permanece até hoje, com o acolhimento de pós-graduandos do Brasil e Argentina em ambos os países.

O Laboratório de Aprendizagem e Ensino da História (LAEH) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)²⁵ foi coordenado pelo professor Arnaldo Martin Szlachta Junior entre 2021 e 2024, período em que consolidou diversas parcerias internacionais, promovendo intercâmbio acadêmico, produção científica e participação em projetos de pesquisa internacionais. Nesse

contexto, Arnaldo Szlachta Junior atuou como colaborador do Center for Historical Culture, coordenado pelo professor Robbert-Jan Adriaansen na Erasmus Universiteit Rotterdam (Holanda), é membro do Red de Especialistas en Docencia, Difusión e Investigación en Enseñanza de la Historia, México (REDDIEH) e integrou o projeto de pesquisa Tänker Historiskt, coordenado pelo professor Robert Thorp na Uppsala Universitet (Suécia)²⁶. Durante sua atuação, o LAEH promoveu traduções e artigos acadêmicos que aproximam pesquisadores brasileiros de debates internacionais sobre consciência histórica e Didática da História. A partir de janeiro de 2025, o LAEH passou a ser coordenado pelo professor André Mendes Salles, que vem consolidando parcerias internacionais, destacando-se o trabalho com professores e pesquisadores da Universidade Nacional de Assunção, em especial com o professor Dr. Pedro Ramón Caballero Cáceres, desenvolvendo projetos de pesquisa e publicações sobre o ensino da Guerra do Paraguai.

A professora Carmen Teresa Gabriel (UFRJ), bolsista de produtividade de pesquisa do CNPq, por sua vez, consolida uma extensa rede de cooperação por meio do Grupo de Estudos Conhecimento, Currículo e Ensino de História (GECCEH).²⁷ Destaca-se a longeva e exitosa parceria, iniciada em 2014, com o Centro Interuniversitário de Pesquisa em Educação da Universidade de Lille, França (CIREL) e com a Escola, Mutações, Aprendizagens (ÉMA), da Universidade Paris-Cergy Pontoise. O diálogo com pesquisadores como Christophe Niewiadomsky, Sylvie Condette, Michael Bailleul e Benjamim Moignard ²⁸tem gerado frutos significativos na forma de participação em eventos, publicações conjuntas e intercâmbios. Esta colaboração

investiga os currículos de história, entendidos como espaços-tempos biográficos e de estruturação discursiva.²⁹

Outro exemplo de internacionalização, expressa-se na Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), campus de Campo Mourão, tendo a Professora Doutora Cyntia Simioni França como coordenadora do ProfHistória e coordenadora do projeto de pesquisa em rede com o Instituto de Ciência e Educação, na cidade de Lubango em Angola junto ao programa de Mestrado de Ensino de História de África, conforme site do programa de pós-graduação em História Pública da UNESPAR.³⁰

Os professores brasileiros também estão associados a Red Iberoamericana de Didáctica de las Ciencias Sociales (RIDCS), fundada no ano de 2012 por iniciativa de um grupo de acadêmicas(os) de várias universidades latino-americanas e do grupo Gredics, da Universidade Autônoma de Barcelona, em torno de projetos em conjunto com o docente pesquisador Joan Pagès.³¹ O objetivo da rede é compartilhar conhecimentos e experiências que contribuam para o aperfeiçoamento do ensino, da aprendizagem e da formação docente. As linhas de interesse da RIDCS são o ensino e a aprendizagem da Geografia, da História e das Ciências Sociais; os currículos e práticas educativas, bem como a formação docente nessas áreas.³² Atualmente, comitê é coordenado pela UFRGS, na pessoa de Caroline Pacievitch, integra as seguintes instituições: Universidad Nacional del Comahue (Argentina); Instituto Federal de Ciência e Tecnologia Goiano (Brasil); Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Brasil); Universidade Federal de Santa Catarina (Brasil); Universidad Tecnológica de Pereira (Colômbia); Universidad de Antioquia (Colômbia); Universidad de Santiago de Chile (Chile); Pontificia Universidad Católica de Valparaíso (Chile);

Universidad Nacional de Costa Rica (Costa Rica); Universidad Autónoma de Barcelona (Espanha); Universidad Autónoma de Querétaro (México); Pontificia Universidad Católica del Perú (Perú); e Universidade de Lisboa (Portugal)³³.

No diálogo com diferentes países (Chile, Espanha, Japão, México e Portugal) a professora Margarida Maria Dias de Oliveira, coordena a discussão sobre a política pública e historiografia didática. Nesse contexto, duas ações específicas demonstram o esforço de diálogo com os(as) pesquisadores(as) em âmbito internacional. A primeira foi o recebimento do acervo do Programa Nacional do Livro Didático, que facilitou a pesquisa no campo, por meio da rede mundial de computadores³⁴. Além disso, a pesquisadora contribuiu com o mapeamento sobre como se efetiva a avaliação dos livros didáticos no mundo gerando publicações de referência³⁵.

Outra iniciativa a mencionar refere-se ao Projeto Mãe Domingas – Educação pelas águas do Rio Sabará, vinculado ao Núcleo de Estudos e Pesquisas Polis e Mnemosine (FaE-UEMG) coordenado por Lana Mara de Castro Siman da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG),³⁶ desenvolvido em parceria com o Museu do Ouro/Ibram, com o Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Educação Museal-Meio, do Departamento de Museologia da UFMG e com a pesquisadora Barbara Bader, da Université Laval, Québec/Canadá³⁷. O projeto, de natureza multidisciplinar, teve dentre as suas finalidades contribuir para a introdução de novos temas e abordagens no ensino de História, ao tomar o estudo das águas e margens de um rio urbano em estado precário de preservação como um bem cultural e social a ser recuperado e preservado. A pesquisa teve como fonte principal memórias sociais do rio limpo vindas de mulheres ex-lavadeiras³⁸.

Ainda no âmbito da internacionalização, o projeto "Historiografia e historiadoras/es em uma era de transições: perspectivas franco-brasileiras", coordenado por Temístocles Cezar (Universidade Federal do Rio Grande do Sul), e por Armelle Enders (Université Vincennes-Sainte Denis),³⁹ com a participação de pesquisadores(as) brasileiros(as) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (Marieta de Moraes), Universidade Federal do ABC e Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, e franceses da Sorbonne e Paris-Nanterre, dedica especial atenção ao ensino de história em sua investigação. Interessam-se, particularmente, em investigar a evolução do lugar da disciplina História nos sistemas educacionais do Brasil e da França, analisando criticamente como os currículos, os materiais didáticos e os métodos pedagógicos têm (ou não) incorporado as profundas transformações historiográficas das últimas décadas. Esta abordagem comparada visa produzir dados concretos que possam aprimorar as políticas públicas de formação de docentes, fortalecendo os programas formativos envolvidos, buscando oferecer perspectivas históricas críticas e renovadas que ajudem a compreender as complexas dinâmicas identitárias e globais do mundo.

Com pesquisadores Latino-americanos (Argentina) e europeus (Espanha- Barcelona), o Grupo de Estudo e Pesquisa Lugares de aprender: relações entre escola, cidade, cultura e memória, liderado pela pesquisadora bolsista produtividade Sandra Regina Ferreira de Oliveira (UEL), na construção de metodologias criativas e inovadoras sobre o ensino de História, com especial ênfase para o estudo das cidades; na investigação e divulgação acerca das escolas não tradicionais; no desenvolvimento de pesquisas que investigam as potências

educadoras das cidades e de outros lugares que se inter-relacionam com a escola; na busca de metodologias alternativas para a pesquisa no campo da educação; na construção de um processo de ensino e aprendizagem na escola e em outros lugares pautado nas relações interdisciplinares entre diferentes campos do saber; na formação de pesquisadores no Programa de Pós Graduação.⁴⁰

Na mesma direção em diálogo com pesquisadores latino-americanos, o Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação-Gespe, liderado pela Pesquisadora Flávia Caimi (UPF), entre os trabalhos desenvolvidos estão os ligados ao debate sobre aprender e ensinar na contemporaneidade: desafios da/na escola, cujo foco são as investigações dos processos de aprendizagem que se consubstanciam prioritariamente em espaços formais de escolarização, nos diversos segmentos da educação básica. Abriga as pesquisas desenvolvidas no âmbito da pós-graduação *stricto sensu*, com o protagonismo da pesquisadora, de seus orientandos e demais colaboradores, voltadas para a análise dos processos educativos, cuja problemática mais ampla busca responder acerca da natureza do ensino e da aprendizagem, a partir de questões como: Que tensões e deslocamentos se observa entre os conteúdos da tradição escolar e os novos códigos e significados que emergem das transformações próprias das instituições atuais e das culturas específicas dos estudantes? Como impactam as demandas e deliberações externas frente às condições em que se opera a prática educativa na escola? De que conhecimentos, instrumentos cognitivos, estratégias, recursos, características pessoais, se valem os sujeitos aprendentes-ensinantes em contextos de abundância de informação e compartilhamentos? Quais as mediações e/ou estratégias de

aprendizagem implicadas na apropriação/construção dos aportes necessários para viabilizar novas práticas de ensinar-aprender que atendam qualificadamente às demandas da relação com o saber na contemporaneidade?⁴¹

Em diálogo com os países africanos (Moçambique e Angola), o Grupo de Pesquisa Patrimônio, Memória e Educação (PAMEDUC- UFSC) criado em 2010, tem sido liderado pelo pesquisador bolsista produtividade Elison Paim e tem como objetivo congrega pesquisadores e pesquisadoras de história como a investigadora Monica Martins (UFSC) e profissionais de diferentes áreas do conhecimento, para construir experiências coletivas de investigação articuladas com práticas de ensino e extensão que contribuam para a reflexão e problematização do campo do patrimônio e dos estudos acerca da memória na interface com a educação. Orientamos estudantes de graduação, especialização, mestrado e doutorado, planejamos a organização de publicações e a realização de diferentes modalidades de eventos e cursos, além do fomento de projetos de educação patrimonial.⁴²

Essa inserção internacional também acontece, por meio da participação em conselhos editoriais de revistas de grande impacto internacional. O campo do Ensino de História tem, por exemplo, o professor Marcelo Fronza (UFMT), que é atualmente membro internacional do Comitê Científico da Revista *Educatio Siglo XXI*⁴³, membro do Conselho Editorial da Revista de Educação Histórica (REDUH)⁴⁴ e do Conselho Editorial da Revista Ibero-Americana de Educação Histórica (RIBEH)⁴⁵. Além disso, o docente é membro pesquisador da Associação Ibero-americana de Pesquisadores em Educação Histórica (AIPEDH)⁴⁶.

Como pode-se atestar, os projetos e iniciativas apresentados demonstram a internacionalização do ensino de história no Brasil, consolidando-se como uma prática acadêmica estruturante e multidimensionada. Através de redes de cooperação transnacionais e coautorias, da mobilidade discente e de projetos comparativos, o campo tem promovido um diálogo crítico e simétrico que enriquece a pesquisa e a formação docente. Essas ações ampliam o impacto da produção nacional e estimulam a renovação epistemológica da disciplina, incorporando perspectivas decoloniais, valorizando narrativas marginalizadas e abordando desafios educacionais comuns em escala global. A integração ativa em circuitos internacionais de conhecimento é uma prática estratégica para a construção de um ensino de história mais plural, reflexivo e socialmente pertinente.

3) Consolidação das pesquisas em Ensino de História no Brasil

3.1) Grupos de Pesquisa

O Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq (DGP) é um inventário on-line e público de grupos de pesquisa em atividade no Brasil, hospedado na Plataforma Lattes. Ele funciona como uma base de dados nacional e oficial dos grupos de pesquisa, permitindo que sejam consultados por nome, linha de pesquisa, região, estado, instituição e membros. O DGP tem como objetivo principal mapear e organizar a produção científica e tecnológica do país, além de facilitar a interação entre pesquisadores e instituições⁴⁷.

Dessa forma, a comunidade científica vem sendo atualizada sobre o crescimento de um ecossistema complexo, cuja organização é orientada pelas grandes áreas. Em perspectiva, olhando para a série histórica apresentada pelo CNPq, observa-se o crescimento exponencial da comunidade científica em Grupos de Pesquisa em meados da década de 1990, conforme destacado na Tabela 1.

Tabela 1- Desenvolvimento dos Grupos de Pesquisa no Brasil

Ano de Formação	Número de Grupos
1978	22
1979 a 1982	101
1983 a 1986	162
1987 a 1990	272
1991 a 1994	632
1995 a 1998	1.016
1999 a 2002	2.313
2003 a 2006	2.732
2007 a 2010	5.093
2011 a 2014	7.103
2015 a 2017	6.693
2018 a 2020	8.789
2021 a 2023	7.832
Outro	92
Total	42.852

Fonte: Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq/DGP-CNPq (2025).
Elaboração: Autoras

Em perspectiva, o crescimento constante, especialmente a partir dos anos 2000, reflete o aumento do investimento em pós-graduação e a expansão das universidades federais, através do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades (Reuni). Assim, o número total de grupos de pesquisa cadastrados no Diretório (42.852) geralmente indica uma maturação do sistema. O aumento demonstra que a pesquisa está se institucionalizando, ou seja, deixando de ser uma atividade isolada de professores(as) e se consolidando em equipes organizadas e reconhecidas. Esse aumento também sinaliza o crescimento no número de pesquisadores e estudantes

(membros de grupos) mostra a ampliação da capacidade humana do país para gerar conhecimento.

O aumento no número de grupos de pesquisa entre os anos de 1991 e início dos anos 2000, se manifesta em todas as grandes áreas, com destaque para as Ciências Humanas (Educação, Direito, Letras, Linguística, Artes e História. Observa-se que História, possui atualmente 1.067 grupos de pesquisa, com isso, compõe a lista das 12 áreas que mais possuem grupos de pesquisa, conforme destacado na Tabela 2.

Tabela 2- Quantitativo de Grupos de Pesquisa por Área

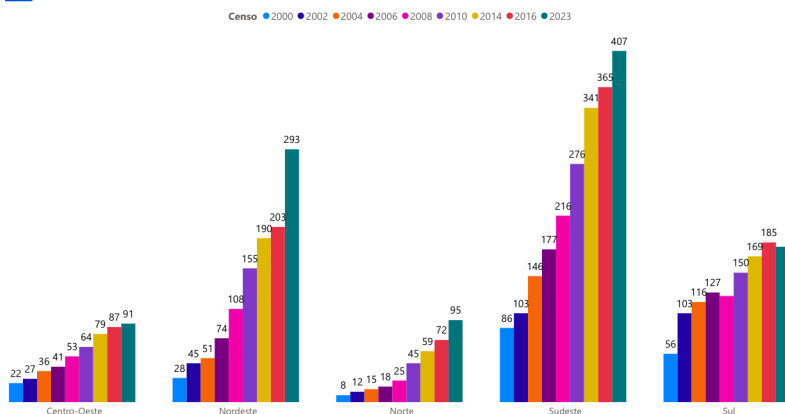
Área de Predominante	Número	Percentual
Educação	4.909	11,5%
Direito	1.981	4,6%
Administração	1.615	3,8%
Medicina	1.375	3,2%
Química	1.362	3,2%
Agronomia	1.278	3,0%
Saúde Coletiva	1.255	2,9%
C.da Computação	1.203	2,8%
Letras	1.199	2,8%
Linguística	1.181	2,8%
Artes	1.117	2,6%
História	1.067	2,5%
Psicologia	952	2,2%
Enfermagem	892	2,1%
Educação Física	879	2,1%
Comunicação	835	1,9%
Total	42.852	100.00%

Fonte: Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq/DGP-CNPq (2025).

Elaboração: Autoras

A análise da distribuição é onde as disparidades se tornam mais evidentes. Partindo dos dados disponibilizados pelo CNPq, identifica-se que a maior parte dos grupos de pesquisa estão situados nas regiões Sul e Sudeste, e que, o Nordeste ultrapassou o Sul em números absolutos de Grupos de Pesquisa por conta das ações do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades (REUNI). Esse crescimento no número de grupos da região Nordeste, pode ser observado a partir dos dados da série histórica do Diretório dos Grupos de Pesquisa (DGP), conforme a Figura 1 abaixo:

Figura 1 - Expansão dos Grupos de Pesquisa por Região



Fonte: Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq/DGP-CNPq (2025).
Elaboração: Autoras.

Conhecer onde se concentra a produção científica não é apenas acessar um dado estatístico; mas, saber que a ausência desses dados tem implicações profundas para o desenvolvimento nacional. Além disso, esse monitoramento evita a alta concentração de núcleos de excelência, tornando o

sistema nacional de C&T vulnerável. Sem dúvida, a presença de um número significativo na região, representa mais colaboração, mais acesso a equipamentos e a uma rede de pesquisadores, o que resulta em maior produtividade (publicações, eventos) nas regiões já estabelecidas. Para o CNPq, os Grupos de pesquisa são motores de inovação científica e desenvolvimento nacional. Conhecer o território em que estão sendo desenvolvidas as pesquisas possibilita conhecer o processo de produção científica (áreas, pesquisadores(as), temas e instituições), e, sobretudo, possibilita acompanhar os investimentos em ciência e tecnologia destinados aos diferentes territórios.

Essa cartografia, permite observar como os centros de excelência estão sendo construídos no Brasil, além de apresentar um panorama da pesquisa científica e tecnológica no país, revelando tendências, forças e áreas que necessitam de mais investimento. Os dados quantitativos, ainda sinalizam uma assimetria, ou seja, na capacidade de o Brasil usar a ciência para promover o desenvolvimento em todas as suas regiões.

Com base nos dados gerais sobre os grupos de pesquisa, fomos em busca de informações sobre o quantitativo e a localização dos(as) pesquisadores(as) que se agruparam usando como título para os grupos a expressão “Ensino de História”. Em um segundo momento, buscou-se verificar informações sobre grupos que usavam outras denominações como “Didática da História” e “Educação Histórica”, para autodesignação no Ensino de História. De todas as formas, identificou-se que Ensino de História é a denominação mais recorrente entre os pesquisadores e as pesquisadoras no Brasil. Os Grupos de Pesquisa autodenominados Ensino de História, representam um percentual de 5,81 % no universo de 1.067 Grupos de Pesquisa de

que usam a expressão História na sua denominação (área de predominância é História).

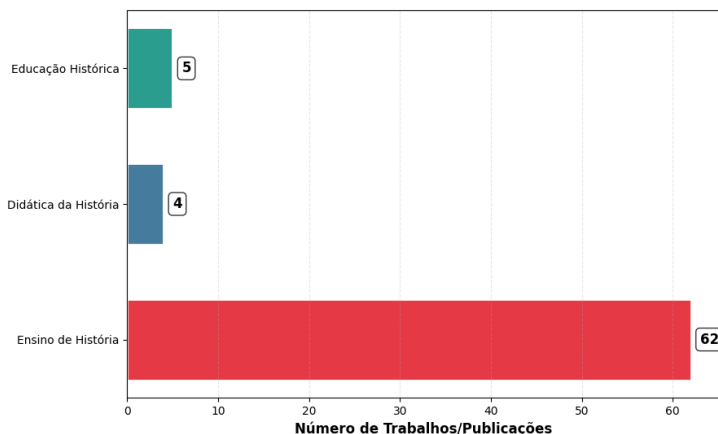
Por isso, a seguir, discorre-se sobre a constituição e consolidação de um campo de pesquisa chamado de Ensino de História, que desponta no final dos anos 1990, como um espaço de investigação profissional sobre as experiências dos sujeitos e suas diferentes formas de ler, compreender, escrever e produzir história. Logo, a partir desse momento, se identificar como pesquisador(a) do campo do Ensino de História é tomar como objeto de investigação as diferentes narrativas, a memória histórica, as narrativas digitais, o livro didático, a história pública, o currículo, as avaliações, o saber histórico escolar, os saberes docentes, o patrimônio, a cidade, as epistemologias, as práticas pedagógicas, as políticas públicas, a formação docente voltada para o Ensino de História e as metodologias, a partir de uma infinidade de fontes históricas (jornais, livros, imagens, vídeos, manuais, cartas, anotações, diários e currículos prescritos).

3.1.1) Grupos de Pesquisa - Ensino de História

Tomando a plataforma como ferramenta de busca de localização e caracterização dos grupos de pesquisa no Brasil, foi usado inicialmente o termo “Ensino de História”; num segundo momento, “Didática da História”; por fim, “Educação Histórica”. A busca aconteceu na base de dados on-line do Diretório dos Grupos de Pesquisa, nos dias 08 e 09 de agosto de 2025. O resultado da coleta demonstra que, em 2025, existem, no diretório, 62 grupos de pesquisa que se autodesignam com o

termo “Ensino de História” e outros 5 grupos de pesquisa usam a expressão “Didática da História” para autodenominar-se, além de 4 grupos de pesquisa que usam o termo “Educação História”, conforme expresso na Figura 2:

Figura 2- Distribuição dos Grupos de Pesquisa pela Denominação



Fonte: Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq/DGP-CNPq (2025).
Elaboração: Autoras

Após análise dos dados coletados, no que se refere aos 62 grupos de pesquisa que se autodenominam “Ensino de História”, observamos que, 50 grupos de pesquisa, cerca de 80,3% estão situados na área de História, enquanto 12 grupos, cerca de 19,7% têm como referência Educação como área de predominância. O Grupo de Pesquisa mais antigo de Ensino de História está localizado na Universidade Estadual de Londrina, criado no final dos anos 1990.

Tabela 3: Área de Predominância dos Grupos de Pesquisa de Ensino de História

Área de Predominância	Número de Grupos	Percentual (%)
História	50	80,3%
Educação	12	19,7%
TOTAL	62	100%

Fonte: Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq/DGP-CNPq (2025).

Elaboração: Autoras

Essa distribuição numérica reforça e quantifica o movimento de consolidação e autonomia do campo de Ensino de História, conforme nos dados citados anteriormente. Nesse sentido, os dados afirmam que a predominância da área de história (80,3%), representa um reforço na identidade disciplinar, uma vez que, a grande maioria dos grupos de pesquisa está formalmente vinculada aos Programas de Pós-Graduação em História. Isso indica que o campo é amplamente reconhecido como uma subárea da disciplina histórica, buscando legitimidade e financiamento. Bem como, na pesquisa historiográfica, ou seja, estar na área de História geralmente implica um foco maior na Historiografia, na Teoria da História e na História Ensino (o conteúdo em si), como visto em grupos que tratam de Ditadura Militar, América Latina e Idade Média. Enquanto, os grupos de pesquisa situados na área de Educação (19,7%), colaboram para a continuidade de uma tradição, ou seja, de pesquisadores voltados para a natureza do conhecimento histórico escolar a partir das questões relativas a Currículo, Avaliação, Políticas Educacionais e Formação de Professores.

Todos esses dados, sinalizando que a maioria dos grupos estão na área de História, representam reconhecimento,

legitimidade e compromisso com a formação cidadã. O campo do Ensino de História, nesse sentido, o campo conquistou ao longo do tempo:

- **Legitimidade epistêmica/científica:** O Ensino de História é visto, como uma especialização e extensão da própria disciplina de História. Isso significa que a pesquisa sobre ensino é conduzida por historiadores(as) e ancorada nos debates, fontes e metodologias da área (história pública, teoria da história, historiografia e outras especialidades);
- **Reconhecimento na área:** A pesquisa em Ensino de História é reconhecida e institucionalizada dentro dos programas de pós-graduação e departamentos de História.

Nesse sentido, o campo do Ensino de História demonstra sua força e potência no interior da área de História. Os dados do diretório referente aos 117 grupos com linhas de pesquisa sobre Ensino de História, mesmo que a área predominante do grupo não seja essa, demonstram que o campo possui:

- **Representatividade:** O número é muito maior do que os grupos que carregam a expressão no título ou na área predominante. Isso mostra a ampla difusão e relevância transversal do tema.
- **Capilaridade:** A pesquisa sobre Ensino de História ganha espaço em grupos que podem estar formalmente em Educação, Psicologia, Filosofia, Sociologia, Ciência Política, Artes ou Comunicação. Isso significa que a temática é um fator de diálogo entre diversas áreas do conhecimento.

- **Compromisso com a formação cidadã crítica:** A área de História assume a responsabilidade pela pesquisa sobre a apropriação do conhecimento histórico pela sociedade, na escola e em diferentes espaços.

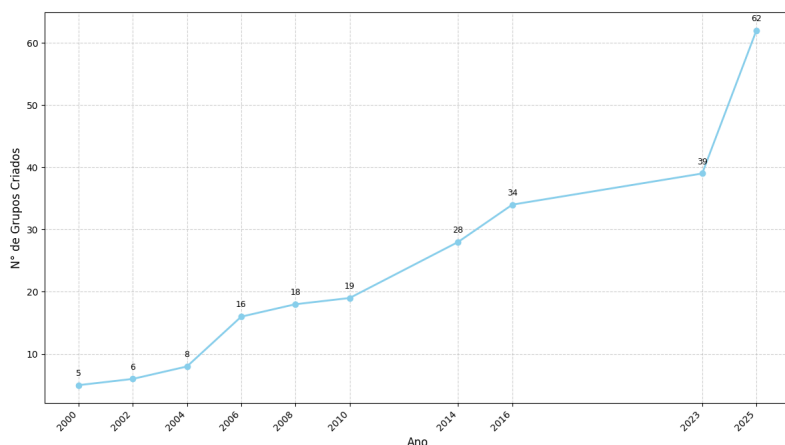
Ainda sobre a pesquisa implementada, realizamos uma busca pelas(os) pesquisadoras(es) que estão abrigados(as) em grupos de pesquisa que não utilizam a nomenclatura “Ensino de História”, mas que possuem uma linha de pesquisa que carrega em seu título a expressão “Ensino de História”. Nossa intenção foi identificar no interior dos grupos de pesquisa o número de pesquisadores que também dialogam de forma institucional com o campo. Dessa forma, localizamos 117 grupos com linhas de pesquisa voltadas para o Ensino de História, dentre os quais soma-se 100 grupos cuja área de predominância é História, 10 de Educação e os outros 7 vinculados a Física, Química e Matemática.

Cabe destacar que os Grupos de Pesquisa em Ensino de História, até 2014, foram criados tendo como área predominância a área de Educação. Essa situação muda após este ano, possivelmente, devido ao expressivo aumento nas linhas de Ensino de História nos programas de pós-graduação acadêmicos, momento em que também ocorre a aprovação do Profhistória, cujas atividades iniciaram-se em agosto de 2014 (Monteiro; Rossato, 2023). Esse dado de crescimento acompanha o fenômeno global do aumento dos Grupos de Pesquisa a partir dos anos 2000, segundo demonstram os dados do CNPq (Figura 1).

Assim, o principal fator para a migração de área provavelmente está relacionado a consolidação da Pós-

Graduação em História e o sistema de avaliação da CAPES e de financiamento do CNPq influenciam onde os pesquisadores se posicionam. Atualmente, o número de pesquisadores(as) doutores(as) vinculados(as) aos Grupos de Pesquisa deve ser um pouco mais de 700 investigadores(as). Este dado carece ser mais investigado pois o número pode ser ainda maior, considerando o número de pesquisadores(as) que atuam no Profhistória e que estão vinculados(as) a outros grupos de pesquisa.

Figura 3 - Dados sobre crescimento dos Grupos de Pesquisa-Ensino de História

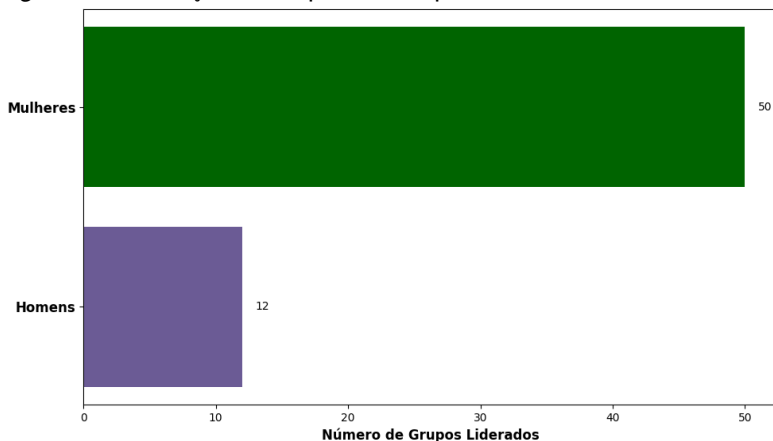


Fonte: Diretório de Grupos de Pesquisa/CNPQ (2025). Elaboração: Autoras.

Nesse sentido, os dados mostraram que, além dos grupos de pesquisas estarem situados na área de História, a maioria, possuem mulheres na liderança (ver apêndice 4), característica que dialoga com a história da criação do campo de pesquisa do Ensino de História no final da década de 1990. Temos, portanto,

os grupos possuem 50 mulheres e 12 homens na liderança, conforme a Figura 4.

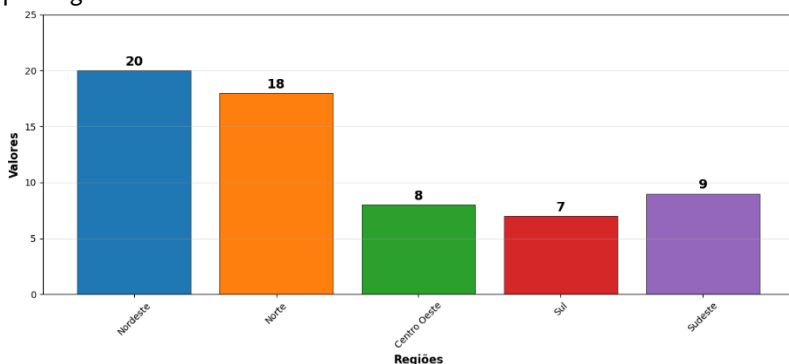
Figura 4 -Liderança dos Grupos de Pesquisa - Gênero



Fonte: Diretório de Grupos de Pesquisa/CNPQ (2025). Elaboração: Autoras.

Os dados do Diretório dos Grupos de pesquisa, também mostram o crescimento do número de grupos de pesquisa em Ensino de História por região. Observa-se que o maior número dos grupos de pesquisa ainda está localizado na região Sudeste, no entanto, o Nordeste do Brasil apresenta um excelente desempenho, conforme na Figura 5.

Figura 5- Distribuição dos Grupos de Pesquisa em Ensino de História por região



Fonte: Diretório de Grupos de Pesquisa/CNPQ (2025). Elaboração: Autoras.

Já os grupos de pesquisa que se autodenominam "Didática da História" e "Educação histórica, também se concentram na área de História. A predominância na área de **História** (3 de 4) indica que o conceito de Educação Histórica — que visa desenvolver a capacidade do aluno de dar sentido ao passado e relacioná-lo com o presente e futuro — está sendo amplamente encampado e teorizado pelos programas de pós-graduação em História do país.

A análise dos dados do Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq evidencia a consolidação do campo de pesquisa em Ensino de História no Brasil, que experimentou seu crescimento a partir do final dos anos 1990, conforme sinaliza a série histórica do Diretório dos Grupos de Pesquisa (CNPq, Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil, 2025).

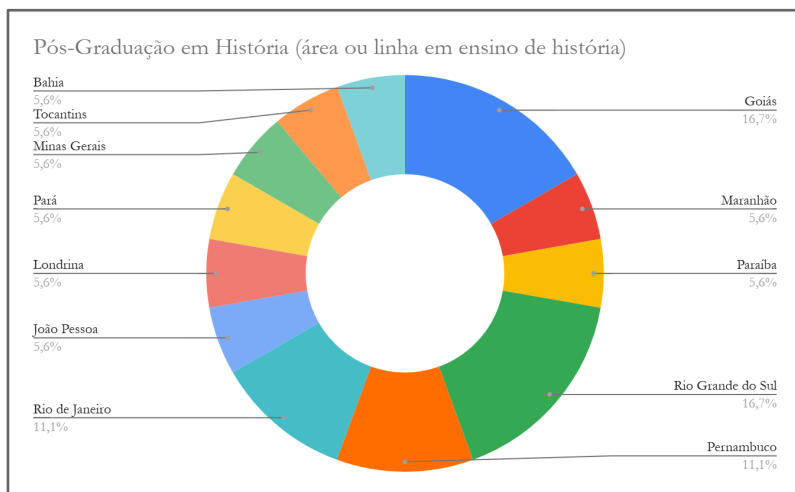
Em 2025, identifica-se um ecossistema robusto, composto por 62 grupos que carregam essa denominação em seu título, além de outros nove que utilizam as expressões "Didática da História"

ou “Educação Histórica”. A relevância e transversalidade do campo são ainda mais destacadas pela existência de 117 grupos de pesquisa de outras áreas, que abrigam linhas de pesquisa específicas sobre o tema (CNPq, Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil, 2025).

3.2) O Ensino de História nos Programas de Pós-Graduação

Com base nos dados da plataforma Sucupira (CAPES), dos 81 programas de pós-graduação da área de História, 18 têm área de concentração ou linha de pesquisa relacionada ao Ensino de História e/ou a temas relacionados, o que representa cerca de 22% dos programas em História do país. Há uma significativa diversidade geográfica e conceitual, concentrando-se majoritariamente nas regiões Nordeste (6 programas) e Sul (4 programas), seguidas por Sudeste (3), Centro-Oeste (3) e Norte (2). Há duas menções a ensino na área de concentração entre os programas e 13 nomeações diretas ao ensino nas linhas de pesquisa, além de quatro menções indiretas por meio de termos como “práticas educativas”, “docência” ou “educação histórica”. As linhas de pesquisa evidenciam uma forte interdisciplinaridade, integrando o ensino de história com temas como cultura, linguagens, narrativas, diversidade cultural, patrimônio e fontes documentais, o que demonstra um amadurecimento do campo ao vincular a reflexão pedagógica a eixos temáticos amplos da pesquisa histórica contemporânea, superando uma visão meramente instrumental do ensino.

Figura 6 - Pós-Graduação em História com linhas ou áreas Ensino de História no Brasil



Fonte: Plataforma Sucupira (2025). Elaboração: Autoras.

Além dos programas da área da História, deve-se destacar o Programa de Pós-Graduação em Ensino de História (ProfHistória), em rede nacional, vinculado ao Programa de Mestrado Profissional para Qualificação de Professores da Rede Pública de Educação Básica (ProEB). O projeto, sob demanda da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), foi construído por docentes vinculados a diferentes universidades do Rio de Janeiro. A primeira turma de mestrado teve início em 2014, ampliando progressivamente o seu alcance nos anos seguintes, alcançando 39 instituições associadas, a partir de 2019, localizadas nas cinco regiões do país⁴⁸. Em 2025, teve início a primeira turma de doutorado, demarcando a consolidação do curso totalmente voltado ao Ensino de História⁴⁹. Atualmente, o curso possui quatro linhas de pesquisa, sendo elas “Linguagens e narrativas históricas: produção e

difusão”, com 344 projetos de pesquisa cadastrados; “Saberes históricos em diferentes espaços de memória”, com 333 projetos de pesquisa; “Saberes históricos no espaço escolar”, com 354 projetos de pesquisa vinculados. A linha de pesquisa Ensino de História e Políticas Públicas foi aprovada em 2025, no contexto de criação do curso de Doutorado⁵⁰.

Desde a sua implementação, o ProfHistória orientou-se pelo objetivo de alcançar capilaridade nacional, operando por meio de um processo seletivo unificado e da expansão progressiva de suas turmas⁵¹. Esse crescimento é evidenciado pela evolução no número de discentes ingressantes: em 2014, foram registradas 144 matrículas; em 2016, com a incorporação de novas instituições associadas, por meio da expansão da rede nacional, o contingente saltou para 545 discentes, até atingir um total de 1.503 (mil quinhentos e três) alunos(as) no ano de 2020⁵². Desde a sua criação, o programa tem contribuído para pesquisa científica no campo. Formada hegemonicamente por docentes historiadoras(es)⁵³, possui expressiva produção divulgada por meio de livros, capítulos, artigos e materiais audiovisuais diversos, como podcasts, exposições virtuais, entrevistas, dentre outros. Em 2025, após o curso completar uma década de funcionamento, o número de dissertações concluídas ultrapassa 2000 trabalhos, distribuídos por 39 instituições de ensino superior, o que demonstra vertiginoso crescimento e capilarização das pesquisas em Ensino de História⁵⁴.

Figura 7 - Programas de Pós-Graduação Profissionais em Ensino de História por região

Região	Instituições	Percentual
Nordeste	14	33%
Sudeste	10	24%
Sul	7	17%
Norte	6	14%
Centro-Oeste	5	12%
TOTAL	42	100%

Fonte: Profhistoria. Elaboração: Autoras.

Ao oferecer uma formação *stricto sensu* voltada especificamente para a qualificação de professores da educação básica, o ProfHistória não apenas elevou o patamar da formação docente, mas também fortaleceu a base de pesquisas aplicadas e a produção de conhecimento diretamente vinculado à prática pedagógica. Dessa forma, ele consolidou-se como um marco fundamental na estruturação de uma comunidade científica robusta e especializada nesta área do saber.

3.3) Laboratórios de pesquisa em Ensino de História

Os laboratórios de Ensino de História despontam como espaços estratégicos na formação docente e na articulação entre universidade e escola. De acordo com as ações desenvolvidas e

relatadas pelos diversos grupos, trata-se de ambientes que reúnem professores, pesquisadores e estudantes em torno de práticas integradas de ensino, pesquisa e extensão. Não se limitam a ser meros depósitos de materiais: procuram produzir recursos pedagógicos próprios, organizar bancos de dados e criar revistas eletrônicas para socializar boas práticas e reflexões. Pela descrição das atividades, objetivos e práticas dos laboratórios, pressupõe-se a circulação de saberes e o diálogo entre teoria e prática (Apêndice 2)⁵⁵.

Os laboratórios também se destacam pela aposta em metodologias ativas e na interdisciplinaridade. O LabHist do Instituto Federal de Sergipe, por exemplo, tem como objetivo “desenvolver experiências de ensino-aprendizagem”⁵⁶ que aliem distintas áreas do conhecimento e o uso de ferramentas digitais para atividades criativas e engajadas. Essa perspectiva rompe com o ensino tradicional de História, aproximando o aluno de fontes diversas – de repositórios virtuais a podcasts – e incentivando a participação crítica (Apêndice 2).

Outro eixo fundamental averiguado nas descrições dos laboratórios (Apêndice 2) é o da extensão universitária. Os laboratórios promovem oficinas, palestras e cursos voltados tanto a licenciandos quanto a professores da Educação Básica, abrindo a universidade à comunidade e contribuindo para a formação continuada. No Laboratório de Ensino de História e Educação (LHISTE/UFRGS), por exemplo, um dos objetivos explícitos é “desenvolver ações de extensão voltadas para formação continuada de professores e licenciandos dos cursos de História e de Pedagogia”⁵⁷. Ao articular pesquisa acadêmica e demandas sociais, esses espaços contribuem para a

democratização do conhecimento histórico e para a valorização da memória e do patrimônio.

A importância dos Laboratórios de Ensino de História, portanto, reside na capacidade de integrar diferentes dimensões da atividade universitária, produzir saberes situados e acessíveis, valorizar as tecnologias digitais e fortalecer o diálogo entre universidade, escola e sociedade. Em um contexto de desafios pedagógicos e revisionismos, eles constituem um dispositivo de resistência crítica e de inovação, contribuindo para a formação de professores mais preparados e para a construção de uma consciência histórica ampla e plural.

Segundo levantamento, há 41 laboratórios mapeados, indicando uma base consolidada de pesquisa em ensino de história no país. Contudo, há que se levar em conta vários laboratórios como o LEH (UFPEL), que não foram registrados no CNPq com esse nome, mas como HEDUCA — História e Educação: textos, escritas e leituras. O mesmo ocorre com o LEH (UDESC), vinculado ao Grupo de Pesquisa Ensino de História, Memórias e Culturas. Por isso, cabe ressaltar a possibilidade de existência de laboratórios voltados ao ensino de história que não se encontram registrados na base de dados do CNPq, motivo pelo qual não foram contemplados na lista apresentada (Apêndice 2). Também existem 5 laboratórios que estão registrados no CNPq como Grupos de Pesquisa, como Laboratório de Pesquisa e Práticas de Ensino em História — LPPE; Laboratório de Ensino de História da Universidade Federal Fluminense — LEHUFF; Laboratório de Ensino de História e Tecnologias Digitais — LEHDI; Laboratório de Ensino de História — LEH/CAP-UERJ; Tempo Rei — Laboratório de Ensino de História e Laboratório de Didática da História — LADIH.⁵⁸

Figura 8 - Laboratórios de Ensino de História no Brasil

Região	Quantidade	Percentual
Nordeste	12	29%
Sul	10	24%
Sudeste	13	32%
Centro-Oeste	4	10%
Norte	2	5%
TOTAL	41	100%

Fonte: CNPq (2025). Elaboração: Autoras

Grande parte dos laboratórios está sediada em departamentos ou cursos de História, como o LEMH da UEM (listado entre os laboratórios do Departamento de História), o LabHist (UFS), o LEH-HEDUCA (UFPeI) e o LEHIS (UNICENTRO). Esses espaços se voltam à produção de materiais didáticos, pesquisa e extensão, buscando inovar o ensino de história. Seis laboratórios estão vinculados a faculdades ou departamentos de Educação⁵⁹. Exemplos são o LABEPEH da UFMG, que integra a Faculdade de Educação e desenvolve pesquisas e bancos de dados didáticos, e o Lahis da UFES, ligado ao Centro de Educação e dedicado à atualização docente e acervo de materiais⁶⁰. Para alguns laboratórios (por exemplo, LAPEH–UESB, LABHis–UFGD e LAPEDUH–UFPR) não foi possível confirmar se a vinculação é ao departamento de História ou de Educação pelos seus sites. Alguns funcionam em centros interdisciplinares ou estão em fase de estruturação, e a informação de vínculo institucional não estava disponível publicamente (Apêndice 2).

Na Figura 09, é possível visualizar com destaque as palavras que mais se repetem nas descrições das iniciativas, como “graduação”, “didático”, “seminários”, “debates”, “livros”, “digitais” e “redes”. As variações de tamanho refletem a frequência com que esses termos aparecem na coluna “Ações Desenvolvidas” da tabela fornecida (Apêndice 2)⁶¹.

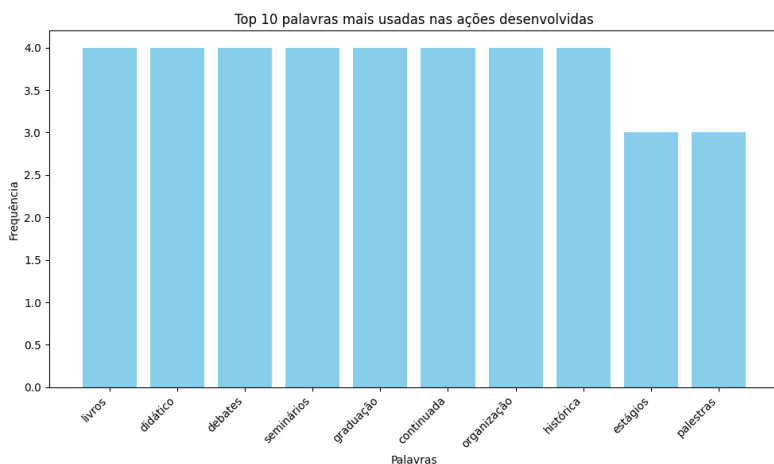
Figura 9 - Nuvem de Palavras - Ações Desenvolvidas por Laboratórios de Ensino de História



Fonte: Harzing's Publish or Perish 8.18.5091.9307 (2025) Elaboração: Autoras

As palavras listadas refletem os termos que mais se repetem nas descrições das principais ações dos laboratórios. A frequência mostra quantas vezes cada palavra aparece no conjunto de ações analisadas (Figura 10).

Figura 10 - Palavras-chave das ações desenvolvidas nos Laboratórios de Ensino de História



Fonte: *Harzing's Publish or Perish* 8.18.5091.9307 (2025). Elaboração: Autoras.

Os laboratórios de ensino de História no Brasil desenvolvem pesquisas que abrangem temas como didática da história, educação histórica, formação de professores/as, análise de livros didáticos, patrimônio cultural e diversidade étnico-racial. Muitos deles investem na constituição de acervos históricos e digitais, publicam revistas especializadas e articulam-se com programas de pós-graduação, fortalecendo a produção de conhecimento científico na área, além de sua divulgação em meios acadêmicos e escolares (Apêndice 2).

Já as ações de extensão realizadas por esses laboratórios caracterizam-se pela forte interação com a sociedade, incluindo cursos de formação para professores da educação básica, projetos de educação patrimonial, história pública e popularização da ciência da História por meio de *podcasts*, redes

sociais e eventos abertos. Essas iniciativas buscam não apenas divulgar o conhecimento histórico, mas também estabelecer um diálogo constante entre universidade e comunidade, reforçando o compromisso social da pesquisa (Apêndice 2).

Os laboratórios de ensino de história são espaços importantes de articulação entre a produção acadêmica e as demandas educacionais e sociais. Eles vêm contribuindo para a qualificação da formação docente, a publicação científica, a inovação metodológica e a democratização do acesso ao conhecimento histórico, evidenciando um campo dinâmico, interdisciplinar e comprometido com a transformação da ciência no país.

4) Produções

Para trazer os dados sobre publicações, buscamos apoio nos aportes da bibliometria e da cientometria, entendidas como ferramentas fundamentais para o mapeamento e a análise da produção científica. Enquanto a primeira se ocupa da mensuração quantitativa de aspectos da literatura científica — como títulos, palavras-chave, número de artigos e citações —, a cientometria constitui um campo consolidado que busca interpretar, de forma sistemática, a dinâmica da produção e da circulação do conhecimento.

Utilizamos o Harzing's Publish or Perish, versão 8.18.5091.9307, um *software* criado por Anne-Wil Harzing, em 2006, com o objetivo de apoiar pesquisadores na análise da produção acadêmica e na avaliação de áreas específicas de pesquisa. Trata-se de uma ferramenta que coleta e organiza dados de citações a partir de diferentes bases, como Google Scholar, Scopus, Web of Science, CrossRef, entre outras, e, a partir disso, calcula uma série de indicadores bibliométricos que medem tanto o volume quanto o impacto das publicações. Entre as métricas mais utilizadas estão o número total de publicações e de citações, o índice h, o índice g, o i10-index e as médias de citações por artigo ou por autor. O programa se destaca por sua facilidade de uso, pela possibilidade de exportar dados para análises mais aprofundadas e por permitir que pesquisadores construam relatórios, comparem autores, revistas, grupos de pesquisa ou mesmo campos temáticos inteiros. Por essas características, tornou-se uma ferramenta bastante empregada em processos de avaliação acadêmica, em mapeamentos de

áreas do conhecimento e em estudos voltados a identificar tendências de publicação em determinadas temáticas.

4.1) Artigos científicos

Nosso objetivo, primeiramente, é o de destacar os periódicos acadêmicos voltados para o Ensino de História, posteriormente, lançar a palavra-chave “Ensino de História” em relação aos títulos de artigos publicados em periódicos especializados. Esse estudo constitui evidência empírica da consolidação desse campo de pesquisa no Brasil. A escolha do termo como palavra-chave não se dá de modo fortuito: trata-se de uma categoria reconhecida e partilhada pela comunidade acadêmica, que organiza suas investigações, referenciais teóricos e metodológicos a partir desse eixo conceitual (Garcia; Gattaz; Gattaz, 2019).

Cumpramos esclarecer, contudo, que a relação apresentada não contempla a totalidade dos artigos existentes sobre o tema. Foram selecionados apenas aqueles considerados mais representativos para o campo, seja pela repercussão alcançada, pelo número de acessos ou ainda pela disponibilidade em bases de busca abertas. Dessa forma, trata-se de um recorte que busca privilegiar a relevância e a acessibilidade, sem a pretensão de esgotar a produção existente.

Tal visibilidade revela um processo de institucionalização científica. Assim como os diferentes recortes temáticos e cronológicos da História como Antiga, Medieval, Moderna, Contemporânea, Social e Cultural, o Ensino de História apresenta

uma produção regular e consistente, disseminada em revistas científicas (a exemplo da *História & Ensino* e da *História Hoje*), em dossiês temáticos de periódicos de História e de Educação, bem como em congressos e simpósios nacionais e internacionais (embora aqui, fizemos um levantamento apenas dos artigos científicos).

O fato de os títulos explicitarem “Ensino de História” indica não apenas um campo de prática pedagógica, mas a consolidação de um domínio de pesquisa autônomo, com problemas e objetos próprios: a constituição da consciência histórica, a análise da cultura histórica e suas relações com a escola, a didática da História como teoria do ensino, os processos de aprendizagem de conceitos de segunda ordem, as políticas curriculares, a inserção de temas sensíveis e de grupos historicamente marginalizados, a incorporação de novas linguagens e tecnologias, entre outros.

Portanto, a presença recorrente do termo nos títulos de artigos e periódicos reforça o argumento de que o Ensino de História não deve ser reduzido a mero campo aplicado da historiografia ou da pedagogia, mas deve ser reconhecido como subárea da História na CNPq. Tal reconhecimento contribuirá para a adequação institucional ao estado atual da produção acadêmica, conferindo maior visibilidade, legitimidade e condições de fomento à pesquisa no campo.

A opção pelo termo “Ensino de História” como palavra-chave no título, guarda um paralelo direto com a subárea que leva o mesmo nome e que vem sendo defendida no âmbito do CNPq. Contudo, é fundamental destacar que a produção acadêmica não se restringe aos trabalhos que apresentam explicitamente essa expressão no título. Há um conjunto significativo de artigos que,

mesmo sem tal palavra-chave, aborda questões diretamente vinculadas ao campo, tais como a formação histórica, aprendizagem histórica, currículo escolar de história, cultura histórica/cultura escolar, livro didático de história, entre outros.

Ao final do texto, palavras-chave correspondentes à “Didática da História” e “Aprendizagem Histórica” nos títulos dos artigos acadêmicos também serão consideradas. Essa perspectiva mostrará que com esses termos ou com o termo “Ensino de História”, houve uma mudança significativa na área: o percurso das palavras-chave evidencia que a subárea do ensino de História deixou de ser concebida unicamente como um processo de transmissão de conteúdos escolares, em que a metodologia era reduzida a uma simples estratégia didática para operacionalizar o ensino. Esse movimento revela uma transformação: de um enfoque restrito às práticas de sala de aula e à seleção de conteúdos, o campo passou a ser reconhecido como um território consolidado de investigação científica, dotado de problemáticas próprias e referenciais teóricos específicos.

Assim, observa-se uma mudança epistemológica: o ensino de História deixa de ser apenas uma técnica pedagógica voltada à memorização ou à aplicação linear do saber histórico, para constituir-se como um espaço de reflexão crítica sobre processos de produção de conhecimento escolar em História, formação da consciência histórica, disputas de memória e identidade, função social da disciplina e desafios impostos pelas demandas contemporâneas. Nesse sentido, as palavras-chave revelam um campo em expansão, capaz de articular questões políticas, culturais e cognitivas, o que lhe confere densidade e autonomia científica. A amplitude temática evidencia que a pesquisa em Ensino de História não se limita a um espaço aplicado de

transmissão didática, mas desenvolve problemas conceituais e metodológicos que se aproximam de um campo epistêmico autônomo. As práticas de educação patrimonial, as experiências com linguagens artísticas, literárias e audiovisuais, e as reflexões sobre a relação entre História Pública e ensino de História demonstram como o campo ultrapassa os muros da escola e se conecta com demandas sociais amplas de memória, identidade e direitos humanos.

O levantamento de autores com maior número de artigos publicados sobre Ensino de História entre 1992 e 2024 exige dados bibliométricos consolidados, que infelizmente não estão disponíveis publicamente de forma abrangente. A maioria dos periódicos que publicam na área (por exemplo, *História & Ensino*, *História Hoje*, *Tempo & Argumento*, *Educação em Revista*) não apresenta estatísticas compiladas de autoria para todo o período.

Uma exceção é o estudo de Nadia Gaiofatto Gonçalves e Ana Maria Monteiro (2017)⁶², que realizou uma análise de 130 artigos sobre “saberes e práticas docentes” em ensino de História, publicados de 1970 a 2014. Nesse levantamento, as autoras identificaram os principais autores de referência para os trabalhos analisados. Os resultados mostram que Ana Maria Monteiro (UFRJ) foi a autora mais mencionada, sendo referência em sete dos artigos analisados e que autores(as) ligados à Educação Histórica - como Isabel Barca, Peter Lee, Jörn Rüsen, Maria Auxiliadora Schmidt, Marlene Cainelli e Luis Fernando Cerri -também foram bastante citados, mas sem especificação do número de trabalhos em que aparecem. A partir de 2005, esses autores passaram a ser mais presentes nas publicações brasileiras sobre ensino de História

Com base nesse estudo (que cobre publicações até 2014) e na visibilidade desses autores em periódicos brasileiros de ensino de História, é possível afirmar que Ana Maria Monteiro figura entre as pesquisadoras mais produtivas e influentes na área. Outros nomes recorrentes, embora sem contagem precisa de artigos, incluem os professores Maria Auxiliadora Schmidt, Marlene Cainelli, Circe Bittencourt, Selva Guimarães, Katia Abud, Luis Fernando Cerri – só para citar alguns (Monteiro; Gonçalves, 2017)

Importante também considerar duas revistas destinadas à subárea de Ensino de História. A *História & Ensino* surgiu em 1995, como iniciativa pioneira no Brasil voltada exclusivamente ao ensino de História. Idealizada por Marlene Cainelli, do Departamento de História da Universidade Estadual de Londrina, a revista nasceu vinculada ao Laboratório de Ensino de História com o objetivo inicial de dialogar com graduandos(as) e professores(as) do Ensino Fundamental e Médio. Ao longo de sua trajetória, ampliou seu escopo: passou a publicar artigos inéditos de pesquisa, relatos de experiência e traduções sobre metodologias de ensino, didática da História, história da disciplina, formação docente e educação histórica. Originalmente anual e impressa, a revista tornou-se semestral e exclusivamente digital, mantendo acesso aberto e avaliação por pares. Está ligada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da UEL, na linha de pesquisa em Ensino e História Pública. Reconhecida pela sua relevância, a *História & Ensino* obteve Qualis A1 na quadrienal 2017-2020.⁶³

Tabela 4 - Revista História & Ensino - Quantidade de Artigos por Ano

Ano / Volume	Qtde	Ano / Volume	Qtde
1995	7	2014 (Vol. 2)	8
1996	6	2015 (Vol. 1)	13
1997	10	2015 (Vol. 2)	16
1998	10	2016 (Vol. 1)	10
1999	10	2016 (Vol. 2)	14
2000	13	2017 (Vol. 1)	18
2001	10	2017 (Vol. 2)	9
2002	8	2018 (Vol. 1)	10
2002 (Edição Especial)	18	2018 (Vol. 2)	15
2003	15	2019 (Vol. 1)	24
2004	10	2019 (Vol. 2)	18
2005	11	2020 (Vol. 1)	16
2006	13	2020 (Vol. 2)	25
2007	12	2021 (Vol. 1)	18
2008	9	2021 (Vol. 2)	11
2009	12	2022 (Vol. 1)	11
2010	8	2022 (Vol. 2)	7
2011	10	2023 (Vol. 1)	7
2012	8	2023 (Vol. 2)	9
2012 (Edição Especial)	8	2024 (Vol. 1)	10
2013	9	2024 (Vol. 2)	11
2014 (Vol. 1)	9	TOTAL	506

Fonte: Harzing's Publish or Perish 8.18.5091.9307 (2025). Elaboração: Autoras

A *Revista História Hoje* é a publicação institucional da Associação Nacional de História (ANPUH). Apoiada pela ANPUH, promoveu uma profunda reestruturação: teve o foco redefinido para privilegiar as interfaces entre História, Ensino de História e formação docente, criou seções como “História Hoje na Sala de Aula”, “E-Storia” e “Falando de História Hoje”, e adotou a publicação de dossiês temáticos. Nessa reformulação, a revista

passou a ter periodicidade semestral, migrou para a plataforma OJS/SEER e inaugurou uma nova série em 2012 com o dossiê “Ensino de História da África e da Cultura Afro-brasileira”. Desde 2013, os dossiês são selecionados via chamadas públicas. Trata-se de uma revista eletrônica quadrimestral (Qualis A1) que mantém avaliação no sistema duplo cego, acesso aberto e compromisso com o debate entre historiadores, professores e pesquisadores sobre ensino de História e formação docente⁶⁴.

Tabela 5 - Revista História Hoje - Quantidade de Artigos por Ano

Ano / Volume	Qtde	Ano / Volume	Qtde
2012 (Vol. 1)	17	2019 (Vol. 2)	14
2012 (Vol. 2)	13	2020 (Vol. 1)	16
2013 (Vol. 1)	18	2020 (Vol. 2)	17
2013 (Vol. 2)	13	2021 (Vol. 1)	16
2014 (Vol. 1)	13	2021 (Vol. 2)	16
2014 (Vol. 2)	13	2022 (Vol. 1)	22
2015 (Vol. 1)	14	2022 (Vol. 2)	17
2015 (Vol. 2)	15	2023 (Vol. 1)	16
2016 (Vol. 1)	19	2023 (Vol. 2)	11
2016 (Vol. 2)	12	2023 (Ed. Esp.)	9
2017 (Vol. 1)	18	2024 (Vol. 1)	13
2017 (Vol. 2)	10	2024 (Vol. 2)	11
2018 (Vol. 1)	18	2024 (Ed. Esp.)	9
2019 (Vol. 1)	14	TOTAL	334

Fonte: Harzing's Publish or Perish 8.18.5091.9307 (2025). Elaboração: Autoras

Outras publicações como a *Revista de Educação Histórica* (REDUH) podem se configurar como um periódico especializado no campo do Ensino de História, da Didática da História e da Aprendizagem Histórica⁶⁵. No entanto, são periódicos de circulação restrita, uma vez que não estão indexados em bases

amplamente consultadas (SciELO, DOAJ, Google Scholar). Assim, sua difusão ocorre principalmente pelo site oficial, o que pode limitar sua inserção em redes de citação e reduzir a visibilidade de seus artigos em pesquisas abertas como a realizada aqui. Essa limitação de indexação não diminui, contudo, sua relevância como espaço de circulação de pesquisas e debates que contribuem para a consolidação do Ensino de História como subárea. A revista é publicada pelo Laboratório de Pesquisa em Educação Histórica da Universidade Federal do Paraná (LAPEDUH) da UFPR, núcleo de pesquisa de referência nacional e internacional que, desde sua fundação, articula investigações teóricas e empíricas sobre consciência histórica, cognição histórica e formação docente. De 2012 a 2023, essa revista publicou 237 artigos reproduzindo quase as mesmas palavras-chave, como pode ser observado no próprio site da revista.⁶⁶

Os dados a seguir, correspondem a um levantamento com o apoio do já mencionado *Harzing's Publish or Perish*, e considera os artigos publicados entre 1992 e 2024, destacando os *temas* dos artigos cujo título refere-se ao “Ensino de História”.⁶⁷

Tabela 6 - Artigos sobre Ensino de História (1992-1996)

Ano	Quantidade de Exemplares	Temas mais tratados
1992	2	Ensino de história nas séries iniciais; trajetória e perspectiva do ensino
1993	10	Currículo; metodologias; história antiga; ensino religioso; manuais didáticos; cidadania
1994	11	Avaliação; ensino indígena; livros didáticos; história local; práticas escolares
1995	7	Currículo; linguagens no ensino; questão racial; interdisciplinaridade
1996	15	Comunicação de massas; livro didático; séries iniciais; metodologias; história da América; literatura; avaliação; regionalismo; ensino técnico

Fonte: Harzing's Publish or Perish 8.18.5091.9307 (2025). Elaboração: Autoras

Tabela 7 - Artigos sobre Ensino de História (1997-2001)

Ano	Quantidade de Exemplares	Temas mais tratados
1997	9	Currículo; memória e representações; prática pedagógica; narrativa histórica; teoria-prática
1998	9	Formação de professores; história regional; história social; uso de imagens; rádio; nouvelle histoire
1999	8	Objetivos do ensino; tecnologias; identidade nacional; narrativas; pluralidade cultural
2000	12	História da África; patrimônio; cidadania; pesquisa em ensino; metodologias; crítica dos anos 80
2001	15	Conteúdo e metodologia; tecnologias; história local; avaliação; mídia; comunidade; formação docente

Fonte: Harzing's Publish or Perish 8.18.5091.9307 (2025). Elaboração: Autoras

Tabela 8 - Artigos sobre Ensino de História (2002-2006)

Ano	Quantidade de Exemplares	Temas mais tratados
2002	13	Música; povos indígenas; identidade nacional; PCNEM; imagens; propaganda; formação contínua
2003	23	Didática; memória nacional; meio ambiente; cinema; PCNs; livros didáticos; consciência histórica; práticas culturais.
2004	14	Interdisciplinaridade; avaliação; cinema; África; continuidade curricular; TICs; formação docente
2005	12	Diversidade; interdisciplinaridade; fontes; analogias; identidades; cinema; memórias sociais.
2006	23	Currículo; educação histórica; etnicidade; oficinas didáticas; história oral; consciência histórica; ensino da África; inclusão.

Fonte: Harzing's Publish or Perish 8.18.5091.9307 (2025). Elaboração: Autoras

Tabela 9 - Artigos sobre Ensino de História (2007-2011)

Ano	Quantidade de Exemplares	Temas mais tratados
2007	23	Jogos e ludicidade; currículo; informática educacional; interdisciplinaridade; imagens; África; práticas escolares
2008	22	Educação das relações étnico-raciais; história oral; memória; cinema; museus; gênero e etnia; múltiplos espaços de ensino
2009	23	Historiografia; música; ditadura; cinema; patrimônio; história regional; memória; identidade nacional
2010	23	Historiografia; currículos; memória e patrimônio; imagens; ficção; turismo; nacionalismo; Didática da História
2011	24	Formação de professores; tecnologias; currículo; consciência histórica; Lei 10.639/03; livros didáticos; fontes; comunidades.

Fonte: Harzing's Publish or Perish 8.18.5091.9307 (2025). Elaboração: Autoras.

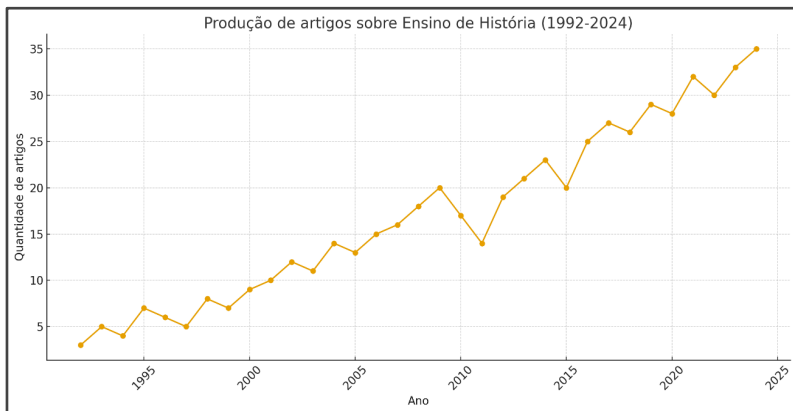
Tabela 10 - Artigos sobre Ensino de História (2012-2016)

Ano	Quantidade de Exemplares	Temas mais tratados
2012	18	História indígena; políticas curriculares; PNLD; memória; direito à História; formação docente
2013	29	História local; educação patrimonial; cinema; movimento negro; currículo; tecnologias; Lei 10.639/03
2014	10	Livro didático; cultura histórica; currículo; fabulação; fontes; literatura infantil; trajetória do ensino
2015	15	Formação docente; ensino afro-brasileiro e indígena; educação patrimonial; práticas escolares; narrativas; consciência histórica
2016	30	Teatro; ditaduras; YouTube; meio ambiente; BNCC; relações étnico-raciais; História Pública; currículo integrado; literatura; educação popular

Fonte: Harzing's Publish or Perish 8.18.5091.9307 (2025). Elaboração: Autoras

Com esses dados, chegamos ao gráfico sobre as publicações de artigos no período entre 1992 e 2024:

Figura 11 - Produções de Artigos



Fonte: Harzing's Publish or Perish 8.18.5091.9307 (2025). Elaboração: Autoras

A partir dos artigos entre 1992 e 2024, destacam-se as seguintes palavras-chave, que podem nos fornecer entendimento sobre a trajetória do campo do Ensino de História:

Tabela 11 - Palavras-chave por ano (1992-2024)

Ano	Palavras-chave
1992	sala de aula, produção, trajetória
1993	memória, currículo, identidade
1994	livros, indígenas, professor
1995	didática, gênero, identidade
1996	cotidiano, crianças, memória
1997	currículo, escola, cotidiano
1998	formação, criança, identidade
1999	política, currículo, representações
2000	multiculturalismo, práticas, crítica
2001	temporalidade, práticas, formação
2002	práticas, saberes, utópica
2003	meio, inicial, proposta
2004	cinema, fronteiras, saberes
2005	diversidade, consciência, políticas
2006	passado, disciplinar, oficinas
2007	imagens, presente, lúdico
2008	definição, reformando, saberes
2009	curriculares, espaço, narrativas
2010	prática, docente, projetos
2011	inovação, nacional, reflexão
2012	memória, professor, manual
2013	vida, docente, narrativas
2014	projeto, práticas, material
2015	manual, currículo, patrimônio
2016	memória, questões, filme
2017	tempos, currículo, identidades
2018	dossiê, conhecimento, gênero
2019	currículos, saberes, ensino
2020	consciência, avaliação, humanista
2021	BNCC, pandemia, patrimônio
2022	cidadania, inicial, avaliação
2023	inventário, função, romper
2024	curricular, jogos, democracia

Fonte: Harzing's Publish or Perish 8.18.5091.9307 (2025). Elaboração:
Autoras

Os eixos da “Educação Histórica” e da “Didática da História” também aparecem nesses dados de forma consistente quando verificadas como palavras-chave fornecidas pelos títulos dos artigos⁶⁸, mas dentro do campo (subárea) do “Ensino de História”, com destaque para termos como “memória”, “identidade”, “currículo”, “consciência”, “formação”, “avaliação” e “temporalidade”. Ao lado deles, emergem temas ligados à prática docente, evidenciados por expressões como “sala de aula”, “práticas”, “professor”, “projeto”, “cotidiano” e “saberes”. Também se sobressaem as questões políticas e sociais, representadas por termos como “política”, “multiculturalismo”, “diversidade”, “gênero” e “democracia”, que ampliam a dimensão crítica do campo. Entre os dispositivos pedagógicos mais recorrentes, encontram-se os termos “livros”, “manuais”, “filmes”, “cinema”, “jogos” e “oficinas”, elementos que marcaram as abordagens didáticas sobretudo nos anos 1990 e 2000. Já em tempos mais recentes, aparecem com ênfase questões contemporâneas como “BNCC”, “pandemia”, “inovação”, “ruptura” e “cidadania”. Esse percurso sugere uma transição de um ensino de história voltado principalmente a recursos e metodologias, característico das décadas de 1990 e 2000, para um campo cada vez mais político, identitário e crítico, que se consolida nos anos 2010 e 2020.

As palavras-chave identificadas nos títulos com o termo “Didática da História” dos artigos entre 2001 e 2024 permitem observar um movimento significativo no desenvolvimento dessa vertente no Brasil. Nos anos iniciais, especialmente entre o início dos anos 2000 e meados da década, predominam termos como “construção”, “definição”, “leitura teórica”, “código disciplinar” e “percursos”. Esse vocabulário, considerando os títulos dos

artigos⁶⁹, indica uma fase de fundação e sistematização conceitual, marcada pela busca em delimitar o campo, estabelecer sua identidade acadêmica e vinculá-lo à Teoria da História, sobretudo a partir de referências como Rüsen, Droysen e Paul Ricoeur.

A partir de 2010, a frequência de termos como “atribuição de sentido”, “prática”, “currículos” e “educação histórica” obtidos pelos títulos dos artigos⁷⁰, sinaliza um deslocamento em direção às questões escolares. O debate passa a articular teoria e prática, buscando compreender como os conceitos fundantes da Didática da História dialogam com os desafios da sala de aula, com a formação docente e com a construção curricular. É um período em que a área assume de modo mais explícito sua dimensão pedagógica, sem abandonar a base filosófica, mas aproximando-se do cotidiano escolar e das condições concretas do ensino.

Nos anos mais recentes, entre 2015 e 2024, consolidaram-se novos eixos de discussão. Termos como “consciência histórica”, “avaliação”, “aprendizagens”, “humanismo”, “função pública”, “história pública” e “teoria da ação comunicativa” sugerem a expansão do campo para questões éticas, políticas e cidadãs. Os títulos dos artigos podem nos fazer supor que a consciência histórica, que já era uma categoria estruturante desde os primeiros textos, ganha desdobramentos múltiplos, sendo associada à moral, à natureza, à democracia e à formação cidadã. Ao mesmo tempo, emergem preocupações com a avaliação das aprendizagens históricas e com os desafios impostos por currículos e políticas educacionais contemporâneas, como a BNCC e as experiências vividas durante a pandemia. A aproximação com a História Pública e a História Oral reforça essa abertura, evidenciando que o ensino e a aprendizagem da

História são compreendidos como práticas sociais atravessadas por disputas de memória, de poder e de representação⁷¹.

Esse percurso mostra uma transformação nos títulos dos artigos considerando 1992 a 2024⁷² que nos permitem levantar a hipótese de que uma Didática da História entendida como campo normativo, gradativamente se volta à definição de conceitos e métodos, para uma Didática crítica, que assume sua função social e política ao problematizar os sentidos da aprendizagem histórica em sociedades marcadas por tensões identitárias, desigualdades e disputas de memória. Se, nos anos 1990 e 2000, o foco estava em recursos, metodologias e na construção disciplinar, nas décadas seguintes a área se consolidou como espaço de mediação entre conhecimento histórico, práticas escolares e demandas sociais. O resultado é um campo que não apenas orienta o ensino, mas que se coloca como lugar de reflexão crítica sobre o papel da História na formação das consciências, na construção de identidades e na defesa de uma educação inclusiva.

Até o início dos anos 2000, não havia registros de artigos em revistas brasileiras com a palavra-chave “Educação Histórica”, outra palavra-chave lançada em nossa busca, considerando os títulos dos artigos. Esse cenário mudou em 2012, com sete publicações em periódicos como *História & Ensino*, *Antíteses* e *Educar em Revista*. Entre 2014 e 2018, a produção se estabiliza revelando a existência de uma rede articulada de pesquisadores. O salto ocorreu em 2019, quando os números cresceram, impulsionados por dossiês temáticos em revistas qualificadas e pelo surgimento de periódicos especializados, como a *Revista Ibero-Americana de Educação Histórica*⁷³. Esse crescimento contínuo demonstra a consolidação dessa vertente, sempre lembrando

que dentro do campo do “Ensino de História”, que vai se firmando como subárea autônoma, com categorias, metodologias e problemas próprios, em diálogo com a teoria da História e as ciências da Educação.

A emergência da noção de “aprendizagem histórica”, outra palavra-chave buscada nos títulos dos artigos, não se restringe à preocupação com o ensino escolar. O próprio léxico que atravessa os títulos analisados revela esse deslocamento: de concepções, propostas curriculares e multiperspectividade (2009–2013) até termos como “imaginação”, “emancipação”, “pandemia”, “acervos digitais” e “pré-escola” (2020–2024). O termo que insiste e retorna — “consciência histórica” — funciona como fio condutor, mas sua modulação se transforma de acordo com o horizonte cultural e político.

Nos primeiros anos, conforme nos demonstram os títulos dos artigos a aprendizagem histórica aparece vinculada ao currículo nacional e às condições do sistema escolar, como se fosse necessário primeiro consolidar o espaço disciplinar para então problematizá-lo. A referência a propostas curriculares brasileiras traduz essa fase de institucionalização. Mas já ali surgem fissuras: “gênero”, “mulheres”, “multiperspectividade”, “intersubjetividade” — indícios de que a aprendizagem histórica não poderia reduzir-se à aquisição de conteúdos, e sim deveria abrir-se para a pluralidade de vozes e experiências.

Nos títulos dos artigos, lembrando sempre que as palavras-chave são retiradas desses títulos, em meados da década de 2010, essa abertura ganha densidade ética mediante termos como “memória”, “patrimônio”, “narrativas autobiográficas”, “temporalidades recuadas”, o que aponta um momento de deslocamento: aprender História não é apenas reconstruir o

passado, mas inscrever-se em redes de sentido em que o passado se torna presença no corpo e na vida cotidiana.

Com a década de 2020, a lista de palavras-chave retiradas dos títulos denuncia uma mudança radical: “imaginação”, “novo humanismo”, “pandemia”, “emancipação”, “jogos”, “acervos digitais” e “pré-escola”. Já se consolidou um campo, mas agora podemos inferir a partir dos termos, que se somam os enfrentamentos em relação às crises globais e inovações culturais. A pandemia, supomos, obriga a escola e os(as) pesquisadores(as) a repensarem os suportes da aprendizagem, enquanto o termo novo humanismo remete à urgência de pensar a formação histórica como horizonte ético em tempos de desumanização política.

O percurso das palavras-chave referente aos títulos dos artigos mostra, portanto, que a aprendizagem histórica deixa de ser compreendida como processo de aquisição e se configura como experiência de atribuição de sentido histórico situada. Da normatividade curricular ao experimentalismo das narrativas gráficas, dos filmes e da cultura digital, vemos um campo que tenciona constantemente entre a dimensão escolar e a vida social. A insistência em termos como “consciência”, “memória”, “identidade” e “emancipação” nos títulos dos artigos, e considerando o contexto de seu uso, nos possibilita entender que o aprendizado histórico não se limita ao espaço da escola, mas se constitui como uma prática cultural ampliada, na qual sujeitos compreendem o mundo e a si mesmos.

Estes dados e análises consideram que as palavras-chave “Didática da História”, “aprendizagem histórica” e “Educação Histórica” integram o campo mais amplo do “Ensino de História” e demonstram a consolidação do “Ensino de História” como

campo autônomo de pesquisa no Brasil, com termos empregados nos títulos dos artigos que indicam problemáticas próprias, que vão da formação histórica à didática, da aprendizagem de conceitos ao tratamento de temas sensíveis e tecnologias. Essa mudança terminológica dos títulos dos artigos parece refletir uma transformação paradigmática — o ensino aparentemente se afirma como espaço de reflexão crítica, orientação prática e construção de futuros éticos, o que pode sinalizar, uma vez mais, o Ensino de História como subárea específica no CNPq, condizente com sua produção científica robusta e sua relevância social ampliada.

Segundo o mapeamento realizado sobre revistas entre 2023 e 2024, por Marcus Eduardo Souza com o Havard Dataverse, existem 207 periódicos da área de História⁷⁴. Quando observamos a distribuição regional, há uma concentração significativa no Sudeste (101 revistas), seguido pelo Sul (45), Nordeste (35), Centro-Oeste (16) e Norte (10). Isso confirma a centralidade histórica dos grandes centros acadêmicos do Sudeste e Sul na produção de periódicos, ainda que haja uma presença crescente das demais regiões, especialmente no Nordeste.

Dessas revistas, apenas a *História & Ensino* (UEL) tem a palavra-chave “Ensino de História” no título, mas pelo mapeamento realizado por nós pelo Harzing’s, dessa lista de 207 revistas da área de História, algumas se destacam por publicarem artigos de “Ensino de História”, como a já citada *Revista História Hoje*, a *Revista Antíteses* (UEL), *História Revista* (UFG), *Tempo e Argumento* (UDESC), *Fronteiras: Revista de História* (UFMT), *Métis: História & Cultura* (UCS) e a *Revista de Teoria da História* (UFG). Outras revistas, considerando a área da Educação⁷⁵, como a *Educar em*

Revista (UFPR), a *Roteiro* (UNOESC) e a *Revista Observatório* (UFS), se destacam por publicarem artigos sobre “ensino de História”. Porém, vale dizer que 66,7% dos artigos das 12 revistas que mais publicaram sobre “ensino de história”, são revistas da área de História e 33,3% da área de Educação.

4.2) Livros impressos e e-books

A relação de títulos de livros impressos e e-books publicada entre 2021 e 2024⁷⁶ (quadriênio) constitui um recorte representativo da produção editorial em Ensino de História, Didática da História, Aprendizagem Histórica e Educação Histórica. Não se trata de um levantamento exaustivo de toda a produção existente, mas de uma seleção de referência, construída a partir de catálogos de editoras, registros de ISBN e bases abertas, privilegiando livros e e-books em língua portuguesa com circulação no mercado editorial brasileiro. Muitos trabalhos importantes – capítulos de coletâneas institucionais, relatórios técnicos, manuais digitais ou versões preliminares em PDF – ficaram de fora por não possuírem registro editorial consolidado. Ainda assim, a lista cumpre o papel de base confiável para pesquisas, aulas e projetos, podendo ser continuamente ampliada com novos títulos.

A leitura desse conjunto evidencia, de imediato, a consolidação do Ensino de História como subárea acadêmica. As palavras-chave e os enfoques dos títulos publicados apontam para um campo em que o ensino já não é concebido como mera

aplicação de conteúdos, mas como prática fundamentada em pesquisa e reflexão epistemológica. Há uma multiplicidade metodológica que se revela nas propostas: memes, cinema, música, teledramaturgia, história local, educação patrimonial, museologia, narrativas digitais e linguagens artísticas são mobilizadas como recursos didático-históricos, como observado nos títulos dos livros e e-books listados pelo Harzing's. Essa diversidade evidencia o deslocamento da didática tradicional para um espaço de experimentação fundamentado na pesquisa. O Ensino de História passa a ser compreendido não apenas como aplicação de metodologias pré-definidas, mas como campo de investigação autônomo, no qual a prática pedagógica se articula a processos sistemáticos de produção de conhecimento.

O ano de 2021 concentrou um número maior de publicações, fenômeno que pode ser lido à luz da pandemia de Covid-19, quando docentes e pesquisadores foram compelidos a reinventar suas mediações e refletir sobre ensino em condições excepcionais. Nos anos seguintes, emergem termos como “democracia”, “patrimônio”, “escavidão”, “mulheres” e “povos indígenas” nos títulos e de livros e e-books listados revelando um possível impacto do avanço conservador no Brasil que acaba demandando como urgência social os temas sob ataque, mas também um compromisso que já vinha se revelando em anos anteriores como podemos ver no levantamento dos artigos. Inferimos que, diante de ataques ao ensino, do revisionismo histórico e da erosão de direitos, o Ensino de História reafirma sua vocação política: formar consciências críticas, pluralizar memórias, sustentar práticas antirracistas e decoloniais.

Esse movimento também é acompanhado de uma autorreflexão da própria área. “Coletâneas”, “dicionários”,

“cartas” e “obras de sistematização” sugerem que o campo passou a historicizar-se a si mesmo, produzindo memória e teoria sobre sua trajetória. Essa meta-discursividade é um dos sinais mais evidentes de sua maturidade como subárea.

Assim, o que o conjunto de títulos sugere é a articulação entre inovação metodológica, compromisso democrático e crítica cultural. Interpretamos que o Ensino de História se consolida como espaço de resistência e criação, combinando práticas didáticas com pesquisa acadêmica e produção teórica, respondendo aos desafios de um tempo em que a disputa pelo passado é, ao mesmo tempo, uma luta pelo futuro da democracia.

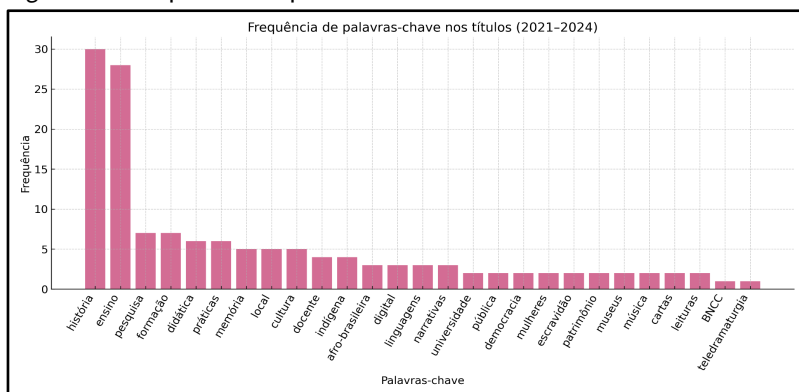
As palavras-chave encontradas nos títulos desses livros (2021-2024) são:

Tabela 12 – Palavras-chave dos títulos dos livros e e-books

Ano	Palavras-chave 1	Palavras-chave 2	Palavras-chave 3
2021	Pública	Ensino	Digital
2021	Ambiental	Local	Aprendizagens
2022	Patrimônio	Democracia	Pandemia
2022	Escravidão	Mulheres	Indígena
2023	Narrativas	Local	Fontes
2023	Aprendizagens	Fontes	Local
2024	Escritas	Linguagens	Intercultural
2024	Metodologia	Decolonialidade	Pesquisa

Fonte: Harzing's Publish or Perish 8.18.5091.9307 (2025). Elaboração: Autoras

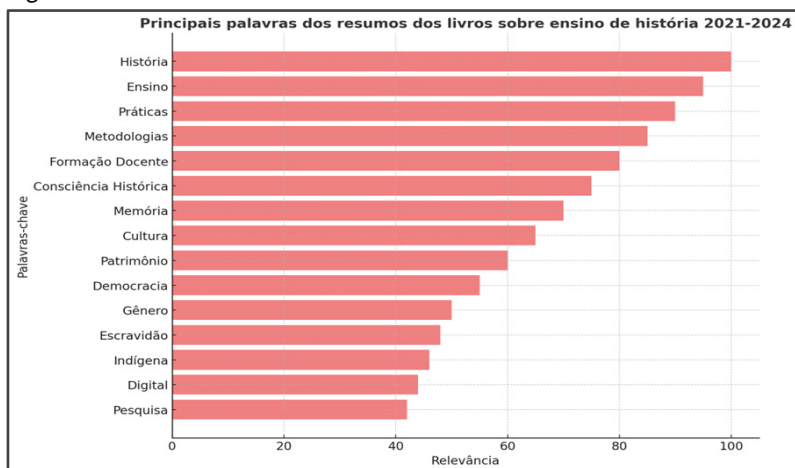
Figura 12 - Frequência de palavras-chave nos títulos dos livros



Fonte: Harzing's Publish or Perish 8.18.5091.9307 (2025). Elaboração: Autoras

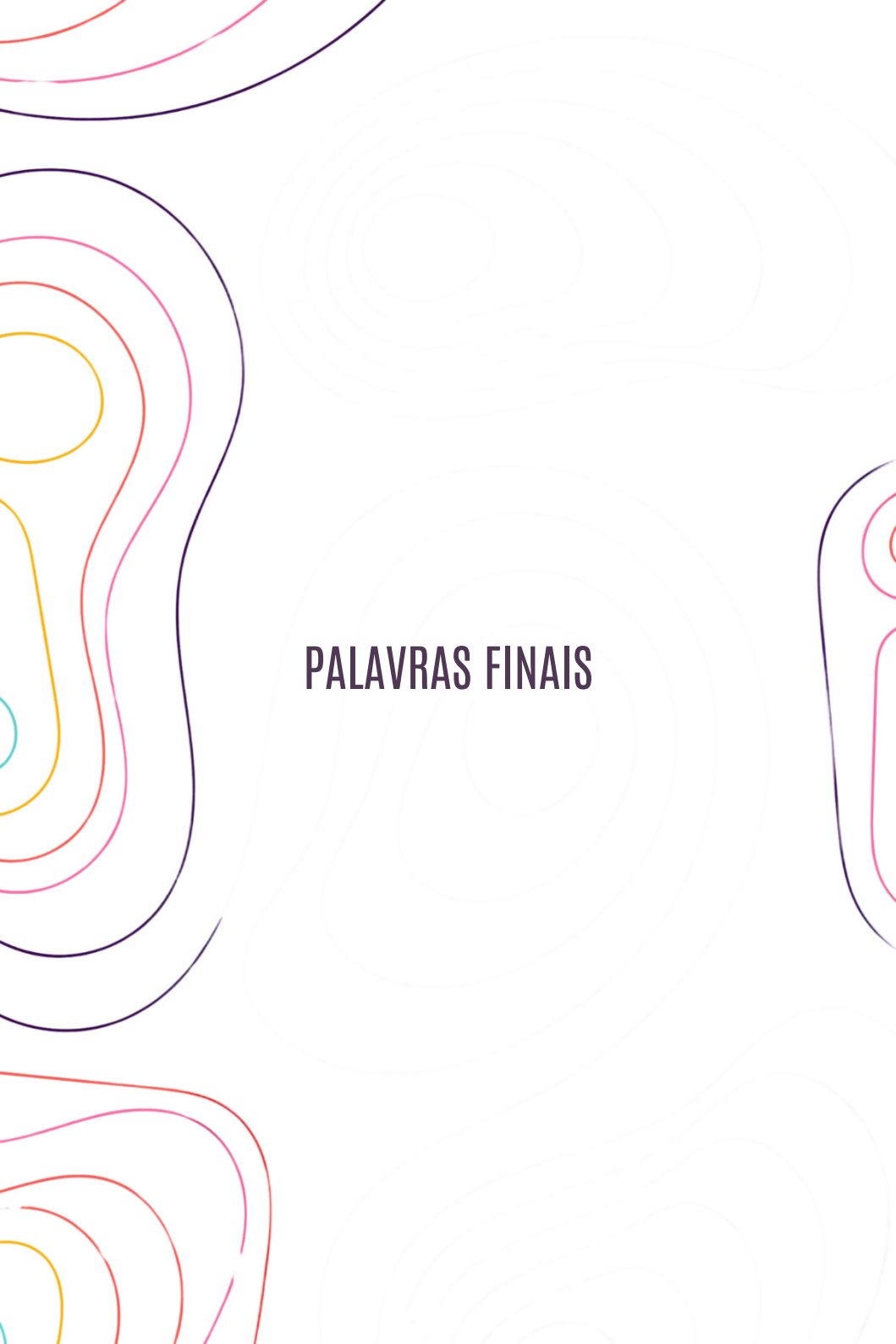
Considerando as palavras-chave da sinopse dos livros:

Figura 13 - Palavras em resumos dos livros



Fonte: Harzing's Publish or Perish 8.18.5091.9307 (2025). Elaboração: Autoras

A produção editorial acima nos permite inferir a maturidade epistemológica e política do campo do Ensino de História. É possível interpretar um movimento autorreflexivo na área, com obras que historicizam e teorizam sua própria trajetória, sinalizando consolidação acadêmica e crítica.

The background of the page is white and features several sets of concentric, hand-drawn style lines in various colors including purple, pink, red, orange, yellow, and teal. These lines form organic, swirling shapes that are more prominent on the left and right sides, while the center is mostly white. The text is centered in the middle of the page.

PALAVRAS FINAIS

O que essa obra almeja demonstrar é que existe um campo de pesquisa de Ensino de História consolidado no Brasil. A atuação de pesquisadoras nas décadas de 1980 e 1990, como Elza Nadai (USP), Circe Bittencourt (USP/PUC/SP), Katia Abud (USP), Ernesta Zamboni (UNICAMP), Selva Guimarães (UFU), Maria Auxiliadora Schmidt (UFPR), Lana Mara de Castro Siman (UFMG/UEMG), Ana Maria Monteiro (UFRJ), Sônia Regina Miranda (UFJF), Flávia Eloisa Caimi (UPF), Joana Neves (UFPB), Déa Fenelon (USP), Rosa Godoy (UFPB), Helenice Ciampi (PUC-SP), Conceição Cabrini (PUC-SP), Marcos Silva (USP), Carmem Tereza Gabriel (UFRJ), Marlene Cainelli (UEL), Antonio Simplício (UNIFESP), Margarida Dias (UFRN), Luís Fernando Cerri (UEPG) e Sandra Regina Oliveira (UEL), dentre muitas outras que falharemos certamente por não citar, contribuíram substancialmente para legitimar o ensino de História como objeto de pesquisa e, conseqüentemente, abriram espaço para construção do campo, no Brasil.⁷⁷

O reconhecimento do Ensino de História, como subárea do CNPq, justifica-se pela consolidação de um campo científico que, nas últimas três décadas, estruturou uma epistemologia própria, revelando não apenas vínculos com a Teoria da História, Teoria Educacional e Historiografia, mas a capacidade de elaborar problemas específicos e referenciais próprios. Ao demarcar o Ensino de História como subárea do CNPq, sinaliza-se que a reflexão sobre o *como* e o *porquê* se ensina História é, em si, um objeto de pesquisa consolidado. Isso legitima a atuação de pesquisadores que focam na didática, no currículo, no livro didático, e nas tecnologias de ensino, tirando o Ensino da esfera de uma mera atividade "secundária" ou "aplicada." Logo, o

reconhecimento do Ensino de História como uma subárea, tem os seguintes significados:

- **Reconhecimento de Novos objetos de Pesquisa** - Legitimação da natureza interdisciplinar dos objetos de pesquisa do campo do Ensino de História;
- **Função Epistemológica e Social da História** - o Ensino de História lida com questões fundamentais sobre a função social do conhecimento histórico. Essa subárea investiga como a História é apropriada, reproduzida, consumida, distorcida e utilizada na escola e na esfera pública (memória, patrimônio, política). Ao fazê-lo, ela força a disciplina (História) a refletir sobre sua própria epistemologia e seu engajamento social. O Ensino de História é o principal canal pelo qual a disciplina se relaciona com o público e demonstra sua relevância;
- **Inovação Pedagógica e Social do Conhecimento Histórico** - Na lógica do desenvolvimento científico e tecnológico, o Ensino de História cumpre um papel de inovação social e metodológica. Com isso, estimula-se a criação de novas tecnologias de Ensino, na criação de material didático inovador, o uso de novas mídias e tecnologias digitais (como jogos, realidade virtual, bancos de dados digitais) no aprendizado histórico e a aplicação de conceitos de patrimônio cultural e história pública. Além de auxiliar na compreensão da cidadania, da diversidade, dos direitos humanos e da memória social. Isso significa que o investimento em Ensino de História é um investimento direto na capacidade crítica e na coesão da sociedade.

A consistência desse percurso se expressa em uma produção científica significativa e regular. Revistas especializadas como *História & Ensino* (fundada em 1995, hoje Qualis A1, com mais de 500 artigos publicados) e *Revista História Hoje* (revista da ANPUH, com mais de 300 artigos desde 2012, Qualis 1) constituem espaços próprios de difusão do campo. Essa produção é complementada por livros, e-books, dossiês e capítulos, além de um corpo de teses e dissertações que evidencia a regularidade da pesquisa.

No plano institucional, o campo se encontra amplamente consolidado. Em 2025, o Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq registra 62 grupos de pesquisa que se autodenominam de Ensino de História, além de outros 5 grupos que utilizam a expressão Didática da História e quatro que se identificam como Educação Histórica. Além disso, há 117 grupos de outras áreas com linhas específicas sobre o tema, indicando sua transversalidade e capacidade de diálogo. Dentre esses grupos, 54 estão vinculados à área de História e 17 à Educação, reafirmando a base epistemológica histórica do campo. A representatividade de gênero também se mostra significativa: 50 grupos são liderados por mulheres e apenas 12 por homens, o que reflete um traço constitutivo de sua trajetória.

A expansão é também garantida pelos programas de pós-graduação. Dos 81 programas da área de História, 18 apresentam áreas de concentração ou linhas de pesquisa vinculadas ao Ensino de História, correspondendo a 22% do total nacional. A criação do ProfHistória, com primeira turma iniciada em 2014, constitui um marco nesse processo: presente hoje em 39 universidades distribuídas por todas as regiões do país, conta com mais de 1.000 projetos de pesquisa cadastrados e já formou

mais de 2.000 mestres, configurando uma rede nacional de formação docente e pesquisa aplicada.

Outro indicador da solidez do campo é a existência de 41 laboratórios de Ensino de História mapeados, concentrados principalmente nas regiões Sudeste (31,7%) e Nordeste (29,3%), seguidos de Sul (24,4%). Esses espaços reúnem pesquisadores, licenciandos e docentes da educação básica em práticas de ensino, pesquisa e extensão, desenvolvendo não apenas a pesquisa, mas materiais didáticos, metodologias inovadoras, projetos de educação patrimonial e ações de história pública. Assim, os laboratórios cumprem papel estratégico de articulação entre universidade, escola e sociedade.

A criação e consolidação de linhas de pesquisa em Ensino de História dentro dos Programas de Pós-Graduação em História ou Programas Profissionais em Ensino (PROFHISTÓRIA), estimula a:

- **Formação Integrada:** A criação da subárea incentiva a formação de historiadores mais completos, que não só dominam a historiografia, mas que também são capazes de refletir criticamente sobre o, o currículo e as formas de comunicação do saber histórico;
- **Diálogo com a Educação Básica:** Reconhecer a subárea força a academia a manter um diálogo constante e estruturado com a Educação Básica, garantindo que a pesquisa de ponta nas universidades tenha impacto real e imediato nas salas de aula;
- **Fomento de Políticas Públicas:** A demarcação da área facilita a organização de dados na Plataforma Lattes e no Diretório de Grupos de Pesquisa, tornando visíveis os especialistas e a produção científica. Isso é

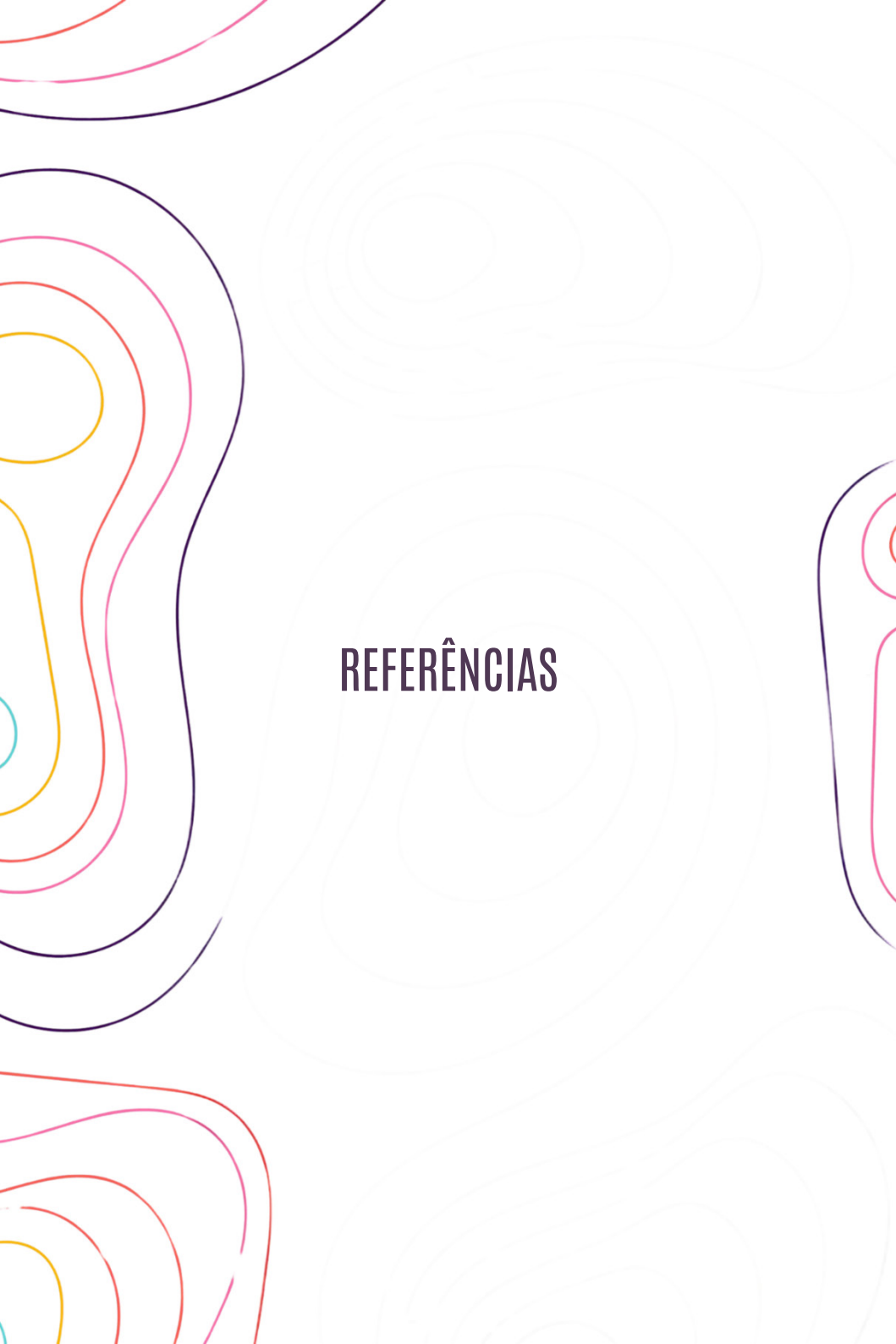
crucial para subsidiar a elaboração de políticas públicas de educação mais embasadas e eficazes.

A inserção internacional é outro fator decisivo. O campo integra projetos transnacionais como a Rede Panamazônica para a Formação e o Ensino de História (REPAMEFH), que articula países da bacia amazônica; o projeto Educação Antirracista em Perspectiva Transnacional, em parceria com a University of Cambridge; e colaborações consolidadas com instituições europeias de referência, como a Universidade do Minho, Erasmus Universiteit Rotterdam, Uppsala Universitet, Universidade do Porto, Université de Lille. Essas iniciativas não apenas garantem mobilidade discente e publicações bilíngues, mas também ampliam a circulação do campo do Ensino de História em escala global.

Por fim, cabe destacar o impacto social e educacional do Ensino de História. Ao incidir diretamente sobre a formação docente, a qualificação da educação básica e a reflexão crítica acerca da circulação pública do passado — em livros didáticos, museus, mídias digitais e redes sociais —, o campo responde às demandas contemporâneas urgentes, como o combate ao revisionismo histórico, a valorização da diversidade étnico-racial e a democratização do acesso à memória coletiva. O reconhecimento do Ensino de História pelo CNPq é um atestado de maturidade das investigações nos últimos 30 anos. Ele significa que a pesquisa sobre a forma como ensinamos a História é vista como ciência essencial, merecedora de investimento e capaz de gerar um impacto transformador na educação e, conseqüentemente, no futuro do país.

Assim, o Ensino de História reúne elementos que caracterizam uma subárea científica: epistemologia própria,

produção consolidada, instituições de pesquisa ativas, redes nacionais e internacionais, revistas especializadas e impacto social evidente. Reconhecê-lo formalmente como subárea na árvore do conhecimento do CNPq é alinhar a classificação institucional ao estágio atual da ciência, fortalecendo a legitimidade acadêmica e garantindo condições de fomento para um campo que já se consolidou como espaço estratégico de reflexão crítica, inovação pedagógica e formação cidadã.



REFERÊNCIAS

ANDRADE, J. A. A pesquisa em/sobre Ensino de História numa encruzilhada epistemológica: um (re)posicionamento no campo científico. In: ARAGÃO, L. A. L. et al. (org.). **Encruzilhadas da Pesquisa no Ensino de História**. Porto Alegre, Editora Fi, 2021.

ANDRADE, J. A.; PEREIRA, N.M. **Ensino de História e suas práticas de pesquisa**. 2.ed.[e-book]. São Leopoldo: Oikos, 2021.

ANHORN, C. T. G. Teoria da História, Didática da História e narrativa: diálogos com Paul Ricoeur. **Revista Brasileira de História**, v. 32, p. 187-210, 2012.

BERGMANN, K. A História na reflexão didática. Dossiê História em Quadro-Negro: escola, ensino e aprendizagem. **Revista Brasileira de História**. São Paulo: vol.9, n. 19, p.29-42, set.1989/fev.1990.

BITTENCOURT, C. M. F. **Ensino de História**: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2008.

BOLETIM DO TEMPO PRESENTE. **Dossiê: Ensino de História em Tempos Digitais**. v. 13 n. 2. 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/tempopresente/issue/view/1370>

BOURDIEU, P. **Le sens pratique**. Paris: Les Éditions de Minuit, 1980.

BOURDIEU, P. **La noblesse d'état, grandes écoles et esprit de corps**. Paris: Les Éditions de Minuit, 1989.

CERRI, L. F. O historiador na reflexão didática. **História & Ensino**, v. 19, p. 27-47, 2013.

CHARTIER, A. Escola, cultura e saberes. In: XAVIER, L. N.; CARVALHO, M. M. C. de; MENDONÇA, A. W.; CUNHA, J. L. **Escola, Cultura e Saberes**. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

CHERVEL, A. História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. **Teoria e Educação**, Porto Alegre, nº 2, p. 177-229, 1990.

FONSECA, S. G. **Caminhos da História Ensinada**. Campinas/SP: Papirus, 1993. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).

GABRIEL, C. T. **Currículo e Espistemologia**: sobre fronteiras do conhecimento escolar. Políticas, Fundamentos e Práticas do Currículo. 1ed. Porto - Portugal: Porto Editora, 2011. p. 37-44.

GARCIA, D. C. F. de; GATTAZ, C. C.; GATTAZ, N. C. A Relevância do Título, do Resumo e de Palavras-chave para a Escrita de Artigos Científicos. **Revista administração contemporânea**. v.3, n. 23, mai/jun 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rac/a/KT6TxzgMBQ7WqZWTFrHKkhM/?format=html&lang=pt>

GIL, C. Z. de V.; ROSA, M. V. de F. **Ensino de História e culturas digitais**. [E-book]. Brasília, DF: Capes/ProfHistória; São Leopoldo: Oikos, 2022. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/254112>

GONÇALVES, N. G.; MONTEIRO, A. M. F. da C. Saberes e práticas docentes e ensino de história: temas, conceitos e referenciais (1970-2014). **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 33, e156257, 2017.

MESQUITA, I. M. **Urdidura e Trama de memórias do ensino de História**. 1. ed. Aracaju: Editora Universitária Tiradentes, 2017.

MONTEIRO, A. M.; ROSSATO, L. ProfHistória: formação docente, demandas do presente e novas perspectivas para o Ensino de História. **Revista Maracanan**, [S. l.], n. 32, p. 36–59, 2023. DOI: 10.12957/revmar.2023.71053. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/maracanan/article/view/71053>

MONTEIRO, A. M. **Professores de História**: entre saberes e práticas. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

MONTEIRO, A. M. Ensino de História: lugar de fronteira. ARIAS NETO, M. (org.) **História: guerra e paz. XXIII Simpósio Nacional de História. Londrina: ANPUH/Mídia**, 2007.

MONTEIRO, A. M.; PENNA, F.A. **Ensino de História: saberes em lugar de fronteira**. Educação & Realidade, v.36, n.1, p.191-211, jan/abr,2011. Disponível em:
<https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/15080>.

MONTEIRO, A. M.; RALEJO, A.S. **Cartografias da pesquisa em Ensino de História**. Rio de Janeiro: MAUADX Editora, 2019.

NEVES, J.; ANDRADE, J. **Entrevista de História Oral**. Mediação Google Meet, 2022. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=6f-C2XlJtvo&t=2s>

MOROZOV, E. **Big Tech: A ascensão dos dados e a morte da política**. Trad. Claudio Marcondes. São Paulo: UBU, 2018.

PLÁ, S. La enseñanza de la historia como objeto de investigación. **Revista Secuencia**. núm. 84, septiembre-diciembre 2012, p.163-184.

PLÁ, S.; PÁGES, J. Una mirada regional a la investigación en enseñanza de la historia en América Latina. In: PLÁ, S.; PÁGES, J. **La investigación en enseñanza de la historia en América Latina**. México: Bonilla Artigas/UPN, 2014.

RIBEIRO, R. R. **Fazer História**. A importância de ler, interpretar e escrever em sala de aula. Curitiba: Appris, 2018.

RÜSEN, J. Didática da História: passado, presente e perspectivas a partir do caso alemão. **Práxis Educativa**. Ponta Grossa: vol. 1, n. 2, p.07-16, jul.-dez. 2006.

RÜSEN, J. **Razão histórica**. Teoria da História: os fundamentos da ciência histórica. Brasília: UNB, 2001.

SILVA, C. B. “O Brasil mergulhou na sua história”: a revista *Veja* e os debates sobre a História e o seu ensino nas décadas de 1980 e 1990. In: LOHN, R. L. (org.) **História nas bancas de revista**. Um país impresso: entre representações e culturas políticas. Ponta Grossa/PR: Todapalavra, 2016a, p.49-77.

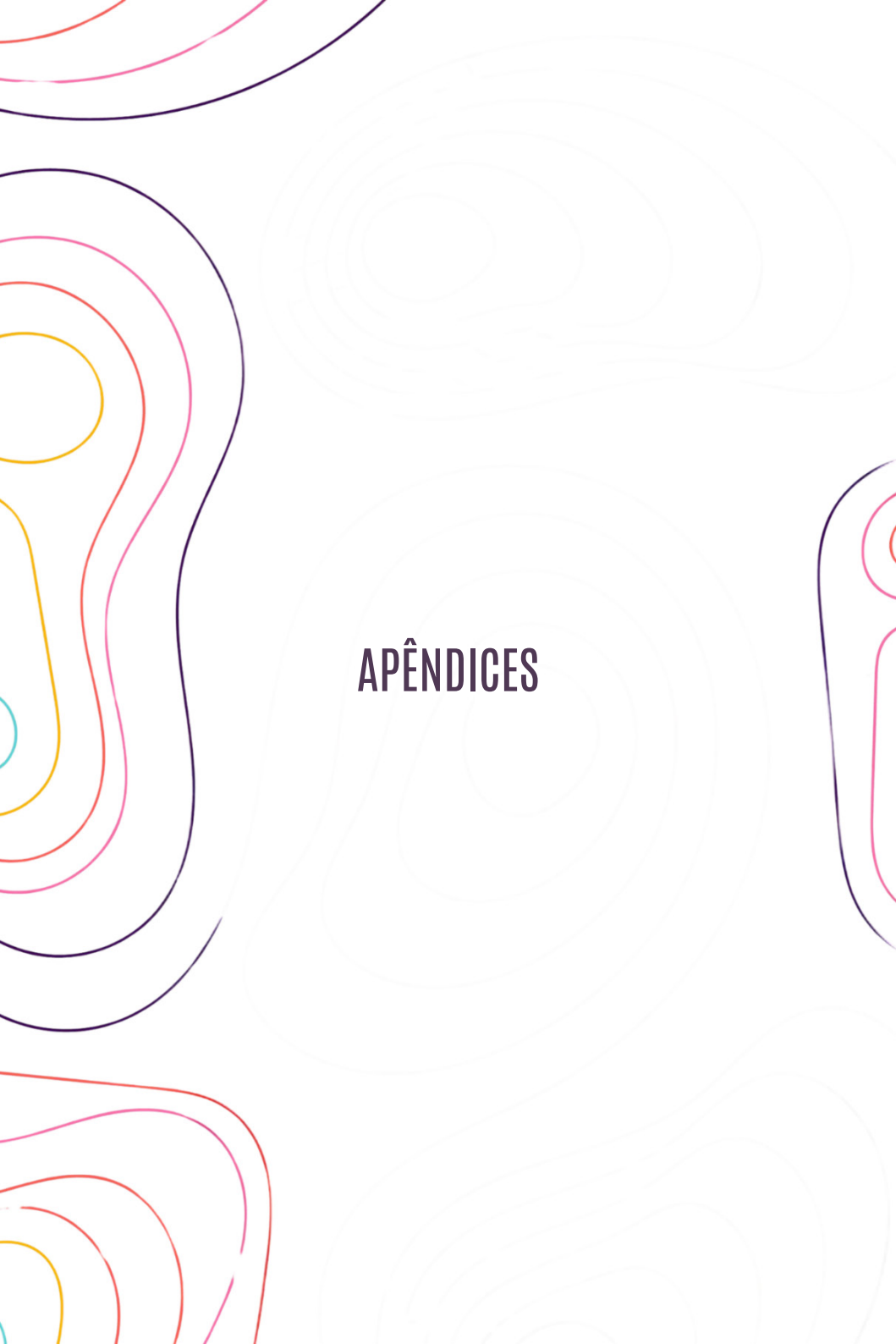
SILVA, C. B. da. Que memória? Que história? Usos do passado e o ensino de História a partir do presente. In: GONÇALVES, J. (Org.). **História do Tempo Presente**: oralidade, memória, mídia. Itajaí/SC: Casa Aberta, 2016b, p. 117-139.

SILVA, D. A. da. **Letramento histórico-digital**: ensino de História e tecnologias digitais. Rio de Janeiro: Autografia, 2020.

SILVA, D. P.; RANGEL, M. de M. Teoria da história, ensino de história e universidade: diálogos e perspectivas. **Revista Maracanan**, [S. l.], n. 32, p. 07–15, 2023. DOI: 10.12957/revmar.2023.76518. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/maracanan/article/view/76518>.

ZAVALA, A. et al (org). **Escritas de Ensino de História em Primeira Pessoa**. Salvador, EDUFBA, 2024.

ZAVALA, A. et al (org). **Aulas de História em foco**: ensinar, pesquisar e analisar. Salvador, EDUFBA, 2024.



APÊNDICES

Apêndice 01: Linhas de Ensino de História em Programas de Pós-Graduação Acadêmicos de História

IES	Início	Estado	Modalidade	Área concentração	Linhas de Pesquisa
UFCAT	2014	Goiás	Profissional	História, Cultura e Formação de professores	Cultura, linguagens e ensino de história História, sociedade e práticas educativas
UEMA	2014	Maranhão	Profissional	História, Ensino e Narrativas	Linguagens e Construção do Conhecimento Histórico
UFCCG	2007	Paraíba	Acadêmico	Cultura e Sociedade	História Cultural das Práticas Educativas
UFPEL	2010	Rio Grande do Sul	Acadêmico	Fronteiras e Identidades	Culturas: Entre Ensino, Linguagens e Formação de Sentidos
UCS	2013	Rio Grande do Sul	Profissional	Ensino de história	Fontes e acervos na pesquisa e docência em história

					Linguagens e cultura no ensino de história
UFRPE	2006	Pernambuco	Acadêmico	História social da cultura regional	Ensino de história e cultura regional
UFPE	1974	Pernambuco	Acadêmico	Sociedades, Culturas e Poderes	Saberes históricos: teoria, ensino e mídias
PUC-GO	2007	Goiás	Acadêmico	Cultura e Poder	Educação Histórica e Diversidade Cultural
UFG	1972	Goiás	Acadêmico	Cultura, fronteiras e identidade	Fronteiras, interculturalidade e ensino da história
UNIRIO	2007	Rio de Janeiro	Acadêmico	História Social	Patrimônio, Ensino de História e Historiografia
UFPB	2005	João Pessoa	Acadêmico	História e cultura histórica	Ensino de história e saberes históricos
FURG	2012	Rio Grande do Sul	Profissional	História	Práticas e pesquisa no ensino de história
UERJ	1995	Rio de Janeiro	Acadêmico	História social do território	Historiografia e ensino da história

UEL	2007	Londrina	Acadêmico	História social	História e ensino
UNI-FESSPA	2019	Pará	Acadêmico	História e cultura da Amazônia	Ensino de História, Narrativas e Documentos
UNIFAL	2014	Minas Gerais	Profissional	Ensino e Pesquisa de História Ibérica	-
UFT	2019	Tocantins	Profissional	História e cultura das populações Amazônicas	Ensino e Fontes das Diversidades culturais amazônicas
UFRB	2014	Bahia	Profissional	História da África, da cultura negra e dos povos indígenas	Ensino de história, educação interétnica e movimentos sociais

Fonte: elaborado a partir da seção Cursos Avaliados e Recomendados, na plataforma Sucupira.⁷⁸

Apêndice 02: Laboratórios, região, instituições e ações

Nº	Nome do Laboratório	Região	Instituição	Principais Ações
1	Laboratório de Aprendizagem e Ensino de História — LAEH Site: https://sites.ufpe.br/gepifhri/laeh – E-mail: laeh.ufpe@gmail.com	Recife, PE – Nordeste	UFPE	Pesquisa em Ensino de História e livros didáticos; apoio a disciplinas e estágios; extensão com palestras, oficinas e publicações
2	Laboratório de Estudos e Pesquisas em Ensino de História — LAPEH E-mail: lapeh@uesb.edu.br	Vitória da Conquista, BA – Nordeste	UESB	Em construção
3	Laboratório de Ensino de História e Educação Patrimonial — LENHEP	RN – Nordeste	UFRN	Pesquisa vinculada a coordenadoras; ensino via PIBID e Residência Pedagógica; extensão integrada
4	Laboratório de Ensino e Multimeios em História — LEMH	Paraná – Sul	UEM	Produção de material didático; projetos de

				intervenção pedagógica; integração entre universidade e escolas
5	Laboratório de Humanidades Digitais e Ensino de História — E-Human@s E-mail: lab.ehumanas@ceres.ufrn.br	Caicó, RN – Nordeste	UFRN	Pesquisa sobre competências digitais; divulgação de História pública em redes; circuitos de debates e audiovisual
6	Laboratório Pesquisas para o Ensino de História nos Anos Iniciais — LAPEHAI	Tocantinópolis, TO – Norte	UFNT	Em construção
7	Laboratório de Estudos e Pesquisa em Ensino de História — LEPEH Site: https://lepehufRJ.com – E-mail: lepeh.ufRJ@gmail.com	Rio de Janeiro – Sudeste	UFRJ	Interlocução universidade-escola; produção de materiais didáticos; eventos, seminários e intercâmbio nacional/internacional
8	Laboratório de Ensino de História - LABHis	Dourados, MS – Centro-Oeste	UFCD	Projetos de pesquisa; residência pedagógica
9	Laboratório de Pesquisa em Educação Histórica - LAPE-DUH	Curitiba, PR – Sul	UFPR	Pesquisa vinculada a pós-graduação; disciplinas de graduação e

				PPGE; cursos de formação continuada para professores
10	Laboratório de Ensino de História e Humanidades Digitais — LABEHD	Roraima – Norte	UFRR	Extensão em andamento; pesquisa e ensino em desenvolvimento
11	Laboratório de Ensino de História - LEH ou — HEDUCA — História e Educação: textos, escritas e leituras. Site: https://wp.ufpel.edu.br/leh	RS – Sul	UFPEL	Grupo de pesquisa HEDUCA; publicações; podcasts; cursos de extensão; acervo de livros didáticos
12	Laboratório de Ensino de História do Recôncavo da Bahia	BA – Nordeste	UFRB	Grupos de pesquisa HIMEB, NEAB; estudos sobre relações étnico-raciais, patrimônio e religiosidade; eventos e cursos de especialização
13	Laboratório de Ensino de História — LabEH	BA – Nordeste	UFBA	Interlocução universidade-escola; grupo de estudos permanente; produção e difusão de

				materiais didáticos; exploração de espaços de memória e patrimônio histórico para uso em Educação Básica
14	Laboratório de Ensino de História (Labeh/UnB)	DF – Centro-Oeste	Universidade de Brasília – UnB	Pesquisa: projetos em andamento e concluídos; Ensino: coordenação de Estágio Supervisionado e PIBID; Extensão: cursos e projetos de extensão
15	Laboratório de Ensino de História e Geografia - LAHIGE Site: http://www.uesc.br/nucleos/lahige/index.php	BA – Nordeste	UESC	Núcleo permanente de ensino; histórico e atualização desde 1997; equipe de docentes e estagiários; materiais didáticos e equipamentos de ensino
16	Laboratório de Estudos e Pesquisas em Ensino de História - LABEPEH Site: http://labepeh.fae.ufmg.br – E-mail: labepeh.ufmg@gmail.com	MG – Sudeste	UFMG	Extensão: Coletivo Passados Difíceis; Curso Pré-Universitário Humanizar; Grupo de Estudos em História da

				Educação; integração universidade-sociedade e formação do docente
17	Laboratório de História - LABHIST Site: https://sites.google.com/academico.ifs.edu.br/projetolabhist – E-mail: lorena.campello@ifs.edu.br	SE – Nordeste	Instituto Federal de Sergipe – Campus Estância	Pesquisa: inovação pedagógica, metodologias ativas, interdisciplinaridade; Ensino: produção de materiais didáticos e ambientes digitais; Extensão: difusão de História em redes sociais, podcasts, eventos culturais e científicos
18	Laboratório de Ensino de História — LEH Site: https://www.udesc.br/faed/leh/inicio	SC – Sul	UDESC	Integração entre docentes da universidade, professores da Educação Básica e discentes de graduação e pós-graduação; ensino, pesquisa e extensão em História

19	Laboratório de Ensino e Aprendizagem em História — LEAH	Uberlândia, MG – Sudeste	UFU	Reflexão teórica, pesquisa e experimentação metodológica; organização de acervo teórico-didático; aproximação universidade-escola; projetos de extensão e ensino
20	Laboratório de Pesquisas e Práticas de Ensino de História — LAPPEHis Site: https://ichca.ufal.br/pt-br/pesquisa/grupos/historia/laboratorio-de-pesquisas-e-praticas-de-ensino-de-historia-2013-lappehis	AL – Nordeste	UFAL	Produção de materiais didáticos; pesquisa-ação; uso em PIBID/Residência Pedagógica; seminário anual de Ensino de História; cursos de formação continuada; linhas de pesquisa em memória, diversidade cultural, aprendizagem histórica e formação de professores
21	Laboratório de Pesquisa e Ensino em História — LAPEH Site: https://www.ich.ufu.br/unidades/laboratorio/laboratorio-de-pesquisa-e-ensino-em-historia – E-mail: sandra.fiuza@ufu.br	Uberlândia, MG – Sudeste	UFU	Suporte a ensino, pesquisa e extensão; iniciação científica e pedagógica em História;

				eventos acadêmicos; acervo de materiais didáticos; infraestrutura de informática e audiovisual
22	Laboratório de Ensino de História — LABHIS Site: https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/histensino — E-mail: labhis@uel.br	PR – Sul	UEL	Publicação da revista História & Ensino
23	Laboratório de Didática da História — LADIH Site: https://www.furb.br/web/4754/grupos-de-pesquisa-em-historia/ladih/apresentacao — E-mail: crrodri-gues@furb.br	SC – Sul	FURB	Ensino, pesquisa e extensão; integração entre docentes e discentes; diálogo com escolas da região; intercâmbio com grupos de pesquisa; temas: didática da história, formação docente, identidade, patrimônio e memória
24	Laboratório de Pesquisa em Ensino de História — LAPEH Site: https://cursos.unipampa.edu.br/cursos/historia/lapeh-laboratorio-de-pesquisa-em-ensino-de-historia/	RS – Sul	UNIPAMPA	Reflexão sobre práticas educativas; articulação entre ensino formal e educação patrimonial;

				qualificação da formação docente; pesquisas em ensino de História
25	Laboratório de Ensino e Aprendizagem em História — LEAH Site: https://laboratorioensinohistoria.ufc.br/pt/leah-laboratorio-de-ensino-e-aprendizagem-em-historia/	CE – Nordeste	UFC	Estudos em teoria e ensino de história; formação docente; currículos; aprendizagem histórica; acervo documental e didático; integração com PIBID, estágios e grupos de pesquisa
26	Laboratório de Ensino de História e Educação — LHISTE Site: https://www.ufrgs.br/lhiste	RS – Sul	UFRGS	Produção de materiais pedagógicos; banco de dados de ações educativas; revista eletrônica; acervo didático; divulgação de práticas pedagógicas e eventos; projetos de pesquisa e extensão em formação docente

27	Laboratório de Ensino de História —LABORHIS Site: https://sites.google.com/view/laborhisufpb/sobre-o-laborhis – E-mail: contatolaborhis@gmail.com	PB – Nordeste	UFPB	Pesquisas e acervos didáticos; suporte à formação docente; bibliografias orientadas; formação continuada; produção e difusão de materiais educativos; aproximação com escolas; debates sobre cultura histórica e didática da história
28	Laboratório de Pesquisa, Ensino e Extensão em História — LEPEHIS Site: https://lepehis.historia.ufg.br – E-mail: lepehis-fhufg@gmail.com	GO – Centro-Oeste	UFG	Oficinas, palestras e minicursos; pesquisas em ensino de História; extensão com escolas; parceria com Pro-fHistória/UFG; salvaguarda de documentos; divulgação científica e eventos
29	Laboratório de Ensino de História — LEHIS Site: https://lehisunicentro8.webnode.page – E-mail: lehis.unicentro@gmail.com	PR – Sul	UNICENTRO	Espaço de convivência, estudos e debates; apoio a professores e

				alunos; acervo de biblioteca, hemeroteca e objetos educacionais; extensão à comunidade acadêmica e não acadêmica
30	Laboratório de Estudos e Pesquisas em Ensino de História — LABEPEH Site: http://labepeh.fae.ufmg.br – E-mail: la-bepeh.ufmg@gmail.com	MG – Sudeste	UFMG	Pesquisas sobre pensamento histórico infantil; integração com docência e extensão; articulação com educação básica; banco de dados; seminários; produção de materiais inovadores; redes nacionais e internacionais
31	Laboratório de Ensino de História — LAHIS Site: https://ce.ufes.br/laboratorio-de-ensino-de-historia-lahis – E-mail: rodrigo.molina@ufes.br	ES – Sudeste	UFES	Cursos, seminários e mesas-redondas para atualização docente; acervo bibliográfico; recursos didáticos; atividades com o GT Ensino de História e Educação da ANPUH

32	Laboratório de Ensino e Material Didático — História (LE-MAD) Site: https://lemad.fflch.usp.br/apresentacao-o – E-mail: lemaddh.ffiich@usp.br	SP – Sudeste	USP	Ensino e pesquisa em materiais didáticos de história; apoio à formação de professores; organização de acervos; projetos ligados à didática da História
33	Laboratório de Estudos sobre Formação de Professores e Ensino de História — LEFOPEH Site: https://www2.uepg.br/lefopeh/ – E-mail: paulodemello04@gmail.com	PR – Sul	UEPG	Pesquisa e extensão sobre formação docente e ensino de história; escrita histórica escolar; acervos físicos e digitais (especialmente livros didáticos); formação inicial e continuada; acompanhamento de políticas públicas curriculares.
34	Laboratório de Ensino de História — LEHIS Site: https://sitelehisufop.wixsite.com/lehis – E-mail: mmellorangel@yahoo.com.br	MG – Sudeste	UFOP	Pesquisas sobre ensino de História; valorização da licenciatura; integração universidade-escola; encontros, pa-

				letras, debates e cursos com licenciandos, professores e comunidade escolar.
35	Laboratório de Estudos e Pesquisas em Didática da História — LEPEDIH Site: https://www.assis.unesp.br/#!/departamentos/letras/linguistica/grupos-de-pesquisa/laboratorio-de-estudos-e-pesquisas-em-didatica-da-historia-lepedih/	SP – Sudeste	UNESP – Assis	Organização de acervo de livros didáticos do PNLEM/2008; higienização, catalogação e disponibilização para pesquisadores; extensão; produção de catálogo do arquivo do PNLEM.
36	Laboratório de Ensino de História — LEHIS Site: https://campomourao.unespar.edu.br/lehis – E-mail: lehis@unespar.edu.br	PR – Sul	UNESPAR – Campo Mourão	Apoio a estágios supervisionados, PIBID e Residência Pedagógica; planejamento de aulas; práticas de ensino de História; projetos com a comunidade; espaço de estudo, convivência e intercâmbio entre estudantes.

37	Laboratório de Pesquisa e Práticas de Ensino em História — LPPE Site: https://lppe.uerj.br	RJ – Sudeste	UERJ	Pesquisa e ensino em História; produção de materiais didáticos (CDs, entrevistas, áudios, podcasts); organização de seminários e eventos; apoio ao ensino básico; divulgação nacional e internacional.
38	Laboratório de Ensino de História da Universidade Federal Fluminense – LEHUFF Site: https://lehuff.wordpress.com/?utm_source=chatgpt.com E-mail: leh@vm.uff.br	UFF	Sudeste	Pesquisa e ensino em Ensino de História; integração universidade-escola; formação docente
39	Laboratório de Ensino de História e Tecnologias Digitais (LEHDI) Site: https://ufmt.br/curso/historia/pagina/pesquisa-e-extensao/2996?utm_source=chatgpt.com E-mail: osvaldo.junior@gmail.com lehdi.ighd@ufmt.br	UFMT	Centro-Oeste	Pesquisa e ensino em tecnologias digitais aplicadas ao Ensino de História
40	Laboratório de Ensino de História LEH/CAP -UERJ E-mail cap@uerj.br	UERJ	Sudeste	Projetos de ensino e extensão vinculados ao

				Colégio de Aplicação da UERJ
41	Tempo Rei - Laboratório de Ensino de História	UFMG	Sudeste	Projetos de ensino, pesquisa e extensão; produção de materiais didáticos; formação docente

Fonte: elaborado a partir de dados do CNPq, sites de busca e pesquisa do GT de Laboratórios de Ensino de História

Apêndice 03: Instituições associadas ao ProfHistória (Programa de Pós-Graduação em Ensino de História)

Ano de Referência: 2024.

NORDESTE

1. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)
2. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)
3. Universidade Estadual do Piauí (UESPI)
4. Universidade Federal do Ceará (UFC)
5. Universidade Federal do Maranhão (UFMA)
6. Universidade Federal da Paraíba (UFPB)
7. Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)
8. Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)
9. Universidade Federal de Sergipe (UFS)
10. Universidade do Estado da Bahia (UNEB)
11. Universidade de Pernambuco (UPE)
12. Universidade Regional do Cariri (URCA)

SUL

1. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
2. Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)
3. Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG)
4. Universidade Estadual de Maringá (UEM)
5. Universidade Federal do Paraná (UFPR)
6. Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR)
7. Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)
8. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

NORTE

1. Universidade Federal do Acre (UFAC)
2. Universidade Federal do Pará (UFPA)
3. Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA)
4. Universidade Federal de Roraima (UFRR)
5. Universidade Federal do Amapá (UNIFAP)
6. Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT)

CENTRO OESTE

1. Universidade Federal de Goiás (UFG)
2. Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT)
3. Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)
4. Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT)

SUDESTE

1. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ)
2. Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)
3. Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)
4. Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)
5. Universidade Federal de Uberlândia (UFU)
6. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)
7. Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)
8. Universidade Federal Fluminense (UFF)
9. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ)

Apêndice 04: Grupos de Pesquisa

Ordem	Grupo	Instituição	Líder(es)	Área de Predominância
1	Núcleo de Estudos em História da Amazônia, História Regional e Ensino de História	UNIFESSPA	Lucilvana Ferreira dos Santos Barros, Roberg Januario dos Santos	História
2	A diáspora por escritas negras: escravidão, liberdade e identidade na historiografia, ensino de história e na literatura	UFRB	Luciana da Cruz Brito	História
3	ÀROYÉ. Grupo de Estudos, Pesquisa e Extensão Educação para as Relações Étnico-raci-	UFRB	Martha Rosa Figueira Queiroz	História

Ordem	Grupo	Instituição	Líder(es)	Área de Predominância
	aís, Educação Patrimonial e Ensino de História			
4	Cultura, Diversidade e Ensino de História	UNEMAT	Osvaldo Mariotto Cerezer, Fernanda Martins da Silva	História
5	Educação, Ensino de História E Relações Étnico-raciais	UNIVALI	Paulo Rogério Melo de Oliveira	Educação
6	Eleko: Gênero, classe e raça em Ensino de História e Educação	UERJ	Alexandra Lima da Silva, Blanca Susana Veja Martínez	Educação
7	Ensino de História	UNICAMP	Raquel dos Santos Funari, Claudio Umpierre Carlan	História

Ordem	Grupo	Instituição	Líder(es)	Área de Predominância
8	Ensino de História, Mulheres e Patrimônio	UFMS	Jaqueline Aparecida Martins Zarbato	História
9	Ensino de História e História da Educação	UNEB	José Gledison Rocha Pinheiro	Educação
10	Ensino de História em Debate	UFMS	Cintia Lima Crescêncio	História
11	Ensino de História, memória e culturas	UDESC	Caroline Jaques Cubas, Nucia Alexandra Silva de Oliveira	História
12	Ensino de História nos Países de Língua Oficial Portuguesa (PALOP)	UNIFESP	Fábia Barbosa Ribeiro	História
13	Ensino de História: saberes, fazeres e narrativas	UFAC	José Dourado de Souza	História

Ordem	Grupo	Instituição	Líder(es)	Área de Predominância
14	Ensino De História, Teorias e Questão Étnico-racial	UNIR	Tadeu Pereira dos Santos	História
15	ENSINO DE HISTÓRIA: quais desafios a enfrentar	UFMA	Telma Bonifácio dos Santos Reinaldo	História
16	Ensino de Histórias e Culturas Africanas e Afro-Brasileira	IFRJ	Janaina Pereira de Oliveira	Educação
17	GPEH Grupo de Pesquisa Ensino de História	UENP	Luis Ernesto Barnabé, Marisa Noda	História
18	GPEHH (Grupo de Pesquisa Ensino de História e Historiografia)	UNASP	Dayana de Oliveira Formiga	História

Ordem	Grupo	Instituição	Líder(es)	Área de Predominância
19	Grupo de Estudos Currículo, Conhecimento e Ensino de História	UFRJ	Carmen Teresa Gabriel Le Ravallec, Marcus Leonardo Bomfim Martins	Educação
20	Grupo de Estudos e Pesquisa em Ensino de História	UFJF	Yara Cristina Alvim	Educação
21	Grupo de Estudos e Pesquisa em Ensino de História – GEPEH	UFC	Ana Carla Sabino Fernandes	História
22	Grupo de Estudos e Pesquisa em Ensino de História – GEPENH	UEFS	Carlos Augusto Lima Ferreira, José Augusto Ramos da Luz	História
23	Grupo de Estudos e Pesquisas em Avaliação, Currículo e Ensino de História – GEPACEH	UFJF	Marcus Leonardo Bomfim Martins	Educação

Ordem	Grupo	Instituição	Líder(es)	Área de Predominância
24	Grupo de Estudos e Pesquisas em Ensino de História – GEPEHIS	UEMG	Luísa Teixeira Andrade, Patrícia Karla Soares Santos Doro-téo	Educação
25	Grupo de Estudos e Pesquisas em Ensino de História e Formação de Professores	UFRJ	Ana Maria Ferreira da Costa Monteiro	Educação
26	Grupo de Estudos e Pesquisas em Historiografia e Ensino de História – GEPHENS	UNEB	Caroline de Araújo Lima, Geovani de Jesus Silva	Educação
27	Grupo de estudos e pesquisas formação docente, políticas e práticas de ensino de história – FORPRAXIS	UEMA	Ana Paula Ribeiro de Sousa	História

Ordem	Grupo	Instituição	Líder(es)	Área de Predominância
28	Grupo de pesquisa em Ditadura Militar, Sociedade e Ensino de História (GPEDSEH)	UFMT	Ary Albuquerque Cavalcanti Junior	História
29	Grupo de Pesquisa em Ensino de História, Diversidade e Inclusão – GPEHDI	UFES	Aline de Menezes Bregonci	Educação
30	Grupo de Pesquisa Ensino de História: Aprendizagem Histórica em espaços escolares e não escolares	UFS	Fábio Alves dos Santos, Itamar Freitas de Oliveira	Educação
31	História, Antropologia e Ensino de História em Fronteiras	UNIFAP	Giovani José da Silva	História

Ordem	Grupo	Instituição	Líder(es)	Área de Predominância
32	História e ensino de História	UEL	Marlene Rosa Cainelli, Marisa Noda	História
33	História Social e Ensino de História	UFRR	Monalisa Pavonne Oliveira, Benedito Carlos Costa Barbosa	História
34	Historiografia e Ensino de História: diálogos em trânsito	UFMS	Ana Paula Squinelo	História
35	Imagens, imaginários, representações – pesquisa e ensino de História	UEPG	Marco Antonio Stan- cik	História
36	InovEH – Inovação no Ensino de História	UFPB	Cláudia Cristina do Lago Borges, Priscilla Gontijo Leite	História

Ordem	Grupo	Instituição	Líder(es)	Área de Predominância
37	Laboratório de Ensino de História da Universidade Federal Fluminense – LEHUFF	UFF	Rodrigo de Almeida Ferreira, Nívea Maria da Silva Andrade	Educação
38	Laboratório de Ensino de História e Humanidades Digitais (LA-BHED)	UFRR	Marcella Albaine Farias da Costa, Hstefany Pereira Muniz Araújo	Educação
39	Laboratório de Ensino de História e Tecnologias Digitais (LEHDI)	UFMT	Osvaldo Rodrigues Júnior, Renilson Rosa Ribeiro	História
40	Laboratório de Ensino de História LEH/Cap-UERJ	UERJ	Helena Maria Marques Araújo, Jose Roberto da Silva Rodrigues	História

Ordem	Grupo	Instituição	Líder(es)	Área de Predominância
41	Laboratório de Estudos e Pesquisas em Ensino de História – LAPEH	UESB	Maria Cristina Dantas Pina, Edinalva Padre Aguiar	História
42	Laboratório de Estudos em Ensino de História e Patrimônio Cultural / Leehpac	PUC-Rio	Juçara da Silva Barbosa de Mello, Mario Angelo Brandão de Oliveira Miranda	História
43	Laboratório de Estudos sobre a Formação de Professores e Ensino de História – LEFOPEH	UEPG	Paulo Eduardo Dias de Mello, Angela Ribeiro Ferreira	História
44	Laboratório de Humanidades Digitais e Ensino de História (E-Human@s)	UFRN	Vanessa Spinosa	História

Ordem	Grupo	Instituição	Líder(es)	Área de Predominância
45	Laboratório de pesquisas e aprendizagens em ensino de História	UFAM	Patricia Rodrigues da Silva	História
46	Laboratório de Pesquisas e Estudos em Ensino de História – LA-PEEHIS	UFF	Erika Bastos Arantes	História
47	Laboratório de Teoria, Metodologia e Prática do Ensino de História	UNIFESSPA	Daniel Brasil Justi, Victor da Silva Oliveira	História
48	Legatio: Grupo de Pesquisa, Ensino e Extensão em História Medieval e Ensino de História	UFOPA	Douglas Mota Xavier de Lima, Mariana Bonat Trevisan	História
49	LEHAL – Laboratório de Pesquisa em Ensino	UNILA	Éder Cristiano de Souza	História

Ordem	Grupo	Instituição	Líder(es)	Área de Predominância
	de História na América Latina			
50	Livro didático de História: sujeitos, práticas pedagógicas e ensino de História	UFTM	Flavio Henrique Dias Saldanha	História
51	MIMEHIS: Mídias, mediações e Ensino de História	UFMS	Renato Jales Silva Júnior	História
52	MNÊMIS: Memória, Identidade e Ensino de História	UERN	Aryana Lima Costa, Marcelo Vieira Magalhães	História
53	NEPHEPE: Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre História da Educação E Ensino de História em Pernambuco	UFPE	Eleta de Carvalho Freire	História

Ordem	Grupo	Instituição	Líder(es)	Área de Predominância
54	Núcleo de Pesquisa e Ensino de História – NUPEH	UESPI	Valério Rosa de Negreiros	História
55	Núcleo de Pesquisa e Práticas em Ensino de História	UFRJ	Fabio Garcez de Carvalho	História
56	NUPEHPE – Núcleo de Pesquisa em Ensino de História e Práticas Educativas	UFG	Paulo Cesar Inácio, Cláudio Lopes Maia	História
57	Pluriepistemologias e Ensino de História	UFJ	Cristiane de Assis Portela, Iara Toscano Correia	História
58	Roda de Histórias – Ensino de História no Recôncavo da Bahia	UFRB	Leandro Antonio de Almeida	História

Ordem	Grupo	Instituição	Líder(es)	Área de Predominância
59	Saberes Históricos: ensino de história, historiografia e patrimônios	UFPB	Ângelo Emílio da Silva Pessoa, Suelí-dia Maria Calaça	História
60	SaberHis – Saberes e Metodologias para o Ensino de História	UFPB	Ariane Norma de Menezes Sá	Educação
61	Tempo Rei – Laboratório de Ensino de História	UFMG	Ana Paula Sampaio Caldeira	História

Grupos de Pesquisa com Foco em Didática da História

Ordem	Grupo	Instituição	Líder(es)	Área de Predominância
1	GEPEDHI Grupo de Estudos e Pesquisas em Didática da História	UFPE	Arnaldo Martin Szlachta Junior	História

Ordem	Grupo	Instituição	Líder(es)	Área de Predominância
2	Grupo de Estudos em Didática da História - GEDHI	UEPG	Luis Fernando Cerri, Janaina de Paula do Espírito Santo	Educação
3	Laboratório de Estudos e Pesquisas em Didática da História - LEPE-DIH	UNESP	Ronaldo Cardoso Alves, Luciana de Fátima Marinho Evangelista	História
4	LADIH - Laboratório de Didática da História	FURB	Cíntia Régia Rodrigues	História
5	Núcleo de Pesquisa em Didática da História e Interculturalidade Crítica (NUPEDHIC)	UEM	Jean Carlos Moreno, Márcia Elisa Teté Ramos	História

Grupos de Pesquisa Focados em Educação Histórica

Ordem	Grupo	Instituição	Líder(es)	Área de Predominância
1	Cultura, Práticas Escolares e Educação Histórica	UFPR	Maria Auxiliadora Moreira dos Santos Schmidt	Educação
2	Educação Histórica: Consciência Histórica e Cultura	UNICENTRO	Geyso Dongley Germinari	História
3	GPEDUH: Grupo Pesquisador Educação Histórica - Consciência histórica e narrativas visuais	UFMT	Marcelo Fronza	História
4	Laboratório de Pesquisas e Práticas em Educação Histórica - LAPPEHis	UFAL	Lidia Baumgarten	História

¹ Conferir em: <https://anpuh.org.br/index.php/banco-de-projetos-de-ensino-de-historia>

² Disponível em: <https://anpuh.org.br/index.php/premio-dea-fenelon-para-praticas-pedagogicas-em-historia>

³ O Grupo de Trabalho Ensino de História (GTEH) aparece nos Anais do Simpósio Nacional de História no ano de 1999, ocorrido em Florianópolis (SC). Já no evento de 1995, as mobilizações em torno de sua efetivação ocorriam. Segundo os registros do Anais deste ano, estava programada a “reunião sobre o Ensino de História”, na Universidade de Pernambuco, sede do XVIIIº evento bianual. Será em 2003 que o grupo de trabalho incorporará em sua nomenclatura a palavra “Educação”, formando a denominação que conhecemos na atualidade, qual seja, GTEHE. Informações disponíveis em: <https://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/anpuhnacional/ANPUH.S18.pdf>; <https://anpuh.org.br/uploads/ANPUH.S20.R.pdf> e <https://anpuh.org.br/uploads/ANPUH.S22.R.pdf>

⁴ Os nomes das pesquisadoras Ana Maria Monteiro, Cristiani Bereta da Silva, Juliana Alves de Andrade, Márcia Elisa Teté Ramos, Mônica Martins da Silva, Raquel Alvarenga Sena Venera, Vanessa Spinosa foram indicados e aprovados por aclamação em 2025, na reunião bianual do GT Ensino de História e Educação, para constituir uma comissão com o intuito de montar um dossiê sobre a produção intelectual no campo do Ensino de História.

⁵ Disponível em <https://www.cafehistoria.com.br/historia-e-humanidades-digitais>

⁶ Nas memórias da professora Joana Neves, ela diz: “Nós criamos, dentro da ANPUH, um GT de ensino de história. Um grupo de trabalho sobre o ensino de história, o GTPEH, núcleo de trabalho de pesquisa e ensino de história. Começou com a Circe, Elza trabalhava muito, a Déa, a Raquel Gleizer, a Kátia Abud, eu a Ernesta Zamboni, nos integramos neste grupo, que se destinava a discutir e pesquisar o ensino de história dentro da ANPUH”. Ver <https://www.youtube.com/watch?v=6f-C2XlJtvo&t=2s>

⁷ Conferir em abeh.org.br

⁸ Estes eventos têm um histórico que antecede as discussões em torno da Associação Brasileira de Ensino de História. O I Encontro Perspectivas do Ensino de História data do ano de 1988, na Universidade de São Paulo. Foi quando se realizou “um movimento organizado que reuniu professores e pesquisadores para discutirem questões relacionadas ao ensino dessa disciplina e seu currículo” (Monteiro; Ralejo, 2019. p. 08). Já o Encontro Nacional de Pesquisadores do Ensino de História foi iniciado em 1993,

precisamente por essa “busca de afirmação do ‘ensino de’ como tempo/espaço de produção de conhecimentos” (Monteiro; Ralejo, 2019. p. 09).

⁹ Disponível em: <https://portal.conif.org.br/estudos/panorama-de-internacionalizacao-da-rede-federal-epct>

¹⁰ Conferir em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/bolsas/bolsas-e-auxilios-internacionais/encontre-aqui/paises/multinacional/programa-de-desenvolvimento-academico-abdias-nascimento>

¹¹ Ver: https://faculty.educ.cam.ac.uk/facultyweb_content/news/2302-Pereira

¹² Ver: <https://faculty.educ.cam.ac.uk/news/2502-abdias>

¹³ Conferir em: <https://itbc.gei.de/?lng=en>

¹⁴ Ver em: https://www.gei.de/en/knowledge-resources/glotrec-2?sword_list%5B0%5D=cihela&no_cache=1

¹⁵ Conferir em: <https://lapeduh.com/historico>

¹⁶ Conferir em: <https://lapeduh.com/arquivos/jornadas>

¹⁷ <https://repamfeh.wixsite.com/repamfeh/pt>

¹⁸ Conferir em: <https://repamfeh.wixsite.com/repamfeh/copia-de-quienes-somos> e

<https://ppeb.propesp.ufpa.br/index.php/br/programa/noticias/todas/762-clase-espejo-ideas-de-estudiantes-de-lima-sobre-chile-y-la-guerra-del-pacifico-influencia-de-sus-docentes-y-la-escuela>

¹⁹ Conferir em: <https://www2.uepg.br/gedhi/projeto-residente/>

²⁰ Conferir em: <https://www.pgh.ufrpe.br/pt-br/node/567>

²¹ Conferir em: citcem.org/grupos-investigacao/educacao-e-desafios-sociais/

²² Conferir em: <http://www.oficinasdehistoria.com.br/>

²³ Disponível em: <https://www.conicet.gov.ar/about-the-conicet/?lan=en>

²⁴ ROCHA, Helenice Aparecida Bastos; GONZALEZ, Maria Paula. O jardim do vizinho é mais bonito ou está mais longe de nossos olhos? Os conteúdos do passado recente na BNCC de História no Brasil e os NAP na Argentina. **Educar em Revista**, [S. l.], v. 37, 2021. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/77138>

²⁵ Disponível em: <https://sites.ufpe.br/gepifhri/laeh/>

²⁶ Disponível em <http://lattes.cnpq.br/4661859185167472>

²⁷ Conferir em: <https://www.gecceh.com/>

²⁸ <https://www.gecceh.com/copia-colaboradores>

²⁹ Conferir em: GABRIEL, Carmen Teresa. **Apprendre le passé et répondre aux demandes de notre présent: défis pour un curriculum d' histoire au Brésil**. Sciencelib, v. 1, p. 113-128, 2014. GABRIEL, Carmen Teresa. Penser le politique dans le travail éducatif: le cas de formation des professeurs

d'Histoire au Brésil. In: Christophe Niewiadomski; Patricia Champs-Remousseard. (Org.). **Comprendre le travail éducatif dans sa diversité**. 1ed. Villeneuve d'Ascq: Presses universitaires du Septentrion, 2018, v. 1, p. 117-136.

³⁰ Disponível em: [https://ppghp.unespar.edu.br/docentes/cyntia-simioni-franca#:~:text=Vice%2D%20coordenadora%20do%20GT%2FPR,UNESPAR%20\(2023%2D2024](https://ppghp.unespar.edu.br/docentes/cyntia-simioni-franca#:~:text=Vice%2D%20coordenadora%20do%20GT%2FPR,UNESPAR%20(2023%2D2024)

³¹ Pacievitch, Caroline; Santiago, Leia. Joan Pagès: utopia e luta na formação de professores de história. In: Santisteban, Antoni; Ferreira, Carlos Augusto (orgs.). **O ensino de história no Brasil e Espanha: uma homenagem a Joan Pagès Blanch**. Porto Alegre: Editora Fi, 2021, p. 274-298. Disponível em: <https://www.editorafi.com/132ensino>

³² Conferir em: <https://www.ridcs.com/> e <https://www.ridcs.com/grupo-coordinador>

³³ Ver em: <https://www.ridcs.com/grupo-coordinador>

³⁴ Conferir em <http://www.pnld.cchla.ufrn.br/>

³⁵ Ver OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de; FREITAS, Itamar. **A qualidade do livro didático de história**: Brasil, França e Estados Unidos. 1. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2016. OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de; COSTA, Aryana (Orgs.). **Para que(m) se avalia? Livros didáticos e avaliações (Brasil, Chile, Espanha, Japão, México e Portugal)**. 1ed. Natal: Editora da UFRN, 2014.

³⁶ Ver em: <https://polisemnemossine.com/projeto-mae-domingas/>

³⁷ Conferir em: <https://polisemnemossine.com/grupos-e-instituicoes-parceiras/>

³⁸ É possível conferir mais em: VIANNA, R.; de S.; LARANJEIRA, D. A. (orgs.). **Internacionalização do ensino superior: concepções e experiências**. Belo Horizonte: EdUEMG, 2018. Disponível em: <https://editora.uemg.br/component/k2/item/122-internacionalizacao-do-ensino-superior-concepcoes-e-experiencias>. Nesta obra, em sua 3ª parte, encontra-se artigo do projeto que narra como foi construída a parceria com a professora Barbara Bader e Isabella Menezes, do Museu do Ouro de Sabará/IBRAM.

³⁹ Conferir em: <https://www.ufrgs.br/ifch>index.php>historia-2>

⁴⁰ CV: <http://lattes.cnpq.br/9304053885604944>

⁴¹ CV: <http://lattes.cnpq.br/1558926679940968>

⁴² CV: <http://lattes.cnpq.br/8695520812750828>

⁴³ Disponível em: <https://revistas.um.es/educatio/about/editorialTeam>

⁴⁴ Consultar em: <https://lapeduh.com/revista/expediente>

⁴⁵ Consultar em: <https://aipedh.wordpress.com/revista-da-aipedh/expediente>

⁴⁶ Disponível em: <https://aipedh.wordpress.com/gestao-atual>

⁴⁷ Conferir em: <https://www.lattes.cnpq.br/web/dgp>

⁴⁸ Disponível em: <https://site.profhistoria.com.br/o-profhistoria>

⁴⁹ Conferir em: <https://site.profhistoria.com.br/capes-confere-destaque-para-a-selecao-de-doutorado-do-profhistoria>

⁵⁰ Conferir em: <https://site.profhistoria.com.br/linhas-de-pesquisa>

⁵¹ Conferir em: <https://site.profhistoria.com.br/autoavaliacao-e-planejamento>

⁵² Conferir em: <https://site.profhistoria.com.br/autoavaliacao-e-planejamento>

⁵³ A listagem de instituições que confirmam a prevalência de docentes de História junto a esta pós-graduação está disponível em: <https://site.profhistoria.com.br/docentes>

⁵⁴ Conferir Catálogo de dissertações e teses com palavra “ensino de história”: <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#!>

⁵⁵ O Apêndice 2 corresponde ao levantamento realizado em http://dgp.cnpq.br/dgp/faces/consulta/consulta_parametrizada.jsf. Soma-se a esse levantamento, a busca em sites de busca e levantamento realizado por Arnaldo Martins Szlachta Júnior para composição do GT Laboratórios - ABEH em 19 de março de 2024. As informações referem-se ao inserido no site de cada laboratório como descrição, objetivos e práticas.

⁵⁶ Conferir em: <https://sites.google.com/academico.ifs.edu.br/projetolabhist>

⁵⁷ Disponível em <https://www.ufrgs.br/lhiste/>

⁵⁸ Disponível em http://dgp.cnpq.br/dgp/faces/consulta/consulta_parametrizada.jsf

⁵⁹ Conferir em <https://dhi.uem.br/laboratorios>; <https://wp.ufpel.edu.br/leh/heduca> e <https://lehis-unicentro-irati.blogspot.com>

⁶⁰ Conferir em <https://ce.ufes.br/laboratorio-de-ensino-de-historia-lahis>

⁶¹ O Apêndice 2 diz respeito à listagem dos laboratórios de ensino de história considerando o levantamento realizado em http://dgp.cnpq.br/dgp/faces/consulta/consulta_parametrizada.jsf. Soma-se a esse levantamento, a busca em sites de busca e levantamento realizado pelo Professor doutor Arnaldo Martins Szlachta Júnior para composição do GT Laboratórios - ABEH em 19 de março de 2024.

⁶² CONÇALVES, N. G.; MONTEIRO, A. M. F. da C. Saberes e práticas docentes e ensino de história: temas, conceitos e referenciais (1970-2014). **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 33, e156257, 2017. DOI: 10.1590/0102-4698156257. O estudo analisou 130 artigos sobre ensino de História e destacou,

por exemplo, a forte presença de Ana Maria Monteiro como referência em sete trabalhos.

⁶³ Disponível em

<https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/histensino/about> Acesso em 22 de set. de 2025.

⁶⁴ Disponível em <https://rhhj.anpuh.org/RHHJ>

⁶⁵ Disponível em <https://lapeduh.com/revista/>

⁶⁶ Disponível em <https://lapeduh.com/revista/>

⁶⁷ Disponível em https://drive.google.com/file/d/1FSO2SmyxoZX-MGfRLaUI5NCExf3k_1hp/view?usp=sharing

⁶⁸ Disponível em https://drive.google.com/file/d/1FSO2SmyxoZX-MGfRLaUI5NCExf3k_1hp/view?usp=sharing

⁶⁹ Disponível em <https://docs.google.com/document/d/1-O5nrFP7ytHrj6JYRjWKwd9m3RasbqWT/edit>

⁷⁰ Disponível em https://drive.google.com/file/d/1FSO2SmyxoZX-MGfRLaUI5NCExf3k_1hp/view?usp=sharing

⁷¹ Disponível em https://drive.google.com/file/d/1FSO2SmyxoZX-MGfRLaUI5NCExf3k_1hp/view?usp=sharing

⁷² Disponível em https://drive.google.com/file/d/1FSO2SmyxoZX-MGfRLaUI5NCExf3k_1hp/view?usp=sharing

⁷³ Disponível em <https://aipedh.wordpress.com/revista-da-aipedh/>

⁷⁴ Disponível em:

<https://dataverse.harvard.edu/dataset.xhtml?persistentId=doi:10.7910/DVN/FMPBET>

⁷⁵ Segundo o mapeamento da ANPEd, são 190 revistas na área da Educação. Disponível em <https://fepae.notion.site/F-rum-de-Editores-de-Periodicos-da-rea-de-Educa-o-da-ANPEd-8fdc871e1edc41a491b1d92b43eeaf55>

⁷⁶ Disponível em <https://drive.google.com/file/d/13AAk7-ZJW9CGmPmVn3clShmJZ1l6uWgz/view?usp=sharing>. Listagem de títulos de livros e e-books de 2021 a 2024 cujo levantamento foi realizado a partir de Harzing's Publish or Perish 8.18.5091.9307 (2025)

⁷⁷ Conferir em: <https://museudapessoa.org/colecao/-associa-o-brasileira-de-ensino-de-hist-ria-abe-h/> e <https://www.youtube.com/@PesquisaMemóriasdeVida>

⁷⁸ Disponível em:

<https://sucupira.capes.gov.br/programas?regiao=Centro-Oeste|Nordeste|Norte|Sudeste|Sul&area-avaliacao=40&modalidade=1|2&grau=ME|MP|MP/DP|ME/DO&situacao=E M+FUNCIONAMENTO|EM+PROJETO&search=&size=20&page=0>



Editora Oitica

83 9 9943 2700

contato@editoraoitica.com.br

www.editoraoitica.com.br/loja

Tipografia

Alegreya Sans

Alegreya Sans Thin

Antonio